

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
PROGRAMA DE MESTRADO EM HOSPITALIDADE

**DESENVOLVIMENTO DO TURISMO RURAL NO NORTE DO
PARANÁ:
ESTUDO DE CASO DA FAZENDA UBATUBA/
APUCARANA/PR**

ROSISLENE DE FÁTIMA FONTANA

SÃO PAULO
2005

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
PROGRAMA DE MESTRADO EM HOSPITALIDADE

**DESENVOLVIMENTO DO TURISMO RURAL NO NORTE DO
PARANÁ:
ESTUDO DE CASO DA FAZENDA UBATUBA/
APUCARANA/PR**

ROSISLENE DE FÁTIMA FONTANA

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade e linha de pesquisa Políticas e Gestão em Hospitalidade e Turismo, da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Professora Dra. Ada de Freitas Maneti Dencker.

SÃO PAULO
2005

FICHA CATALOGRÁFICA

F758d Fontana, Rosislene de Fátima
Desenvolvimento do turismo rural no norte do Paraná:
estudo de caso da fazenda Ubatuba/ Apucarana/ Pr., São
Paulo, 2005.
159f.

Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade Anhembí
Morumbi, São Paulo.
Orientadora Prof^a Dr^a Ada de Freitas Maneti Dencker.

1. Turismo rural. 2. Planejamento turístico rural.
3. Hospitalidade. 4. Desenvolvimento local. 5. Qualidade de
vida. I. Rosislene de Fátima Fontana. II. Título.

CDU 379.85

Folha de aprovação

A Comissão examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação intitulada **Desenvolvimento do Turismo Rural no Norte do Paraná: Estudo de Caso da Fazenda Ubatuba/Apucarana/PR** apresentada em sessão pública por **Rosislene de Fátima Fontana**, aluna do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi, para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, realizada em 08 de agosto de 2005.

Prof^a Dr^a Ada de Freitas Maneti Dencker
Orientador/Presidente

Prof^a Dr^a Sarah Chucid Dá Viá
Componente Comissão Convidado – USP

Pr^f^a Dr^a Maria do Rosário Rolfsen Salles
Componente Comissão da UAM

*Aos meus pais Antonio e Ana,
Aos meus irmãos Rozislaine, Alexandra e Alan,
aos meus sobrinhos Thaynara e Murilo e
à minha mestra Dr^a Ada de Freitas Maneti Dencker.*

Agradecimentos

Ao longo da trajetória dessa dissertação, desde o início dos estudos até o momento presente que se consolida com sua finalização, agradeço às muitas pessoas que fizeram parte desse percurso:

- à minha família, pelo apoio e tolerância;
- à minha orientadora Dr^a Ada de Freitas Maneti Dencker, por acreditar no meu potencial, e ainda, pela dedicação, apoio, paciência e ensinamentos fundamentais para a realização desse trabalho;
- aos demais professores do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi-Morumbi, que contribuíram para a ampliação de meus conhecimentos científicos, especialmente às Dra. Célia Maria de Moraes Dias e Dra Marielys Siqueira Bueno, membros da banca de qualificação por suas contribuições, e à Dra Sênia Bastos, coordenadora do programa de mestrado em hospitalidade pelas orientações quanto à formatação do trabalho
- aos meus companheiros do mestrado, pelo incentivo e contribuições durante o curso;
- à Alessandra, secretária do programa do mestrado, pelo apoio e carinho;
- a todos da Fazenda Ubatuba, que me receberam e contribuíram para a realização da pesquisa;
- aos entrevistados, que gentilmente me receberam e colaboraram com informações de suma importância para a pesquisa;
- às instituições de ensino Unipar-Paranavaí e Fap-Apucarana, pelo auxílio durante o curso;
- aos amigos professores das instituições de ensino em que leciono, pelo incentivo e apoio;
- aos colaboradores técnicos pela boa vontade;
- aos meus alunos, pelo incentivo e tolerância;
- aos meus amigos pela contribuição moral, afetiva e intelectual;
- a todos os demais que contribuíram e me acompanharam durante toda a trajetória do mestrado.

*Eu quero uma casa no campo
Onde eu possa compor muitos rocks rurais
E tenha somente a certeza
Dos amigos do peito e nada mais
Eu quero uma casa no campo
Onde eu possa ficar no tamanho da paz
E tenha somente a certeza
Dos limites do corpo e nada mais
Eu quero carneiros e cabras pastando solenes
No meu jardim
Eu quero o silêncio das línguas cansadas
Eu quero a esperança de óculos
E um filho de cuca legal
Eu quero plantar e colher com a mão
A pimenta e o sal
Eu quero uma casa no campo
Do tamanho ideal, pau-a-pique e sapé
Onde eu possa plantar meus amigos
Meus discos e livros
E nada mais.*

Casa no Campo
Zé Rodrix e Tavito

RESUMO

O turismo rural vem sendo investigado por estudiosos de diversas áreas cujo objeto de pesquisa são as problemáticas vivenciadas pelo homem do campo, principalmente àquelas relacionadas à geração de emprego e renda rural. Embora importante, o fator econômico não deve ser o único elemento a ser levado em conta na análise da atividade turística na zona rural. O planejamento do turismo rural deve ser estudado e pesquisado visando sua descrição e caracterização, de maneira que a atividade seja desenvolvida buscando de forma equilibrada a preservação cultural e ambiental do local, bem como a inserção da comunidade, para que a atividade turística possa agregar renda e qualidade de vida aos seus residentes e ao mesmo tempo, possibilitar aos visitantes um contato com o meio rural – seus usos e costumes, buscando a sustentabilidade econômica, ambiental e cultural da comunidade. O presente trabalho conceitua e relata o desenvolvimento do turismo rural inicialmente na Europa e posteriormente no Brasil, especificando a região norte do estado do Paraná. A pesquisa empírica desenvolvida utiliza a metodologia de estudo de caso único, tendo como objeto a Fazenda Ubatuba, localizada no município de Apucarana, descrevendo o processo de implantação, desenvolvimento e encerramento do empreendimento turístico: Hotel Fazenda Ubatuba, que funcionou no local no período de julho de 2003 a dezembro de 2004.

Palavras-chave: turismo rural, planejamento turístico rural, hospitalidade, desenvolvimento local, qualidade de vida.

ABSTRACT

Rural tourism has been investigated by scholars of several areas whose research subject has been the problems faced by country people, mainly the ones related to job offers and rural income. Although the economical factor is considered important, it should not be the only element to be regarded in the analysis of tourism activities in rural area. The rural tourism planning must be studied and researched aiming its description and characterization so that the activity can be developed looking for reaching cultural and environmental preservation of the place in a balanced way, as well as the community insertion in a way the tourism activity can join income and life quality to its residents and at the same time can permit the visitors to have contact with the rural environment – its uses and customs, aiming to get economical, environmental and cultural sustenance of the community. The present work conceptualizes and reports the development of rural tourism at first in Europe and after in Brazil, specifically in the northern region of Parana State. The empirical research that was developed employs the methodology of only case study, having as research object the *Fazenda Ubatuba* (Ubatuba Farm) located in the city of Apucarana, describing the implementation, development and closing processes of the *Fazenda Ubatuba* Hotel that happened in the mentioned place from July, 2003 to December, 2004.

Key words: rural tourism, rural tourism planning, hospitality, local development, life quality

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Principais iniciativas de Turismo no Espaço Rural no Brasil.....	29
Figura 02: Mapa turístico do Brasil com destaque para o estado do Paraná.....	33
Figura 03: Mapa de localização da área de estudo.....	60
Figura 04: Foto de um quadro pintado na época das atividades da Fazenda Ubatuba, retratando a produção do café	62
Figura 05: Planta da Fazenda Ubatuba, uso atual e ocupação do solo	64
Figura 06: Levantamento do potencial turístico da Fazenda Ubatuba	65
Figura 07: Mapa de Acesso e Principais Rodovias do Município de Apucarana	69
Figura 08: Vista parcial do jardim da Fazenda Ubatuba	70
Figura 09: Vista parcial dos casarões da Fazenda Ubatuba	70
Figura 10: Vista da Casa Grande da Fazenda Ubatuba	71
Figura 11: Vista da Casa de hóspedes Rubiácea da Fazenda Ubatuba	72
Figura 12: Vista da Casa de hóspede Maragogipe da Fazenda Ubatuba	72
Figura 13: Vista Panorâmica do Chalé Mundo Novo da Fazenda Ubatuba	73
Figura 14: Vista da Capela da Fazenda Ubatuba	73
Figura 15: Vista frontal do restaurante da Fazenda Ubatuba	74
Figura 16: Visão interna do restaurante da Fazenda Ubatuba	74
Figura 17: Vista da Cachoeira Ubatuba localizada na Fazenda Ubatuba	75
Figura 18: Passeio de charrete na Fazenda Ubatuba	75
Figura 19: Ordenha realizada na Fazenda Ubatuba	76
Figura 20: Campo de futebol do Hotel Fazenda Ubatuba	76
Figura 21: Vista panorâmica do Salão de Eventos do Hotel Fazenda Ubatuba	77

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A: Formulário para entrevista: Arrendatário do Hotel Fazenda Ubatuba	108
Apêndice B: Formulário para entrevista: Família Schindler (ex-proprietária da Fazenda Ubatuba)	109
Apêndice C: Formulário para entrevista: Grupo Massa & Massa (comprador da Fazenda Ubatuba)	110
Apêndice D: Formulário para entrevista: visitantes do Hotel Fazenda Ubatuba ..	112
Apêndice E: Formulário para entrevista: ex-funcionários do Hotel Fazenda Ubatuba	113
Apêndice F: Formulário para entrevista: comunidade local	114
Apêndice G: Íntegra da entrevista com o arrendatário do Hotel Fazenda Ubatuba	115
Apêndice H: Íntegra da entrevista com o ex-proprietário da Fazenda Ubatuba ...	119
Apêndice I: Íntegra da entrevista com o comprador da Fazenda Ubatuba	123
Apêndice J: Quadro de análise das entrevistas realizadas com os visitantes do Hotel Fazenda Ubatuba	126
Apêndice K: Quadro de análise das entrevistas realizadas com os ex-funcionários do Hotel Fazenda Ubatuba	132
Apêndice L: Quadro de análise das entrevistas realizadas com a comunidade local	136
Apêndice M: Autorizações dos entrevistados para publicação	139

LISTA DE ANEXOS

Anexo A: Mídia incentiva turismo rural	152
Anexo B: Entrevista da historiadora Patrícia M. Freitas	153
Anexo C: Divulgação do Hotel Fazenda Ubatuba no Jornal Turismo é Aqui!	154
Anexo D: Matéria publicada na Revista Veja	155
Anexo E: Matéria publicada no Jornal Tribuna do Norte	156
Anexo F: Folder do roteiro Caminho das Águas – circuito da fé: turismo rural	157
Anexo G: Matéria publicada no jornal Tribuna do Norte (matéria)	158
Anexo H: Matéria publicada no jornal Apucarana é exemplo – ed. abril/2005	159

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
I. CONCEITUAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO TURISMO RURAL	17
1.1. Conceituando Turismo Rural	18
1.2. O Turismo Rural na Europa	21
1.3. O Brasil e o Turismo Rural	24
1.4. A distribuição do turismo rural brasileiro.....	28
II. O ESTADO DO PARANÁ E O TURISMO RURAL	33
2.1. A atividade turística rural no Paraná	37
III. O PLANEJAMENTO TURÍSTICO E O TURISMO RURAL	41
3.1. Planejamento Turístico	41
3.2. Planejamento do turismo rural	46
3.3. Planejamento turístico e hospitalidade	48
IV. TURISMO RURAL: PANACÉIA OU UTOPIA?.....	52
4.1. Estudo de caso: Turismo Rural na Fazenda Ubatuba.....	54
4.1.1. Procedimento Metodológico	55
4.1.2. Hotel Fazenda Ubatuba: sua história e suas características	61
4.1.2.1. Descrição da propriedade e do Hotel Fazenda Ubatuba	63
4.2. Hotel Fazenda Ubatuba: suposto caso de sucesso de turismo rural	77
4.3. Fazenda Ubatuba: o insucesso do turismo rural.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS, ARTIGOS E DEMAIS PUBLICAÇÕES	102
SITES	107
APÊNDICES	108
ANEXOS	152

INTRODUÇÃO

O turismo é uma prática social cuja importância vem crescendo neste início de século, principalmente em decorrência das transformações sofridas pela sociedade, como urbanização, modificações nas relações de trabalho, alterações no perfil da população mundial e ainda, na divulgação de questões ligadas ao meio ambiente e ao desenvolvimento técnico-científico.

Tratar turismo como prática social torna-se muito mais abrangente do que tratá-lo como atividade econômica. Entender as relações existentes entre os atores envolvidos, decorrentes do processo turístico, bem como os impactos que tal atividade gera na comunidade receptora, vai além do simples fato econômico, envolvendo as relações sociais e ambientais que o turismo provoca na localidade.

Dentre as diversas formas de turismo disponibilizadas para o lazer, entretenimento e descanso do turista, têm-se percebido um crescente interesse pela atividade turística localizada no campo, principalmente o turismo rural.

A cada dia mais e mais pessoas têm procurado a zona rural como um refúgio da correria do dia-a-dia das grandes cidades. Buscam o contato com a natureza, com a cultura e a história já não mais contada e encontrada nos grandes núcleos populacionais.

À medida que a demanda pelo turismo rural tem crescido, incentivada pela divulgação da oferta existente em revistas e cadernos de turismo que estimulam a idéia do turismo rural como uma forma tanto de lazer quanto de volta às origens, os produtores rurais procuram acompanhar essa mudança no comportamento do consumidor identificando nela uma promissora oportunidade de negócios. A idéia predominante é de que hoje o turista que vem dos centros urbanos se mostra mais preocupado com questões ambientais e culturais, exigindo com que os empreendimentos turísticos também fiquem atentos para estes fatos.

O turismo de massa, cujo início se deu a partir da segunda metade do século XX, tem como principal característica seu preço mais acessível, possibilitando que a classe média e baixa também possa usufruir da atividade turística - atividade que até então era privilégio das classes sociais com maior poder aquisitivo (DIAS; AGUIAR, 2002; BARRETO, 2003). Isso é estimulado por meio de pacotes mais econômicos de viagens em

grupo oferecidos pelas agências e divulgados em jornais e revistas com formas parceladas de pagamento.

Enquanto que o turismo de massa está voltado para o atendimento de um número significativamente grande de turistas, o turismo sustentável busca o equilíbrio entre o homem, o meio ambiente e a atividade turística. Para o turismo sustentável, mais importante do que o próprio turismo é a preservação e conservação do meio ambiente, a inserção social dos residentes, a geração de renda e a melhoria da qualidade de vida, de tal forma que o local suporte o contato e uso do homem e, ao mesmo tempo, mantenha-se para que as gerações futuras também possam dele usufruir (SWARBROOKE, 2000).

Em consequência, o turismo de massa tem se tornado uma preocupação constante de estudiosos da área, principalmente quando o foco das discussões é o desenvolvimento sustentável. Cada vez um número maior de pessoas tem a consciência da necessidade da preservação ambiental e social para a continuidade da espécie humana.

O crescimento do número de viagens pode ser interpretado como uma decorrência de que os indivíduos se tornaram conscientes sobre a importância do lazer para seu equilíbrio pessoal, passando a valorizar a vivência de momentos de descontração e lazer junto à família e amigos. Existe hoje a percepção de que o lazer é um elemento fundamental para a sustentação da saúde física e psíquica, como um meio para balancear o estresse da vida urbana e isso vem levando os habitantes das cidades a buscar ambientes com melhor qualidade de vida do que aquela existente no seu entorno, principalmente no que se refere a um ambiente calmo, o que possibilita uma verdadeira volta no tempo, um maior equilíbrio entre o homem e a natureza.

O turismo rural é uma atividade que deve ser vista e entendida como sendo um complemento às atividades agrícolas das propriedades rurais, de tal forma que o cotidiano da vida rural, em menor ou maior intensidade, continue a existir. Importante, portanto, torna-se o processo de planejamento e implantação de tal atividade, preservando as raízes e atividades cotidianas da propriedade, sendo essas características os principais atrativos para quem busca o turismo rural.

Sendo assim, as ocupações complementares geradas pelo turismo rural constituem uma agregação de serviços aos produtos já existentes na propriedade, e que permitem ainda a valorização dos bens não-materiais que a mesma possui.

Infelizmente, o que se tem percebido, e os resultados com a pesquisa desenvolvida no presente trabalho parecem confirmar, é que, na maioria dos casos, o imprevisto está presente no desenvolvimento da atividade turística denominada de turismo rural, acarretando, no decorrer da existência da mesma, impactos negativos percebidos tanto na propriedade quanto na comunidade local, gerando ainda a insatisfação dos turistas que buscam no turismo rural uma forma de recuperação dos impactos gerados pela vida na cidade.

Esse aparente imprevisto das atividades turísticas relacionadas ao turismo rural inquietou o pesquisador, instigando-o à investigação dessa problemática. Para tanto, fez-se necessário investigar como o turismo vem se desenvolvendo nas propriedades rurais, quais as formas de planejamento e técnicas de implantação, tomando como objeto de estudo a região norte do Paraná onde o turismo vem sendo apresentado como opção para minimizar a migração das populações rurais para os centros urbanos. Percebendo que a implementação inadequada da atividade pode gerar problemas para as comunidades optou-se por um estudo qualitativo, em profundidade, utilizando-se o método do estudo de caso, de um empreendimento existente no município de Apucarana, a Fazenda Ubatuba.

No início da pesquisa, a propriedade possuía um empreendimento turístico denominado Hotel Fazenda Ubatuba, considerado por muitos na região como um modelo de turismo rural. No decorrer da pesquisa, a propriedade foi vendida e o empreendimento turístico fechado. Dessa forma, o presente trabalho investiga as questões geradas por essa situação na vida da comunidade local procurando entender suas causas ou possíveis elementos que contribuíram para a ocorrência dos fatos verificados durante a pesquisa.

Para um melhor entendimento do conteúdo aqui apresentado optou-se por iniciar a dissertação com as bases conceituais que permitiram a formação do que se entende por turismo rural, como essa prática social evoluiu até chegar ao Brasil, especificamente ao norte do Paraná, para, na sequência, apresentar os resultados obtidos com o estudo de caso realizado. Assim, o capítulo 1 apresenta uma evolução conceitual e histórica da atividade, tanto na Europa quanto no Brasil. O capítulo 2 se dedica a uma explanação do turismo rural desenvolvido no estado do Paraná. No capítulo 3, procura-se entender as questões referentes

ao planejamento e como esse se relaciona com o turismo rural, tentando incorporar a questão da hospitalidade, como elemento necessário para o sucesso da atividade turística e bem-estar dos envolvidos no processo.

O capítulo 4 apresenta os dados referentes ao estudo de caso definido para o trabalho, percorrendo todo o processo de implantação do turismo rural na Fazenda Ubatuba, desde o início até o encerramento de tais atividades, bem como dos impactos gerados na comunidade local.

Espera-se com isso agregar material ao conhecimento existente sobre turismo rural de forma a permitir que sejam superados modelos inadequados de avaliação de seus efeitos e benefícios, por meio da descrição de diferentes olhares e posicionamentos identificados pela pesquisa em relação ao caso estudado. Embora não seja possível generalizar os resultados de um estudo de caso, é bem possível que situações semelhantes ocorram em outros locais e o conhecimento desse caso específico poderá se somar a outros, contribuindo para ampliar o conhecimento sobre o assunto.

I. CONCEITUAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO TURISMO RURAL

Segundo Boullón (2004), a população que atualmente habita em cidades é cerca de 54% da população mundial, visto que dessas, aproximadamente 20% (cerca de 500 milhões), saem de suas casas nos fins de semana com a intenção de passar o dia ao ar livre ou de consumir algum serviço recreativo na cidade. Em qualquer lugar do mundo, a grande maioria de viajantes com finalidade turística são provenientes de centros urbanos onde os salários são mais altos, existem mais informações sobre as possibilidades de viajar e a necessidade de sair fora da cidade nos períodos de tempo livre é maior.

Esses turistas possuem uma preocupação com a qualidade ambiental dos locais a que se dirigem, ao mesmo tempo que são motivados por atividades recreativas e de lazer diferenciadas, de modo que seu tempo livre seja preenchido de forma satisfatória. A busca do lazer, da qualidade de vida, de atividades que fujam à rotina estafante da cidade está na base da motivação dos turistas de hoje cujo objetivo é vivenciar experiências diferentes daquelas que experimentam em sua vida diária.

Para Salles (2003, p.31):

A tranquilidade e o relaxamento aliados à autenticidade do local e o convívio com os autóctones e seus costumes também fazem parte desta preocupação, o que justifica um desenvolvimento do turismo nos segmentos aliados à natureza e à vida no campo, tornando o turismo no meio rural um dos segmentos que tem gerado maiores mudanças e pesquisas com relação ao desenvolvimento com sustentabilidade.

Essa postura do turista exige uma nova forma de planejamento para as localidades onde há recursos naturais e culturais e que possuam potencialidades para a implantação do turismo. Considerando que os locais procurados pelos turistas já não mais se restringem ao modelo sol e praia, abrem-se oportunidades para práticas alternativas de turismo em outros espaços, como por exemplo, no espaço rural, onde o cidadão habituado à vida na cidade tem a oportunidade de vivenciar uma vida mais calma e saudável em contacto com a natureza, além de poder conhecer e muitas vezes participar das atividades próprias da vida rural.

Essa tendência aparece para os produtores rurais como uma oportunidade de agregar valor a seus negócios, sendo muitas vezes responsável por um aumento das oportunidades de trabalho no campo e permitindo uma maior oportunidade de emprego e

renda para os habitantes das zonas rurais. Nesses casos, é importante atentar para o fato de que para a atividade turística alcançar sucesso e condições de sustentabilidade no meio rural é necessário que se procure preservar o desempenho das atividades agrárias nas propriedades e, ainda, envolver as áreas do entorno, as quais podem se beneficiar com a demanda turística.

Pode-se observar que o turismo rural, em algumas regiões, vem se desenvolvendo de forma satisfatória, apresentando-se como uma opção viável e de significativo retorno econômico; contudo, como em toda atividade inovadora, multiplicam-se os riscos envolvidos em sua implantação, principalmente em razão da “relativa inexperiência do homem do campo com uma atividade não tradicional, aliada ao desconhecimento da maioria das nuances e especificidades do turismo no espaço rural” (ALMEIDA; RIEDL, 2000, p. 9).

Com isso, torna-se de vital importância que o meio rural esteja preparado para receber os turistas cujos benefícios para o produtor e para a comunidade local podem ser inúmeros, desde que saibam desenvolver e implantar essa atividade de forma sustentável.

1.1. Conceituando Turismo Rural

Existem diferentes formas de conceituar o turismo rural. Para que se tenha uma idéia mais aproximada do que se entende por turismo rural é necessária uma revisão dos conceitos existentes, o que além de aumentar a possibilidade de compreensão do fenômeno permitirá contextualizar a atividade bem como seu desenvolvimento na Europa e no Brasil.

Para Ruschmann (1998, p.49), o turismo rural deve “[...] estar constituído sobre estruturas eminentemente rurais, de pequena escala, ao ar livre, proporcionando ao visitante o contato com a natureza, com a herança cultural das comunidades do campo, e as chamadas sociedades e práticas ‘tradicionais’”.

Nessa definição, a autora enfatiza principalmente a questão do ambiente e da convivência no espaço rural, destacando a questão da cultura local, o que seria mais representativo no caso de propriedades com economia em pequena escala. O mesmo pode ser encontrado na definição de Moletta (1999, p.9), de que o turismo rural é,

[...] uma atividade de lazer que o homem urbano procura junto às propriedades rurais produtivas, buscando resgatar suas origens culturais, o contato com a natureza e a valorização da cultura local. Já para o homem do campo significa um meio para aumentar a sua renda mensal, de forma harmônica, valorizando sua propriedade e o seu estilo de vida.

Na definição de Moleta, inclui-se a perspectiva daquele que recebe, destacando o turismo como uma oportunidade não somente de ganhos, mas também de revalorização do seu próprio estilo de vida.

Olga Tulik (2003, p.86-87), analisando diversos autores que tratam do turismo rural, considera que a atividade deve estar relacionada,

[...] especificamente, ao meio e à produção rural. Se a idéia é de complementar a renda do pequeno produtor rural, gerar emprego, evitar o êxodo rural e promover o desenvolvimento local, o Turismo Rural deve ser conceituado como uma atividade que considere os atributos essenciais do que é, de fato, rural.

O turismo rural, “con una intencionalidad inicial de revalorizar las áreas rurales como algo más que meras productoras de alimentos, [...] incluye los símbolos identitarios de éstas (estilos de vida, lenguaje, trabajo, [...] relaciones sociales, formas de ocio, etc.)” (SANTANA TALAVERA, 2002, p.4).

Para Cavaco (2001, p.109), quando falamos em turismo rural,

[...] pensamos não só nos espaços procurados como também, nos tipos de alojamentos oferecidos, nas classes sociais envolvidas, na organização familiar ou social das férias, nos comportamentos dos turistas como consumidores. [...] o turismo rural é um turismo de espaços naturais e, sobretudo, de espaços humanizados, ativo ou apenas contemplativo.

Rodrigues (2000, p.51-54) afirma que “o turismo rural é uma modalidade ainda relativamente nova no Brasil quando comparada a outras [...]”, definindo que “o turismo rural estaria correlacionado a atividades agrárias passadas e presentes que conferem à paisagem sua fisionomia nitidamente rural, diferenciando-se das áreas cuja marca persistente é o seu grau de naturalidade, relativo a ecossistemas ricos em biodiversidade”.

Nas definições de Tulik, Cavaco e Rodrigues, a ênfase está na atividade produtiva desenvolvida no meio rural e suas peculiaridades, sendo o turismo um meio de agregar valor a essas atividades de forma complementar. Com esse enfoque, o turismo rural difere do turismo em áreas naturais, pois necessariamente deverá acontecer em um espaço

onde a produção rural acontece. Com isso, o meio rural passa a assumir um novo papel além da produção agrária, devendo se adequar à dinâmica de mercado no que se refere à formatação desse novo produto.

Conforme afirma Calvente (2000, p.30), “a idéia de regeneração rural, significando a definição do novo papel que o meio rural deve desempenhar na sociedade, além do abastecimento alimentar, função primordial desempenhada ao longo dos séculos, [...] usos múltiplos [...]”, dotando o espaço rural de diferentes funções, dentre elas, a turística. Para o autor, esse novo processo de produção no meio rural é chamado de pós-fordismo, ou seja, deve ser flexível, com produtos diferenciados para públicos diferenciados, contrapondo-se à idéia da produção em massa, que objetiva grande quantidade e produtos iguais, a qual é denominada fordismo¹.

Assim, é importante a questão da diferenciação entre os produtos que constituem a oferta turística para que haja um maior poder de atração. No caso do turismo rural, uma das formas possíveis de diferenciação do produto é a sua tematização, realizada com a utilização de símbolos e/ou motivos de diversas índoles para materializar espaços específicos de consumo. Por meio da homogeneização de temas relacionados às atrações e mesclados com a cultura, história, lendas, mitos e/ou temas diversos, o produto se diferencia dos demais, dotando-se de conteúdo e oportunizando seu consumo (PAIXÃO; *et al*, 2004).

Um marco na definição de turismo rural pode ser encontrado na ‘Carta de Joinville’², elaborada por ocasião da finalização dos trabalhos do Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável realizado em 2004, que formulou o seguinte conceito:

Turismo Rural é aquele que, do ponto de vista geográfico, acontece no espaço rural; do ponto de vista antropológico, oferece ao visitante a possibilidade de vivências da cultura rural; do ponto de vista socioeconômico, representa um complemento às atividades agropecuárias e, finalmente, do ponto de vista do imaginário, atende às expectativas de evasão da rotina urbana e de realizar outras experiências de vida.

¹ Fordismo – é uma forma de referenciar a fase, por muitos chamada de moderna, marcada pelo modelo criado por Henry Ford e pelas grandes indústrias denominadas fábricas gordas. O marco desse modelo foi a linha de produção com produção em massa.

² Documento elaborado durante o IV CITURDES (Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável), realizado na cidade de Joinville-SC, no mês de maio de 2004, contendo reflexões e recomendações dos grupos de trabalhos participantes do evento, que expressaram aspirações, dentre outras, de estruturar uma rede latino-americana integrada por pesquisadores em Turismo Rural. Disponível em: <www.turismorural.org.br/abrattur/>.

O conceito assim definido engloba as definições citadas anteriormente e organiza sob enfoques diversos o sentido de turismo rural. Para efeito do presente trabalho, e considerando as diferentes definições aqui elencadas, considerar-se-á como turismo rural as atividades turísticas praticadas em propriedades rurais produtivas, envolvendo a população local, seus usos e costumes, com a finalidade de complementar a renda e valorizar a cultura dos residentes, ao disponibilizar uma opção de turismo alternativo que vá ao encontro das necessidades de lazer do homem urbano.

1.2. O Turismo Rural na Europa

Quanto às suas origens o turismo rural teve início na Europa, estendendo-se para os demais continentes, visto que:

Desde os anos 50, em numerosos países do Norte e do Centro da Europa, e certamente desde os anos 70 nos países do Sul, o turismo rural é considerado como uma estratégia com futuro, uma vez que contribui para a fixação da população, a criação de emprego e, sem dúvida, a promoção do desenvolvimento sócio-econômico das zonas desfavorecidas (CADERNO *LEADER*)³.

O processo de revalorização do rural teve um marco conhecido, integrando a Espanha à União Européia, ao mesmo tempo em que criava a Política Agrária Comum (PAC), pela Comunidade Econômica Européia (CEE), em 1962. A PAC passou por três reformas, de modo que a terceira, aprovada em 1999, entrando em vigor em 2000, consagrou o novo modelo de espaço rural, em que os critérios antes exclusivamente produtivistas, agora estariam claramente definidos. O objetivo era um desenvolvimento integrado dos territórios rurais, com base no critério de multifuncionalidade e diversificação econômica, resultando em um novo discurso para o turismo rural.

O desenvolvimento rural despontou, então, com um valor inovador no enfoque territorial, que propicia desde a concepção de território-suporte⁴ à território-recurso⁵,

³ Citação retirada do artigo “Comercializar um turismo rural de qualidade”, do caderno *LEADER*, disponível no site: www.rural-europe.aeidl.be/rural-pt/biblio/touris/art03.htm, acessado em 22/03/03.

⁴ Território-suporte é aquele cujas peculiaridades fisiográficas permitem o desenvolvimento secundário de atividades que não poderiam ser desenvolvidas em áreas nobres produtivas, como a criação da pecuária. O território-suporte depende da importação de outras regiões para atender a demanda de produtos agrícolas que não podem ser produzidos no mesmo. (DIÁRIO DO NORDESTE, 09/02/2004)

identificando-se cada vez mais com a cultura local e cuidando dos aspectos da imagem e identidade do território rural europeu (AGUILAR CRIADO *et al*, 2003).

Assim, as novas funções de uma ruralidade disposta a satisfazer recentes demandas sociais, não só no consumo direto, mais também na qualidade ambiental, paisagística e cultural, propiciou o relançamento de uma oferta que consolidou estes lugares como espaços de ócio a partir de um cuidadoso processo de descobrimento de sua potencialidade turística.

Anteriormente, em 1991, com as Iniciativas *Leader*, foram concebidas medidas com pacotes específicos destinados a amenizar os impactos da aplicação da PAC em áreas dotadas de um menor crescimento econômico. O êxito do *Leader* se define pela mobilização conjunta das distintas administrações públicas, nos níveis europeu, estatal, autônomo, local e privado, assim como a criação de um novo marco institucional nas zonas de aplicação das iniciativas, os denominados Grupos de Ação Local e Centros de Desenvolvimento Rural (CEDER) (AGUILAR CRIADO *et al*, 2003).

Atualmente, com mais de uma década de existência, o Projeto *Leader*⁶ tem se consolidado como o principal agente de desenvolvimento rural na Europa, atingindo mais de 50% da superfície rural europeia onde vivem mais de 50% da população rural (AGUILAR CRIADO *et al*, 2003).

Para Requena & Avilés (*apud* GROLLEAU⁷, 2003), a expressão ‘turismo rural’ corresponde a realidades bem diferentes e complexas, entendida como acolhimento turístico nas explorações agrícolas, englobando na maior parte dos casos o turismo verde, tranquilo, alternativo, diferente, local, de espaço, no campo; cuja característica comum seria por ser um turismo local, desejado e gerido pelos próprios residentes, um turismo de encontro e de partilha.

⁵ Território-recurso é aquele que cuja potencialidade permite novas concepções e opções de desenvolvimento, possibilitando a multifuncionalidade dos espaços rurais e a conseqüente diversificação da economia local, como por exemplo, o desenvolvimento da atividade turística rural. (LA FUNCIÓN TERRITORIAL, LAS POLÍTICAS DE DESARROLLO RURAL Y LAS EXPERIENCIAS LEADER. Disponível em www.usc.es/~idega/conclusionb.html.

⁶ Projeto *Leader* – essa iniciativa fundamenta-se na promoção local do desenvolvimento das economias rurais, identificando alternativas inovadoras e eficazes com valor exemplificativo e viável. Segundo MacSharry (*apud* BLOS, 2000), a filosofia do projeto *Leader* é de que o desenvolvimento rural deve partir de um desejo comum de todos os atores radicados no cenário local, conhecedores plenamente da realidade local e decididos em alcançar objetivos comuns.

⁷ Texto publicado no *Leader Magazine* n° 4, outono/1993, disponível em: www.rural-europe.aeidl.be/rural-pt/iblio/touris/art01.htm.

O turismo tem se mostrado capaz de promover amplos benefícios econômicos, gerando emprego e absorvendo força de trabalho dos demais setores produtivos, modificando comportamentos e incitando a reconstrução de paisagens, patrimônios e culturas. Assim, o turismo promove oportunidades de empregos e negócios para as comunidades rurais (SANTANA TALAVERA, 2002).

Para Santana Talavera, “o turismo rural se baseia na aplicação combinada de natureza, contato humano e cultura, com pretensões de benefícios mútuo turista-residente e baixo nível de impactos.”⁸ (SANTANA TALAVERA, 2002, p.6)

Neste sentido, o mesmo autor considera que o turismo rural:

es una forma más del turismo alternativo y que, como producto y forma de desarrollo, lo pondríamos definir ‘como el uso o aprovechamiento turístico del entorno rural, ateniéndose a las primisas del desarrollo sostenible, generar efectos eminentemente positivos, [...] incluir a la población local como actores culturales, ser minoritario y promover, a través de encuentros espontáneos y la participación, el contacto cultural (SANTANA TALAVERA, 2002, p.6-7).

Segundo Cavado (2000, p.91), “o desenvolvimento do turismo rural, nas suas diferentes modalidades e motivações, pressupõe a existência de população permanente [...]”, pois “figura como complemento de negócio, importante, mas não determinante”, sugerindo dessa forma que o turismo rural seja desenvolvido em propriedades produtivas.

Na França, o turismo rural⁹ surgiu com a finalidade de combater o êxodo rural, complementar a renda das propriedades rurais e proteger a natureza, tendo sua política de desenvolvimento, segundo a lógica da abordagem territorial, estruturada na oferta de alojamentos e na abordagem por produtos desenvolvidos em torno de alojamentos com forte imagem de marca (TULIK, 2003).

Já em Portugal, a atividade iniciou-se em 1978, com o chamado Turismo de Habitação, a partir do qual foram regulamentadas quatro categorias básicas: Turismo Rural, Agroturismo, Turismo de Aldeia e Casa de Campo. O turismo no espaço rural surgiu como uma alternativa para desenvolver as áreas rurais do interior e para combater o êxodo rural, tendo se inspirado basicamente, no exemplo francês (TULIK, 2003).

⁸ Tradução nossa.

⁹ Nesse país, Turismo Rural refere-se a qualquer atividade na área rural, excluindo-se as montanhas e o litoral.

A experiência espanhola data de antes de 1960, quando o espaço rural espanhol conheceu fluxos turísticos, de forma bem tímida e limitada. Com a industrialização, o homem do campo deslocou-se para as cidades, buscando melhores condições de vida, surgindo nesse momento o ‘turismo de retorno’¹⁰. Mais tarde, o turismo rural na Espanha teve início com iniciativas públicas e privadas. A partir de 1986 o governo iniciou então, uma campanha para auxiliar proprietários rurais que tinham interesse em adaptar suas moradias como alojamentos turísticos, objetivando recuperar e conservar a arquitetura tradicional, conter o êxodo rural, proporcionando renda e comercialização dos produtos locais diretamente com os turistas (TULIK, 2003).

Na Itália, inicialmente denominado de ‘agriturismo’, o turismo no espaço rural surgiu em 1966, com a finalidade de sensibilizar a opinião pública para a proteção da natureza e das áreas rurais, em que os agricultores alugavam suas casas, comercializavam seus produtos e participavam do turismo equestre (TULIK, 2003).

Pode-se observar, portanto, que o turismo nos casos acima mencionados estavam associados à oferta de alojamentos no espaço rural, constituídos principalmente pela “pequena hotelaria familiar; residências e hotéis de prestígio; hotéis especializados em temas ou atividades turísticas; acampamentos em zonas rurais; alojamentos particulares (residências secundárias); alojamentos específicos de agroturismo” (OXINALDE, *apud* TULIK, 2003, p. 56).

No Brasil, o Turismo Rural teve seu início inspirado na experiência européia, podendo-se observar, em virtude desse efeito, a demonstração do uso de termos e expressões importados e empregados, originando as diferentes formas de Turismo no Espaço Rural em várias regiões do país.

1.3. O Brasil e o Turismo Rural

A partir de meados da década de 1970 o espaço rural brasileiro começou a sofrer mudanças devido às transformações na produção agrícola decorrentes de processos

¹⁰ Expressão utilizada na Espanha e aplicada aos emigrantes da área rural que foram atraídos para as cidades na fase da industrialização e que, no período das férias, retornam para as localidades de origem.

tecnológicos e formações de complexos agroindustriais. Tais transformações podem ter contribuído para o surgimento de efeitos sociais perversos como desigualdades e exclusão no campo (SCHNEIDER; FIALHO, 2000).

A modernização brasileira significou para o espaço rural uma transformação muito grande nos modos de vida, devido ao grande número de pessoas que partiu do campo para a cidade, em busca de emprego e melhores condições de vida. Diante dessa realidade, de acordo com Araújo (2000), o turismo passou a ser visto como um elemento acelerador do processo de re-inserção do homem rural no seu habitat.

Com a necessidade de superar a crise que atingia principalmente os pequenos produtores, teve início um processo de diversificação das atividades. Com isso, o setor primário passou a dividir espaço com a prestação de serviços, que surgiu como alternativa capaz de possibilitar ao produtor uma renda extra, utilizando não somente a terra, o ar e a água, mas também as paisagens e os espaços existentes para o lazer e para o turismo (ARAÚJO, 2000).

A partir de então, o turismo rural começou a ser visto como um elemento propulsor do desenvolvimento rural, propiciando melhoria na qualidade de vida dos proprietários e demais envolvidos com a atividade turística rural. Em decorrência, a agricultura e a pecuária começaram a dar lugar ao turismo rural, considerado como um negócio com possibilidades de gerar dinheiro e empregos direta e indiretamente na área.

Quando as cidades despontam e aceleram os ritmos de vida, quando a pressa, o impessoal, os ruídos ou a contaminação atmosférica passam a constituir características que definem a vida cotidiana, surge a necessidade de fugir para aqueles espaços que representam exatamente o contrário, ou seja, o meio rural. É nele onde se encontram paz, tranquilidade, natureza e repouso (SOLLA, 2002, p.114-115).

A migração natural do homem do campo para a cidade parece estar sofrendo, nos últimos anos, um processo de reversão em virtude da necessidade de o ser humano estar em contato físico com o campo, com a natureza, tornando-se, portanto, uma válvula de escape para a agitação e os problemas dos grandes centros. Está ocorrendo uma verdadeira ‘fuga temporária’ em busca do verde e da tranquilidade do campo, fortalecendo dessa forma, a atividade turística desenvolvida no espaço rural.

O turismo desenvolvido nos espaços rurais pode envolver a visitação a propriedades rurais, com ou sem pernoite, com o envolvimento ou não do turista em práticas rurais comumente presentes nesses ambientes.

Em função do uso turístico, o ambiente rural pode receber infra-estruturas relacionadas à hospedagem e à restauração, bem como infra-estruturas de suporte ou de apoio ao turista. Tal atividade, além de propiciar lazer aos visitantes, pode significar uma alternativa para os proprietários rurais, em termos de geração de renda e emprego; contribuindo para o refluxo do êxodo rural ocorrido principalmente com as pequenas propriedades em função da modernização tecnológica inserida no meio rural.

Sendo o turismo rural um dos elementos centrais das políticas de desenvolvimento local, a cultura local se torna um componente fundamental desta oferta turística (AGUILAR CRIADO; *et al*, 2003). Porém, para que tal atividade obtenha sucesso, o meio rural deve estar preparado para esse fluxo de turistas, que pode trazer inúmeros benefícios para o produtor e para a comunidade receptora, quando explorado de forma sustentável.

“No campo, o ritmo de trabalho depende muito mais da natureza, pois existe um limite biológico à aceleração dos ciclos reprodutores. Este próprio limite à aceleração do tempo pode ser um atrativo turístico [...]” pois, para uma parcela significativa dos habitantes urbanos, a visita ao campo significa fugir do ritmo acelerado do cotidiano e aproximar-se dos fenômenos naturais (CALVENTE, 2000, p.36).

Por outro lado, a atividade turística no meio rural pode implicar a imposição de um novo ritmo e de uma nova configuração à vida dos moradores locais, em razão da presença de visitantes em seu meio.

“A sustentabilidade requer a diversificação e a complementaridade das atividades desenvolvidas pela família rural. [...] o turismo quando bem conduzido, é capaz de promover a paisagem, as referências culturais, históricas e naturais do lugar” (FUCKS; ALMEIDA, 2002, p.27).

A paisagem cultural rural, configurada como o uso diferenciado da terra e uma série de elementos construídos artificialmente pelo homem para suprimir suas necessidades como moradia, abrigo, alimentação, produção, armazenamento e

beneficiamento, em diferentes períodos históricos, constituem o cenário rural responsável pelo potencial turístico do meio rural (FUCKS; ALMEIDA, 2002).

A sazonalidade da atividade agropecuária e as variações dos fluxos de turistas decorrentes das estações do ano e características climáticas de cada região contribuem para reforçar a idéia de que as atividades relacionadas ao turismo rural devem ser complementares e não atividade única ou principal da propriedade.

Segundo Oliveira (2004, p.49), “no turismo rural a prestação de serviços turísticos com qualidade tem de conviver harmoniosamente com as práticas agrícolas e o modo de vida tipicamente rural” e que,

[...] embora o turismo rural esteja associado à rusticidade, sua concepção não deve impor desconforto aos turistas. [...] uma das grandes dificuldades da atividade está em conseguir conciliar bons serviços, praticidade, autenticidade, segurança e higiene ao atendimento tipicamente familiar e às características campesinas, possibilitando ao hóspede vivenciar a rotina de uma propriedade rural de maneira segura e tranqüila (OLIVEIRA, 2004, p.50).

O saber-fazer turístico rural pode se manifestar na capacidade de comunicação dos rurais - pelas palavras, atitudes, cenários e atividades – com os urbanos, para os quais, o mundo rural provavelmente é visualizado como espaço gerador de um novo exotismo, o das coisas simples.

O turismo rural além de possibilitar ao jovem oriundo das zonas rurais um tempo maior de permanência junto à família, reduzindo o êxodo por meio da oferta de um número maior de empregos locais, também permite que estes tenham contato com pessoas de diferentes regiões, o que pode trazer novas perspectivas, além de, muitas vezes, representar uma mudança qualitativa dos papéis tradicionais das mulheres rurais, porém compatíveis com suas responsabilidades domésticas.

Carneiro (2001) considera que um projeto de vida rururbano¹¹, pode abrir nova alternativa de trabalho no campo em função da perspectiva de estreitamento dos laços com a

¹¹ O termo ‘rurbano’ pode ser entendido como uma nova forma de distribuição do habitat dos citadinos e um elemento novo no contexto das relações cidade-campo, e que se traduz na fixação nos campos peri-urbanos de residências de habitantes da cidade que passam a morar um pouco mais distantes, retornando, em razão do seu trabalho. O ‘rurbano’ está fundamentado na migração pendular de trabalho e resulta de uma combinação e interdependência de fatores envolvidos nas novas relações cidade-campo. Disponível em: <www.corderovirtual.com/geografia10.htm>. Acessado em 03/09/04.

cidade, os quais são favorecidos pelas facilidades dos meios de comunicação.

No entender de Oliveira (2004), o turismo rural propicia o contato direto entre o produtor e o consumidor final, ou seja,

[...] o turismo rural propicia o contato direto do produtor com o consumidor final, e permite ao primeiro oferecer, além da hospedagem e/ou permanência, a venda de seus produtos *in natura* (frutas, ovos, verduras etc.) ou beneficiados (compotas, bolos, queijos etc.). Assim, consegue melhorar os preços para os dois lados da transação, sendo mais rentável para o produtor, que agrega um valor ‘natural, fresco e puro’ ao produto, e mais barato e saudável para o consumidor, que evita pagar o lucro de intermediários (OLIVEIRA, 2004, p.64).

Dessa forma, pode-se perceber que “o espaço rural é muito mais do que um fornecedor de matérias-primas. [...] é um espaço multifuncional” (CRISTÓVÃO, 2002, p.81). Para alguns autores, o espaço rural de hoje possui uma nova legitimidade, de tal forma que não é mais simplesmente o fornecedor de matérias-prima para o urbano; comportando inúmeros elementos que se constituem nos recursos rurais, como por exemplo, a paisagem, o patrimônio arqueológico e histórico, as edificações históricas, tradições culturais, artesanato, gastronomia típica, dentre outros; que contribuem para dar a ele (o espaço rural), essa característica de multifuncionalidade, propícia para, dentre outras atividades, a implementação do turismo rural.

Sendo assim, para o planejamento e organização das atividades e condições da oferta do turismo rural em qualquer região, além dos aspectos sócio-culturais, espaciais, econômicos, ambientais e de planejamento, os técnicos encarregados, em conjunto com a comunidade local, precisam identificar características que diferenciem seu produto dos demais, criando uma tematização para o produto a ser oferecido, de acordo com o público a ser atingido.

1.4. A distribuição do turismo rural brasileiro

No Brasil, o turismo rural se encontra distribuído de modo irregular, sendo os estados do Sul e Sudeste os núcleos mais atuantes e que, de um modo geral, utilizam as especificidades locais e regionais decorrentes principalmente, da herança cultural, para promover o turismo.

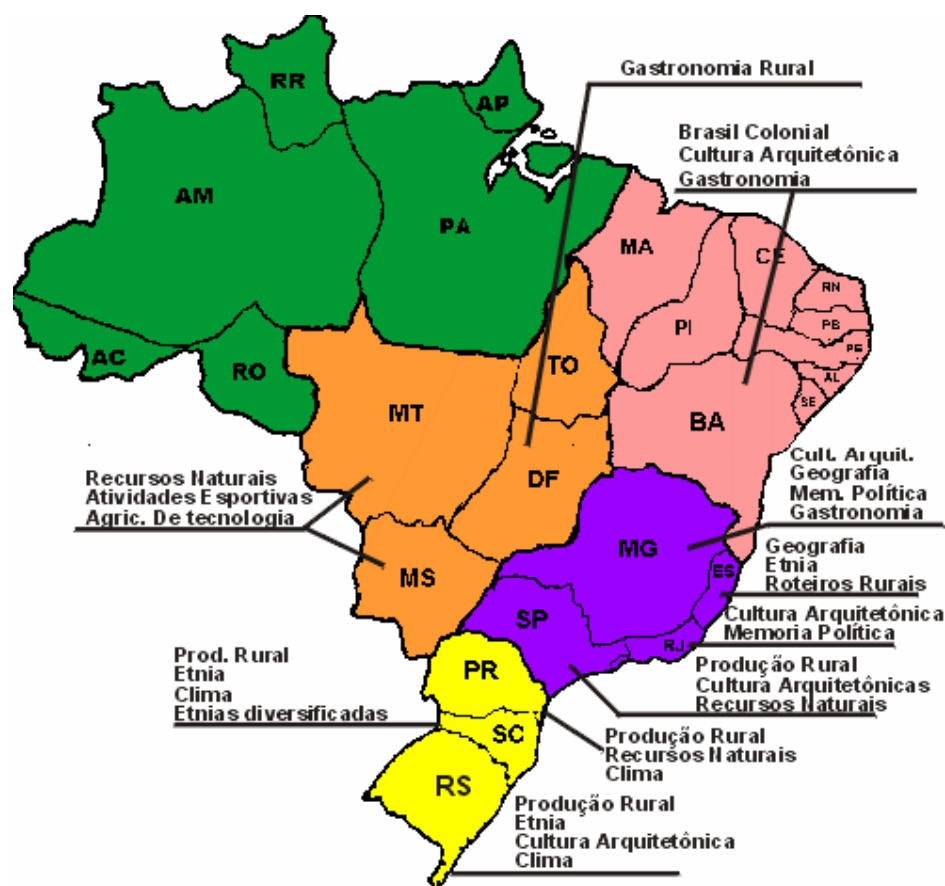


Figura 01: Principais iniciativas de Turismo no Espaço Rural no Brasil
 Fonte: ZIMMERMAN, 2001 *apud* BATHKE, 2002.

Tratando-se de uma atividade relativamente nova no Brasil e em virtude de nossa grande extensão territorial, não existem relatos precisos que datem o início do turismo rural. É sabido que, com o rótulo Turismo Rural, as primeiras iniciativas oficiais surgiram no município de Lages, interior de Santa Catarina, na fazenda Pedras Brancas, em 1986, sendo seguida pela fazenda do Barreiro e fazenda Boqueirão, no mesmo município (RODRIGUES, 2000).

A partir de então (1986), as propriedades que passaram a praticar a atividade do chamado turismo rural, multiplicaram-se rapidamente não só no município de Lages, mas em todo território brasileiro, principalmente na região Sul e Sudeste. Também muitos municípios da região Centro-Oeste, destacando-se o estado do Mato Grosso do Sul, também aderiram à atividade. Atualmente, pode-se dizer que em todo território nacional existem experiências de turismo rural, expandindo-se inclusive para as regiões Norte e Nordeste.

As Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil – documento elaborado por técnicos, agentes e atores da atividade turística do meio rural – têm

como base a valorização da ruralidade¹², a conservação do meio ambiente, os anseios socioeconômicos dos envolvidos e articulação interinstitucional e intersetorial, definindo algumas ações norteadoras para o envolvimento do poder público, iniciativa privada, organizações não-governamentais e comunidades. Tal documento vem contribuir para o desenvolvimento do espaço rural, por meio do segmento do turismo rural, inserido no contexto do Plano Nacional de Turismo 2003-2007, proposto pelo Ministério do Turismo.

Observa-se que, a partir de 1990, os aspectos positivos relacionados ao turismo rural no Brasil, como diversificação da economia regional, melhorias das condições de vida das famílias rurais, diminuição do êxodo rural, integração do campo com a cidade, resgate da auto-estima do camponês, dentre outros, foram amplamente difundidos, fazendo com que um número significativo de empreendedores investisse nesse segmento, muitas vezes de forma pouco profissional ou sem o embasamento técnico necessário.

Essa crescente oferta do produto rural, muitas vezes sem um estudo preliminar para o planejamento adequado da atividade turística na localidade, aparentemente está causando alguns impactos negativos. Esses impactos negativos relacionados à implantação da nova atividade rural têm sua manifestação observada principalmente, em aspectos relacionados à sobrecarga da estrutura rural pelo elevado número de visitantes e veículos, degradação ambiental, bem como a descaracterização do meio e da própria atividade (BRASIL, 2004).

Para que o turismo rural possa vir a tornar-se efetivamente uma atividade ordenada e fortalecida no Brasil, são necessárias ações regulamentadoras e articuladas, desenvolvidas por agentes governamentais em parceria com o setor privado e comunidade, além de infra-estrutura adequada e de capacitação profissional.

O Ministério do Turismo (BRASIL, 2004) definiu o número de diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil, que resumidamente podem ser assim entendidas:

¹² A noção de ruralidade está associada ao valor que a sociedade contemporânea concebe ao rural, contemplando suas características mais gerais como: a produção territorializada de qualidade, a paisagem, a biodiversidade, a cultura e certo modo de vida identificadas pela atividade agrícola, a lógica familiar, a cultura comunitária e a identificação com os ciclos da natureza. (Ministério do Turismo – Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural, 2004).

Diretriz 1 – Ordenamento: tem como objetivo adequar e estabelecer normas, critérios e procedimentos técnicos e legais que orientem e estimulem a atividade, por meio de estratégias de identificação da legislação pertinente; desenvolvimento de estudos comparados das legislações vigentes; promoção de discussões institucionais e intersetoriais para normatização da atividade; estabelecimento de normas, regras e procedimentos específicos para a atividade; classificação e cadastramento dos serviços; e ainda, identificação da demanda.

Diretriz 2 – Informação e Comunicação: tem por objetivo produzir, disponibilizar e disseminar informações para orientar o planejamento, gestão e promoção da atividade, por meio de estratégias de fomento à produção e disseminação de conhecimento; criação e disponibilização de rede de informação; e fortalecimento e consolidação do turismo rural no Brasil.

Diretriz 3 – Articulação: tem o objetivo de estimular e promover a cooperação entre os envolvidos no processo de desenvolvimento e fortalecimento da atividade, utilizando-se das estratégias de valorização e fortalecimento de fórum com representatividade nacional; estímulo à criação e fortalecimento de instituições e órgãos representativos; e estabelecimento de convênios, acordos e parcerias.

Diretriz 4 – Incentivo: tem como objetivo viabilizar e disponibilizar recursos visando à implantação, adequação e melhoria de infra-estrutura, produtos e serviços, por meio das estratégias de identificação de fontes de cooperação e captação; negociação de crédito diferenciado; simplificação de mecanismos de concessão de crédito; definição de critérios de alocação de recursos para financiamento de infra-estrutura, fomento e apoio a iniciativas de pequenos e microempreendedores; elaboração e efetivação de estratégias e ações eficientes para a promoção; e comercialização de produtos e serviços; e, ainda, criação de mecanismos que priorizem a qualidade de produtos e serviços.

Diretriz 5 – Capacitação: seu objetivo é preparar agentes e atores envolvidos na atividade que atuem voltados para a qualidade, contando com as estratégias de identificação das diferentes necessidades de capacitação; avaliação de programas, metodologias e possíveis parcerias; elaboração conjunta de políticas, programas, planos e projetos específicos de profissionalização; promoção de cursos de qualificação e de

aperfeiçoamento profissional bem como, de apoio; e promoção de eventos locais, regionais, nacionais e internacionais.

Diretriz 6 – Envolvimento das comunidades: tem por objetivo motivar e envolver a comunidade de forma participativa, sensibilizando-a sobre os benefícios do turismo rural ordenado e integrado e valorizando os talentos locais. Esta diretriz tem como estratégias a identificação dos territórios com vocação para o turismo rural, promoção de encontros e de intercâmbios e planejamento do desenvolvimento regional.

Diretriz 7 – Infra-estrutura: seu objetivo é adequar e implantar infraestrutura básica e turística no meio rural, de forma integrada ao ambiente e às especificidades sociais e culturais locais. As estratégias para essa diretriz são: mapeamento regional, identificação das responsabilidades e competências dos envolvidos, e implantação de infraestrutura.

Com base nas diretrizes e estratégias apresentadas acima, o Ministério do Turismo visa organizar o turismo rural como atividade capaz de agregar valor a produtos e serviços no meio rural, de contribuir para a conservação do meio ambiente e para a valorização da ruralidade brasileira.

II. O ESTADO DO PARANÁ E O TURISMO RURAL

O Estado do Paraná, localizado na região sul do país, apresenta 399 Municípios e uma economia rica e diversificada. Seu relevo conta com toda espécie de acidentes geográficos em seus cinco compartimentos geográficos: o Litoral, a Serra do Mar, o Planalto de Curitiba, o Planalto de Ponta Grossa e o Planalto de Guarapuava (VENTURELLI, 1998).



Figura02: Mapa turístico do Brasil com destaque para o estado do Paraná

Fonte: www.ibge.gov.br/cidadesat/default

O Paraná é o local de passagem do clima tropical para o subtropical; enquanto no litoral a temperatura é bastante alta, nas demais regiões, de novembro a março, o calor é úmido; entre os meses de março a outubro, a temperatura vai sendo amenizada, a ponto de, no inverno, na extensão dos planaltos, ser possível algum ensaio de neve (VENTURELLI, 1998).

A história da colonização do Estado teve sua origem em Paranaguá, na Ilha da Cotinga, ainda no século XVI, num tempo em que os índios tupi-guaranis habitavam o litoral, enquanto que os Gê ou Tapuais viviam no interior. A rota do ouro, subindo os rios da

Serra do Mar, deu início à colonização, com o surgimento da Vila de Nossa Senhora da Luz, mais tarde denominada Curitiba. A Estrada da Graciosa e a Estrada do Itupava foram abertas por trilhas, abrindo os caminhos do litoral. Nessa época, o burro era o meio de locomoção utilizado para o transporte de víveres e utensílios nessas trilhas. Os tropeiros, que também cruzavam os planaltos e campos gerais, contribuíram para a colonização do Estado (PARANÁ, 1997).

A história econômica do Paraná divide-se em seis ciclos econômicos, a saber, (CAMARGO, 1994):

- I. - o ciclo do ouro: o ouro, descoberto em 1646, foi a primeira riqueza econômica do estado, tendo seu início com a exploração das minas de Peruna, estendendo-se posteriormente para o planalto. O afã de encontrar ouro, na esperança de construir riqueza, disseminou-se por mais de cem anos e ocasionou o desbravamento do sertão paranaense, dando origem à abertura de novos povoados.
- II. - o ciclo da pecuária: os primeiros rebanhos da pecuária paranaense foram criados no planalto de Curitiba e depois, conduzidos para os Campos Gerais. Mais tarde deslocaram-se em direção ao caminho das tropas, de São Paulo para o Rio Grande do Sul, incrementando a criação de gado e o comércio no estado. Este ciclo ainda determinou o aparecimento da cultura de trigo, do feijão, do milho, do fumo e da extração da erva-mate.
- III. - o ciclo da erva-mate: conhecida pelos Vicentinos desde as missões Jesuíticas do oeste, a erva-mate somente passou a exercer influência na economia paranaense a partir de 1722, tendo atingido seu apogeu em 1873 com a industrialização. Os paranaenses receberam novos processos para o apuramento da erva-mate, que era produto de exportação, constituindo-se num produto básico da economia do Estado.
- IV. - o ciclo da madeira: desde a chegada dos colonizadores, as florestas paranaenses tiveram seu valor econômico, mas somente a partir de 1890, com a criação da Companhia Paranaense, o produto passou a ser tratado como fonte de riqueza potencial para o Estado, dando origem à abertura

de novas estradas para o interior, onde se encontravam regiões cujos solos eram muito férteis.

- V. - o ciclo do café: as primeiras mudas de café foram cultivadas em vários pontos de Antonina e Morretes e, somente a partir de 1851, com a criação da Colônia Militar de Jataí, ao norte do Estado, pôde-se verificar o plantio cafeeiro com êxito e, em 1886, tal cultura passou a estender-se para outros núcleos coloniais, abrangendo todo o norte paranaense, surgindo então, o ciclo do café que, passando por crises econômicas e climáticas, continua a ser nos dias atuais, uma das riquezas que tem contribuído para o desenvolvimento do Paraná.
- VI. - o ciclo da policultura e da industrialização: nos últimos anos, o Estado do Paraná vem sofrendo uma revolução em sua vida econômica, percebida principalmente no campo agrícola e industrial, contribuindo para a origem de centros industriais, cuja importância se tornou relevante para a vida econômica do Estado.

A década de 1930 marcou, portanto, um novo ciclo no Estado – o ciclo do ouro verde, dando início ao povoamento do norte, nascendo cidades como Londrina, Apucarana e Maringá. O café encontrou, na terra roxa, o solo ideal para sua cultura (PARANÁ, 1997).

Quanto à etnia formadora do povo paranaense, assim como nos demais estados do Brasil, encontra-se uma diversidade de cores, formas, desenhos, portes, tipos, dialetos e inflexões, transformando o estado em ‘terra de todas as gentes’: ameríndios, negros africanos, alemães, italianos, poloneses, ucranianos, libaneses, suíços, japoneses, portugueses e espanhóis. Todo esse emaranhado de etnias e línguas marcou o panorama sócio-cultural do estado com traços e acentos na linguagem do cotidiano, no folclore, nas páginas da literatura, nas festas de tintura religiosa e, bastante visíveis e enriquecedores, na culinária paranaense (VENTURELLI, 1998).

A criação das colônias paranaenses com elementos de várias nacionalidades deve-se à introdução de novas técnicas, tanto para o cultivo da terra, como para a indústria. Cria-se paisagens inteiramente novas, com seus tipos de habitações próprias e com seus costumes, hábitos e culturas. Como exemplo destacam-se [...], os italianos que com suas técnicas facilitaram a expansão do café e desenvolveram a indústria do vinho, como também introduziram

vários hábitos alimentares na cozinha paranaense, etc. (CAMARGO, 1994, p.93).

Diante de uma diversidade étnica tão variada, Romário Martins¹³ explica que a adoção do termo ‘paranista’ se deu exatamente pelo fato de poder abarcar o imigrante, figura central na construção da identidade cultural paranaense e, ainda, por colocar-se em oposição a uma mera designação do local de nascimento, explicando que:

Paranista é todo aquele que tem pelo Paraná uma afeição sincera, e que notavelmente a demonstra em qualquer manifestação de atividade digna, útil à coletividade paranaense. [...] Paranista é aquele que em terras do Paraná lavrou um campo, cadeou uma floresta, lançou uma ponte, construiu uma máquina, dirigiu uma fábrica, compôs uma estrofe, pintou um quadro, esculpiu uma estátua, redigiu uma lei liberal, praticou a bondade, iluminou um cérebro, evitou uma injustiça. Educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro, plantou uma árvore. [...] Paranista é o espírito novo, de elevação e exaltação, idealizador de um Paraná maior e melhor pelo trabalho, pela ordem, pelo progresso, pela bondade, pela justiça, pela cultura, pela civilização, o ambiente de paz e solidariedade, o brilho e a altura dos ideais, as realizações superiores da inteligência e dos sentimentos (MARTINS, 1946 *apud* PEREIRA, 1998, p.79-80).

Martins (1946 *apud* PEREIRA, 1998, p.80-81), ainda acrescenta que:

Os estados cosmopolitas como o nosso, povoados pelas imigrações, vão constituindo sua sociedade por agrupamentos entre si distintos pelas tradições, pelos costumes, pelas tendências espirituais e sentimentos, pelo pensamento e pela linguagem, seguindo os traços característicos de suas origens ancestrais.

Diante de tais observações, a heterogeneidade de culturas existentes no território paranaense contribuiu para a construção de uma sociedade com características particulares e especiais, exatamente por ter o aspecto diferenciador de cada imigrante.

Aos poucos, o Paraná vai se transformando, fazendo com que o território antes essencialmente agrícola, avance na infra-estrutura da energia, das telecomunicações e transporte, abrindo-se atualmente para o recebimento de indústrias dos mais variados tipos e tamanhos (VENTURELLI, 1998).

Configurando-se como um novo e combinado método de produção, o turismo rural pode vir a constituir-se em instrumento capaz de contribuir para o

¹³ O Movimento Paranista surgiu no início do século XX, em Curitiba, liderado por Romário Martins, segundo o qual, o termo *paranista* teria surgido espontaneamente no norte do estado, cuja população local, tratava de paranista e não paranaense, os habitantes locais, em uma clara analogia ao termo nativista da terra de origem da maioria dos moradores, no caso, paulistas (PEREIRA, 1998).

desenvolvimento, estimulando a produção local e atividades geradoras de benefícios sociais, culturais e econômicos.

O turismo rural é visto como um gerador de empregos e de renda, sua capacidade de promover intercâmbio cultural entre os habitantes do meio rural e urbano pode contribuir para o desenvolvimento de regiões menos favorecidas. Entretanto, não pode ser considerado como o ‘remédio’ para todos os problemas latentes do setor primário, apesar de possibilitar a geração de capital adicional nas receitas agrícolas (SOUZA; SANTOS; ALMEIDA, 2004, p.2).

Vendo o turismo rural como uma nova alternativa econômica e ainda, percebendo a crescente demanda existente pelo produto turístico encontrado no meio rural, produtores rurais da região norte do Paraná estão implantando essa atividade como forma de agregar valor às suas propriedades e, conseqüentemente, obter maior rentabilidade financeira para a mesma.

2.1. A atividade turística rural no Paraná

No Paraná, o turismo rural teve seu início de forma tímida e, agora, é possível perceber que a atividade encontra-se em ampla ascensão, com base na rica tradição rural do estado, fundamentado principalmente no tropeirismo, nas romarias religiosas e em roteiros gastronômicos (SCHNEIDER; FIALHO, 2000).

O Estado dispõe, com sua forte tradição agrícola, tanto de recursos naturais e culturais, quanto de infra-estruturas e equipamentos, que estão sendo explorados para o desenvolvimento do turismo rural em diversas regiões. Atualmente, vários municípios paranaenses estão propondo e implementando projetos e programas voltados ao turismo rural. O governo estadual, por meio da Paraná Turismo e da Emater-PR, propôs o Programa de Turismo Rural no Paraná, cujo objetivo principal é contribuir para o desenvolvimento sustentável do turismo rural, como opção de diversificação das atividades agropecuárias e não-agropecuárias, incentivando os produtores a permanecerem no meio rural, fortalecendo a agricultura familiar (SILVEIRA, 2003).

O desenvolvimento de roteiros turísticos temáticos como tentativa de melhor comercialização dos produtos de turismo rural está sendo adotado pelo Estado do Paraná, como é o caso, por exemplo, do Projeto Caminho das Tropas, que oferece como temática o tropeirismo. Outro exemplo é o Projeto Caminhos do Sudoeste, cuja temática está ligada a aspectos sócio-culturais da ocupação regional. A região metropolitana de Curitiba também possui seu roteiro turístico temático denominado Circuito Italiano de Turismo Rural que, como o próprio nome diz, sua tematização está ligada aos costumes e tradições dos imigrantes italianos na região (PAIXÃO; *et al*, 2004).

A região norte do Paraná, identificada pelos seus solos férteis – comumente denominados de terra-roxa e considerado propícios ao cultivo do café –, hoje conhecida como Norte do Paraná, também está procurando no turismo rural uma das alavancas para o seu desenvolvimento (SCHNEIDER; FIALHO, 2000).

Historicamente a cultura intensiva e extensiva do café, vinda de São Paulo em 1909, encontrou na fértil terra roxa do norte do Estado uma paragem de prosperidade. Embora desde a época dos tropeiros já se tivesse notícia da fertilidade do solo, a colonização só veio ocorrer efetivamente entre as décadas de 1930 e 1950, iniciada pela Companhia de Terras do Norte do Paraná, empresa de capital inglês, que desbravou e colonizou 59% das terras que atualmente integram a região, dando início a um dos maiores movimentos de migração interna do país (SCHMIDT, 1996).

Ao mesmo tempo em que a onda verde dominava o sertão ocorreu o processo de formação de centros urbanos como Tomazina, Jacarezinho, Cambará e Cornélio Procopio. A colonização continuou seu avanço fundando outras cidades como Londrina, Maringá, Apucarana, Araongas, Rolândia, Cianorte e Paranavaí (SCHMIDT, 1996).

Em consequência desse processo, a região apresenta uma estreita relação entre os espaços rurais e os grandes centros urbanos, de modo que, ainda hoje, famílias da região preservam alguns costumes, como a prática de atividades agropecuárias, porém, buscam se estabelecer nas cidades pólos, pois almejam a expansão de seus negócios em âmbito estadual (VENTURELLI, 1998).

Os imigrantes que ocuparam a região vieram dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, tendo o pico da migração São Paulo - Paraná ocorrido na

década de 1940/1950. A implantação da cafeicultura no norte do Paraná atraiu a imigração japonesa que se constituiu em um dos maiores grupos de imigrantes da região. Além dos japoneses, outros grupos étnicos foram responsáveis pela formação cultural do norte do Estado, como é o caso dos portugueses, alemães, árabes e italianos (SCHMIDT, 1996).

A produção de café começou a entrar em declínio em 1970 em decorrência de fortes geadas que levaram ao desaparecimento das fazendas cafeeiras com grandes colônias, surgindo no lugar o cultivo mecanizado de uma agricultura diversificada, incentivada pela evolução da informação, que estimulou também a agroindústria (SCHMIDT, 1996). Nesse período houve um forte movimento migratório da população do campo para outros estados. A partir de meados de 1980, iniciou-se uma acomodação do meio rural brasileiro e conseqüentemente paranaense. Esse movimento é chamado, segundo Del Grossi & Silva (2002), de ‘novo rural’, que se constitui em um processo de ‘urbanização’ do campo, com novas atividades, inclusive a turística.

A mídia regional tem contribuído de forma significativa para a divulgação da imagem do turismo rural no norte do Paraná enquanto atividade geradora de empregos e riquezas para o campo. Com isso, pode-se afirmar que exerce uma influência bastante significativa sobre produtores rurais em dificuldades financeiras, fazendo com que esses sejam levados a investir nessa nova e supostamente promissora alternativa de desenvolvimento (ver anexo A).

Em entrevista concedida ao jornal regional ‘Turismo é aqui’, por exemplo, a historiadora e instrutora de turismo do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), Patrícia Mazon Freitas, enfatizou o desenvolvimento da atividade do turismo rural no Paraná, acrescentando que:

O Paraná é um dos únicos estados do país que apresenta um meio rural delineado e diversificado, com agricultores fortes e paisagem moldada pelos processos agropecuários. [...] O que falta é o retorno às origens, ou seja, tornar os empreendimentos com uma identidade regional, resgatando as origens dos colonizadores e demonstrando sua cultura através dos objetos de decoração, dos roteiros turísticos, da gastronomia, [...] basta remontar as suas origens para identificar seu diferencial frente aos outros e buscar a qualidade na prestação de serviços de turismo no meio rural (FREITAS, 2003¹⁴).

¹⁴ Matéria publicada na edição nº 28, ano 03, agosto/2003, pág. 03, do Jornal ‘Turismo é aqui!’. (vide anexo B)

Com essa imagem positiva dos benefícios do turismo rural, também o município de Apucarana, localizado na região norte do estado do Paraná, procurou nessa forma de turismo uma opção para ampliar seus rendimentos, e com isso pode-se observar o surgimento de vários empreendimentos desenvolvidos em propriedades rurais, com o objetivo de implementar a atividade turística visando dinamizar a economia local e, conseqüentemente, melhorar a qualidade de vida da comunidade envolvida no processo.

É importante assinalar que a opção pelo turismo não é tão simples como muitos parecem acreditar e como é divulgado de forma superficial pelas reportagens veiculadas em revistas e jornais. Para a instalação de atividades turísticas é necessário um trabalho eficiente de planejamento estratégico e financeiro, organização das atividades do agro-negócio em sintonia com as atividades turísticas que se pretende implementar, de modo que uma atividade não se desenvolva em detrimento da outra.

Como já observado anteriormente, o turismo deve ser uma atividade complementar e não substituir a atividade existente. É preciso encontrar caminhos que permitam que o turismo alavanque os negócios, não só em função do consumo imediato do turista, mas também por eventuais hábitos de consumo que o turista poderá desenvolver em decorrência do contato com a cultura local. Encontrar o equilíbrio entre o serviço de qualidade que deve ser oferecido ao turista e as atividades normais de produção é questão básica para que se garanta a sustentabilidade do negócio.

III. O PLANEJAMENTO TURÍSTICO E O TURISMO RURAL

O Turismo Rural como um dos segmentos do turismo alternativo voltado para atividades relacionadas com o espaço natural é um dos que mais cresce no país e, com isso, vem possibilitando a mudança no perfil do emprego gerado no campo.

Embora o seu crescimento seja de certa forma espontânea com pouco ou nenhum planejamento na maioria das regiões onde ocorre, seu papel vem se tornando a cada dia mais significativo, representando uma alternativa real de renda para populações rurais (DIAS *apud* SALLES, 2003, p. 9).

Como visto no capítulo anterior, essa tarefa não é simples e seu sucesso decorre de um planejamento bem feito e equilibrado, não devendo ficar apenas no campo das manifestações espontâneas. Sendo assim, é importante discutir a questão do planejamento turístico e o turismo rural, para que, dessa forma, o objeto de estudo do presente trabalho possa ser cientificamente embasado e posteriormente analisado.

3.1. Planejamento Turístico

O planejamento pode ser entendido de diversas formas segundo diversos autores. Para Chardwick (1971 *apud* HALL, 2001, p. 24), o planejamento é “um processo de pensamento humano e a ação baseada nesse pensamento – presente, passado, futuro – isto é, uma atividade humana generalizada”. Ou seja, o planejamento é um tipo de tomada de decisões e elaboração de políticas específicas. Por meio do planejamento podemos definir antecipadamente os objetivos que pretendemos atingir, o que possibilita a decisão sobre o que, quando e como deve ser feito.

O planejamento não é a solução para todos os males, no entanto, “quando totalmente voltado para processos ele pode minimizar impactos potencialmente negativos, maximizar retornos econômicos nos destinos e, dessa forma, estimular uma resposta mais positiva por parte da comunidade hospedeira em relação ao turismo no longo prazo” (HALL, 2001, p. 29). Sendo assim, o planejamento deve ser considerado um elemento decisivo quando se aborda a questão do desenvolvimento de destinos turísticos em longo prazo. O

planejamento turístico, segundo Heely (1981 *apud* HALL, 2001, p. 31), “costuma ser uma combinação de considerações econômicas, sociais e ambientais e refletem a diversidade dos fatores que influenciam o desenvolvimento turístico”.

Para Moraes (2000, p. 147-148), planejamento turístico é:

O processo pelo qual se analisa a atividade turística de um país ou região, diagnosticando seu desenvolvimento e fixando um modelo de atuação, mediante estabelecimento de objetivos, metas e instrumentos, com os quais se pretende impulsioná-la, coordená-la e integrá-la ao conjunto macroeconômico em que se encontra inserida.

O planejamento turístico deve ser, como ressalta Getz (1987 *apud* HALL, 2001, p. 34), “um processo, baseado em pesquisa e avaliação, que busca otimizar o potencial de contribuição do turismo ao bem-estar humano e à qualidade do meio ambiente”.

Contudo, o planejamento da atividade turística de forma coerente e eficaz deve utilizar-se de alguns recursos, dentre eles, as políticas públicas de turismo, que, de acordo com Hall (2001, p. 26), “é tudo que o governo decide fazer ou não com relação ao setor”.

Para Alexandre (2003, p. 4),

[...] é através da consolidação das políticas de turismo numa localidade que o setor passará a ser tratado de forma organizada e dinâmica, onde o planejamento passe ser coeso, levando-se em consideração a realidade e as características próprias de cada região, constituindo, dessa forma, fatores relevantes e imprescindíveis para que seja possível desenvolver a localidade a partir do turismo.

Cruz (2000 *apud* ALEXANDRE, 2003, p. 11), argumenta que:

[...] uma política pública de turismo pode ser entendida como um conjunto de intenções, diretrizes e estratégias estabelecidas e/ou ações deliberadas, no âmbito do poder público, em virtude do objetivo geral de alcançar e/ou da continuidade ao pleno desenvolvimento da atividade turística num dado território.

De acordo com o Manual de Municipalização do Turismo, desenvolvido pelo Programa Nacional de Municipalização do Turismo/EMBRATUR, o planejamento da atividade turística em determinada comunidade deve buscar uma melhoria na qualidade de vida de seus residentes, protegendo os recursos naturais e culturais locais.

Se uma comunidade dispuser de recursos, os mesmos podem representar uma oportunidade para desenvolver turismo que poderá trazer benefícios substanciais à comunidade e aos seus residentes. Para ter sucesso, o turismo na comunidade tem de ser planejado e gerido de modo a melhorar a qualidade de vida dos residentes e proteger os ambientes locais natural e cultural (EMBRATUR, p. 03).

Torna-se importante, portanto, que a comunidade e seus residentes recebam benefícios satisfatórios com relação ao desenvolvimento do turismo para que, desta forma, sintam-se motivados para proteger o meio ambiente natural, a herança cultural local e apoiar as atividades do turismo.

Dentre os principais benefícios que a atividade turística pode trazer para uma comunidade, pode-se identificar a geração de novos empregos e rendimentos, expansão dos mercados para os produtos locais, uma maior conscientização e apreciação da herança cultural e natural do local, bem como a melhoria de infra-estrutura, instalações e serviços da comunidade. Para isso, é imprescindível a participação da população no processo (EMBRATUR)¹⁵.

O planejamento do turismo deve considerar componentes como atrações e atividades para turistas, acomodações, serviços de alimentação, de transporte, dentre outros, considerados relevantes ao turismo, bem como o planejamento da utilização do espaço físico. Deverá, ainda, obter o maior envolvimento possível da comunidade no planejamento, desenvolvimento e tomada de decisões.

Inicialmente, um processo de desenvolvimento do turismo considera a questão da geração de empregos e renda para a localidade. Porém, o fator turístico não deve ficar restrito somente a aspectos econômicos, mas sim ter alcance social tanto para a população local quanto para a população visitante.

A história tem mostrado que o desenvolvimento estritamente econômico pode ocorrer sem que implique a melhoria da distribuição de renda ou de outros indicadores sociais. Todavia, é preciso a consideração das diversas dimensões constituintes das relações sociais, ou seja, a cultura, a economia e a política e, igualmente, do espaço natural e social (BLOS, 2000, p.203).

Fatores como relações sócio-culturais entre ‘anfitriões’ e ‘convidados’, ou ter uma visão da cultura como um componente potencial para o desenvolvimento de produtos

¹⁵ Manual de Municipalização do Turismo.

e as formas como a sociedade em determinado destino é estruturada, são de grande importância para aqueles que estudam e planejam o turismo.

O envolvimento da população local no processo de planejamento do turismo introduz a idéia de que é possível administrar o destino, a atividade, os impactos e os recursos, objetivando o desenvolvimento local por intermédio da atividade turística, que poderá levar a comunidade local a descobrir a si mesma, num processo de interpretação de sua cultura e seus valores.

O planejamento turístico precisa ser executado de forma sistêmica, de modo que abarque todos os setores envolvidos direta e indiretamente com a atividade, ordenando as ações humanas sobre o território, para direcionar os equipamentos e facilidades de forma adequada às necessidades dos turistas, e, assim, viabilizar a melhoria da qualidade de vida da população local, por meio da qualidade do crescimento econômico e social.

Sendo assim, pode-se dizer que toda ação de planejamento é também uma ação política, da qual resulta um conjunto de decisões interdependentes, relacionadas de forma sistêmica ou quase sistêmica (DENCKER, 2004).

O homem de ação, por seu turno, não deve esquecer que o planejamento não é, em certo sentido, senão uma técnica de reflexão destinada a elucidar as grandes alternativas possíveis da decisão política, levando-se em consideração a evolução provável. É o homem político que tem a última palavra, mesmo que não tenha a primeira (DUMAZEDIER *apud* DENCKER, 2004, p. 20).

O planejamento turístico deve estar inserido no âmbito do planejamento local do território: as oportunidades são locais e muito particulares. E para o seu pleno sucesso, uma política de turismo no meio rural deve basear-se e adaptar-se aos problemas, necessidades e possibilidades do mundo rural, especialmente das comunidades locais, bem como na autonomia de seus atores.

O desenvolvimento regional ou local constitui-se uma das alternativas mais viáveis para se enfrentar os desafios da globalização, que tende a homogeneizar produtos, padrões de consumo, hábitos e costumes, em prol da eficiência e da produtividade, pois, de acordo com Molina & Rodriguez (2001), “o planejamento continua sendo, e será, uma estratégia e um instrumento valioso para orientar o sistema turístico, ainda quando se consolide uma economia aberta e se liberem muitos processos sociais e culturais”. Ainda para

os mesmos autores, “o planejamento centralizado está cedendo lugar a um outro mais participativo, que reconhece as capacidades e interesses locais e regionais e as realidades dos grupos humanos e econômicos que atuam em suas respectivas áreas” (MOLINA; RODRIGUES, 2001, p. 13-14).

Em um contexto geral, pode-se perceber que a globalização reforça o local, no sentido de que estimula a organização comunitária para que um local específico não seja excluído do processo de desenvolvimento e para que encontre o seu próprio caminho de sustentabilidade.

Em outras palavras, como o global fica distante do local, este se reestrutura socialmente para se fortalecer e para se viabilizar economicamente. É como se as partes fossem se diferenciando do todo, para se tornarem singulares e especiais, buscando a sua independência e atendendo a seus interesses próprios. Por isso, um dos principais requisitos do desenvolvimento local é a participação da comunidade, por meio de processos democráticos e transparentes.

Porém, se a atividade turística não for corretamente planejada e gerida, será passível de impactos negativos ao meio onde está inserida, bem como colocará em risco a qualidade de vida da população local.

O planejamento como processo capaz de promover o desenvolvimento da atividade turística com base em princípios éticos, voltados para ao atendimento das necessidades humanas em um contexto de relações sociais, múltiplo e complexo, apresenta-se comprometido pelas prioridades e pelos compromissos que integram a agenda política dos governos. Porém, o “planejamento e a gestão do turismo não poderá, entretanto, se restringir a aspectos formais e/ou operacionais. [...] deve haver a participação, o envolvimento e o comprometimento da população” local (PELIZZER *in* DENCKER, 2004, p. 67).

3.2. Planejamento do turismo rural

A especificidade cultural, a dinâmica da produção rural e a riqueza dos recursos naturais que se agregam no espaço rural compõem a essência do turismo desenvolvido fora dos limites urbanos.

De acordo com Moletta (1999, p.16), “o produto turístico rural é composto por um conjunto de bens e serviços organizados por uma determinada propriedade, aliado aos atrativos culturais e naturais de uma região, somados a uma infra-estrutura turística adequada, preço atraente e comercialização planejada”.

O planejamento físico do território sobre o qual se pretende desenvolver o turismo, sobretudo o turismo rural, tem o objetivo de organizar “as ações do homem sobre o território, e ocupa-se em resolver harmonicamente a construção de todo tipo de coisas, bem como em antecipar o efeito da exploração dos recursos naturais” (BOULLÓN, 2002, p.72), ou seja, procura fazer com que o uso e ocupação do solo não decorram no esgotamento prematuro dos recursos não-renováveis, ou ainda, a exploração irracional dos renováveis.

Para se planejar empreendimentos turísticos rurais, o empresário rural precisa definir as prioridades a serem trabalhadas, de tal forma que o empreendimento torne-se um produto de qualidade, para que possa resultar nos benefícios almejados.

Segundo a Universidade On-Line de Viçosa (UOV)¹⁶, “o planejamento de um empreendimento de turismo rural tem como base a definição das prioridades que devem ser trabalhadas, de acordo com o grau de importância que se pretende dar e com o produto a ser comercializado”.

“A atual fase do turismo rural no Brasil é favorável ao surgimento de novos empreendimentos e deve durar por mais alguns anos” (OLIVEIRA, 2004, p.65), sendo assim, para aproveitar esse momento, os proprietários rurais precisam ser direcionados e embasados em uma metodologia confiável para a formatação do produto a ser oferecido, objetivando a sustentabilidade desses empreendimentos. Caso não seja utilizada uma metodologia

¹⁶ Citação retirada do material disponível em CD-ROM do curso de Turismo Rural, elaborado pela UOV – Universidade on-line de Viçosa.

consistente, o empreendimento pode tornar-se uma experiência malsucedida, resultando em frustrações, tanto para o empreendedor quanto para os visitantes.

Planejar o turismo no espaço rural é necessário para que o crescimento da população receptora não seja incoerente. Para implantar o turismo rural em uma comunidade é preciso, assim como ocorre no espaço urbano, engajar a população, orientando-a no sentido de novas perspectivas de trabalho frente à atividade turística (MOLETTA, 1999).

O planejamento deve ser a fórmula utilizada para alcançar os propósitos no turismo rural. De outra maneira, corre-se o perigo de cair nos mesmos erros que caracterizam o modelo de sol e praia, isto é, intervenção abusiva da indústria construtora ou controle do setor por grupos externos, havendo o risco de destruição dos recursos naturais e de perda de identidades culturais (SOLLA, 2002, p.127).

O planejamento comprometido com a maioria da população deve ponderar a respeito de algumas das possibilidades que têm sido colocadas para o turismo rural, por inúmeros autores que tratam do assunto, como por exemplo, a geração de empregos, conservação de paisagens, manutenção de obras arquitetônicas de valor histórico, dentre outras.

Outro fator importante a ser considerado em relação ao planejamento para a implementação do turismo rural deve ser quanto à conservação destes espaços, pois o turismo pode ser extremamente predatório caso não haja um trabalho voltado para a educação tanto dos promotores quanto dos usuários da atividade turística, objetivando um turismo com menor impacto ao meio.

Para Toledo *et al* (2004, p. 128), mesmo com planejamento,

[...] o turismo pode ser um agente de degradação. Mas nos casos de planejamento bem desenvolvido, uma solução de sucesso pode ser alcançada. Isso porque a atividade turística deve estar continuamente submetida a um processo de mensuração, controle e avaliação, o qual possibilita, nos casos que seja detectada a degradação, uma imediata intervenção, mediante ações corretivas, permitindo a construção da sustentabilidade da atividade turística.

Reportando a Zimmermann (2000 *apud* SALLES, 2003, p. 16), quando se trata das dificuldades encontradas para o planejamento do turismo rural, o mesmo destaca que:

[...] as peculiaridades que compõem o produto Turismo Rural, aliadas à diversificação cultural, morfológica, produtiva e à diversidade de nossos recursos naturais fazem com que cada região disposta a desenvolver o Turismo Rural tenha um tratamento diferenciado, razão pela qual não se poderá unicamente manualizar o processo, mas, sim, desenvolver um termo de referência, que indique um norte para cada insumo/fator que componha o produto Turismo Rural [...].

Dessa forma, para que o turismo rural atenda aos objetivos para os quais foi criado, a utilização de uma metodologia de planejamento é de fundamental importância para que o empreendimento turístico rural seja um produto de sucesso, minimizando o risco de ser descaracterizado e tornar-se um produto que venha agredir ao meio ambiente no qual está inserido.

3.3. Planejamento turístico e hospitalidade

Uma localidade que almeja o desenvolvimento do turismo precisa preparar-se para atender a seus visitantes. Os turistas gostam de ser bem recebidos e, para que essa situação possa ser uma constante nos empreendimentos turísticos, é necessário, além do bom atendimento dos envolvidos diretamente com a atividade, que também a comunidade visitada preocupe-se em bem receber e atender aos visitantes (ARAÚJO, 2000).

Conscientizar a população local da importância que tem o ato de bem receber seus visitantes, cuidar bem de seus recursos naturais e artificiais, tornando a localidade mais atraente e receptora, é de fundamental para que se tenha o desenvolvimento da atividade turística. Segundo Petrocchi (1998, p.171), “a conscientização é importante para a melhoria da qualidade de vida local, a hospitalidade com o turista e a aceitação e compreensão das normas e fiscalização dos serviços de turismo”.

Porém, ao se estabelecer a relação de hospitalidade com o planejamento do turismo, percebe-se que somente pensar em satisfazer o turista e melhorar a qualidade de vida da comunidade receptora não é suficiente.

A hospitalidade implica estabelecer relacionamentos, e para Selwin (2004, p. 26):

A função básica da hospitalidade é estabelecer um relacionamento ou promover um relacionamento já estabelecido. Os atos relacionados com a hospitalidade obtêm este resultado do processo de troca de produtos ou serviços, tanto materiais quanto simbólicos, entre aqueles que dão hospitalidade (os anfitriões) e aqueles que a recebem (os hóspedes).

A hospitalidade pressupõe acolhimento e, segundo Gouirand (*apud* AVENA, 2003, p. 187), trata-se de “um ato voluntário que introduz um recém-chegado ou um estrangeiro em uma comunidade ou um território, que o transforma em membro desta comunidade ou em habitante legítimo deste território e que, a este título, autoriza a beneficiar-se de todas ou parte das prerrogativas que se relacionam com o seu novo status, definitivo ou provisório”.

O acolhimento do “outro” deve ocorrer de maneira cortês e alegre, mas, sobretudo, com eficácia, não podendo deixar por conta do humor de cada anfitrião a competência de bem ou mal acolher, ou seja, todas as pessoas recebidas/acolhidas devem sempre ser bem acolhidas, independentemente do humor do anfitrião. Para isso, o treinamento e o foco na qualidade dos serviços oferecidos é fundamental.

E como demonstrar ao hóspede que ele está sendo bem recebido? Com um sorriso verdadeiro pode-se demonstrar ao antes desconhecido que o mesmo está sendo aceito na comunidade aonde chegou, transmitindo-lhe calma e segurança. O sorriso do acolhimento expressa prazer e também funciona como uma linguagem universal entre os homens, demonstrando a felicidade aparente do ato de receber, transmitido como um gesto de hospitalidade àquele que chega.

Desta forma, a relação de hospitalidade pressupõe sempre abertura, respeito e delicadeza, de tal forma que o fato de se estar disposto a receber alguém implica fazê-lo com o máximo de cortesia e, principalmente, sem desrespeitar sua condição de outro. Assim sendo, no que diz respeito a todas as práticas da relação social ocorridas entre os indivíduos, a hospitalidade constitui-se em um acontecimento ético, que traz implícito valores de sociabilidade e solidariedade. No dizer de Montandon (2003, p.141):

Fazemos da hospitalidade um valor universal e até mesmo um instinto – tantas qualificações e atribuições que mostram como a hospitalidade universal, geral, única, se opõe a realidade de práticas muito específicas e muito diferenciadas, ligadas à divisão do trabalho social, e que uma de suas origens seria historicamente uma primeira separação entre a hospitalidade e a caridade.

Na relação com o próximo, seja ele um amigo, um vizinho, um colega de trabalho, um estrangeiro ou ainda, qualquer outro, a hospitalidade se faz presente, não no sentido de uma hospitalidade reduzida a um ritual de comércio, mais sim uma hospitalidade ligada à sensibilidade que é própria do ser humano.

Sendo assim, quando se fala em hospitalidade, está se falando em relações entre os homens; portanto, ao falar da hospitalidade no planejamento do turismo, deve-se atentar para as relações humanas decorrentes dessa atividade.

Dessa forma, é fundamental a realização de uma análise mais profunda com o objetivo de reconhecer e entender como tais relações acontecem em razão da atividade turística no meio rural, entre o visitante e o anfitrião. Percebe-se, assim, uma visualização da hospitalidade ocorrida no meio rural.

Para que a atividade turística se desenvolva em uma determinada localidade, faz-se necessária a existência de condições básicas de infra-estrutura, qualificação profissional, empreendimentos adequados, segurança, qualidade no atendimento e, hospitalidade. Neste sentido, a hospitalidade se constitui em uma condição primordial para o visitante e para quem reside no entorno considerado turístico – a comunidade visitada.

Ser ou não “bem recebido” em determinado local parece uma questão subjetiva. Depende de onde se vêm, quais foram as vivências anteriores. (...) da configuração do espaço que se conceituava como sendo o do lar. Depende do motivo pelo qual se deixa esse espaço, de como são os sonhos e como foram elaboradas as expectativas, do quanto se está disposto a reelaborá-las e a aceitar o novo.

Receber ou não receber bem também parece uma questão subjetiva. Depende do lugar que se ocupa, de valores e de vivências. Depende do sabor da comida que se pode oferecer ao outro, de como se olha para aquele que vem de fora, das resistências às mudanças, do quanto este outro pode ameaçar as certezas e corromper as verdades absolutas (RAMOS, 2003, p.27-28).

Percebe-se assim que não basta a comunidade ser hospitaleira, o visitante precisa participar desse processo, ele tem que se “deixar” participar, pois para que a hospitalidade se materialize, necessita-se de suas duas instâncias – o anfitrião e o convidado, respeitando os espaços e limites do “outro”.

A hospitalidade do lugar está presente em pequenos detalhes ricos de sentimentos, e cada um deles pode representar o quão hospitaleiro pode ser um lugar. O ser ou não bem recebido e o saber ou não receber e ser recebido contribui para o processo de hospitalidade ou para o processo de inospitalidade que ocorre em todos os meios, portanto, também no meio rural.

Dencker (2003, p. 110) afirma que “a base do turismo está na recepção, na acolhida, na hospitalidade oferecida e na troca e interação entre as populações visitadas e os visitantes”. Ora, se a hospitalidade é uma das bases do turismo, como então pensar turismo sem abordar a hospitalidade?

A idéia de acolhimento, de receber o outro, que está na origem da hospitalidade, assume dimensões que apontam para uma nova ética, uma política voltada para o acolhimento, o bem-estar. O planejamento que não considera as grandes minorias marginalizadas constituídas pelos meninos de rua, migrantes, desempregados, não leva ao desenvolvimento econômico, mas ao agravamento das desigualdades (DENCKER, 2004, p. 19).

IV. TURISMO RURAL: PANACÉIA OU UTOPIA?

É posto que o pequeno agricultor vem enfrentando grandes dificuldades para manter sua propriedade produtiva em razão de fatores como a falta de capital de giro, empréstimos rurais a juros elevadíssimos, ausência de incentivo por parte do governo. O turismo rural tem se configurado para algumas regiões do país como a alternativa de desenvolvimento e salvação do homem do campo.

Além disso, Corsi (2004, p. 33) acrescenta:

Temos, hoje, no turismo uma grande expectativa para a melhoria de vida das comunidades, onde a integração turista e população seja tranqüila e eficiente com grandes acréscimos de conhecimentos para quem chega e ali permanece por algum tempo, assim como, para aqueles que ali vivem.

Deparados com a necessidade de manter-se no meio rural, diversos agricultores têm buscado no desenvolvimento do turismo rural, a panacéia necessária para o seu sustento e de sua família, pois, de acordo com Oliveira (2001 *apud* BASSINELLO, p. 3)¹⁷,

o turismo rural está em plena fase de ascensão em todo o país, o que explica, principalmente por duas razões: a necessidade que o produtor rural, dono de terras e dos meios de produção, tem de tentar diversificar sua fonte de renda e de agregar valor aos seus produtos; e a vontade de algumas pessoas, moradoras das grandes cidades, têm de reencontrarem suas origens e permanecerem mais perto da natureza, convivendo e conhecendo a vida ‘calma e tranqüila’ do campo, seus hábitos, tradições e costumes.

A idéia de pluriatividade - mais precisamente o desenvolvimento do turismo - vem ao encontro dessa necessidade do agricultor em diversificar sua produção para conseguir se manter no campo. O turismo rural ainda é, segundo Zimmermann, em seu artigo intitulado ‘Turismo no Espaço Rural e Natural’¹⁸, um agente promotor, desempenhando as seguintes funções:

- Ser uma atividade estratégica, para preservação e a recuperação ambiental do espaço rural e natural;
- De garantir a manutenção das atividades agrícolas tradicionais e a conseqüente manutenção da família rural no campo;

¹⁷ Citação retirada o artigo “A estratégia de clusters na viabilização do turismo rural – uma experiência de fazendas históricas no Estado de São Paulo: região de Limeira”, de autoria de Patrícia Zaczuk Bassinello, disponível no endereço: www.ibcdtur.org.br/arquivos/cluster%20rural.pdf, acessado em 28/02/05.

¹⁸ Artigo publicado no site da empresa Zimmermann Assessoria, disponível no endereço: <http://zimmermann.com.br/espaco.htm>, acessado em 22/03/2003.

- De formular um novo conceito de produção, com a conseqüente incrementação de receita, para o espaço rural.

Diante de tais constatações, Agudo (2005, p. 27) acrescenta que:

o meio rural encontra-se diante do desafio de manter um equilíbrio entre as funções vinculadas à produção de alimentos e de matérias-primas e também se constituir em um local para atividades de lazer e ócio, prestação de serviços e indústrias de transformação, moradia, bem como àquelas de preservação ambiental.

Sendo assim, com o turismo rural, os produtores buscam encontrar novas oportunidades de geração de renda por meio da valorização de bens antes ignorados e julgados somente com valor de uso e não de troca, como a paisagem, o lazer e os ritos do cotidiano rural.

Cavaco (*apud* AGUDO, 2005, p.30) alerta para o fato de que,

as novas estratégias de desenvolvimento para o meio rural deverão ser econômica e ambientalmente sustentáveis e estar de acordo com o interesse das populações rurais e urbanas. Um dos requisitos principais para que essa estratégia ocorra de forma sustentável é a participação da comunidade, de forma democrática e transparente, visando a suprimir as desigualdades sociais.

A nova configuração assumida no meio rural com a atividade turística, para Froehlich (2000, p. 185), “pode ocasionar mudanças conflituosas ou crises de identidade social para os indivíduos nela envolvidos”, como por exemplo, entre os trabalhadores da terra x trabalhadores do lazer, agricultores x artesãos, produtores de alimentos x empresários de turismo, trabalhador rural x jardineiro, residente rural x produtor rural.

Portanto, quando se fala em turismo rural como uma nova possibilidade para o homem do campo, não se deve esquecer de que se essa nova alternativa apresenta várias soluções para a atual situação, principalmente, do pequeno e médio produtor rural, pode também apresentar alguns problemas, caso a atividade não seja implantada de forma consciente e profissional.

O discurso teórico tende, na maioria dos casos, a incentivar o turismo rural, colocando a atividade como uma alternativa de diversificação de renda para o produtor rural. Isso parece um tanto quanto utópico, pois dá a entender que qualquer propriedade rural que esteja passando por dificuldades econômicas, basta investir no turismo rural que todos os seus

problemas serão sanados; coloca a atividade como a grande panacéia para o campo. Mas será mesmo essa a verdadeira realidade encontrada no cenário nacional? Será que todas as propriedades rurais têm potencial para desenvolver o turismo rural? Será que todas as comunidades locais têm noção do que a atividade turística pode representar, em termos de impactos, tanto positivos como negativos, para os residentes envolvidos? Não seria somente mais um discurso político tentando esconder a realidade vivenciada por inúmeras famílias camponesas?

Discussões como essas precisam ser questionadas principalmente nos cursos de graduação em Turismo, instigando o debate sobre o tipo de análise que está sendo feita para classificar um caso como sendo ou não de sucesso, pois ao que parece tem-se classificado, sob a ótica do turista e não de uma avaliação responsável, levando-se em consideração os resultados do empreendimento e a satisfação das pessoas (turistas e residentes).

Buscando analisar a validade da opção pelo turismo em propriedades rurais no Norte do Paraná, no que tange aos resultados do empreendimento e satisfação de turistas e residentes, optou-se pela metodologia de estudo de caso único, tomando como objeto de estudo uma propriedade, localizada no município de Apucarana, denominada Fazenda Ubatuba, a qual possuía em sua extensão um empreendimento turístico denominado “Hotel Fazenda Ubatuba”, considerado por muitos como modelo de empreendimento bem sucedido.

4.1. Estudo de caso: Turismo Rural na Fazenda Ubatuba

A metodologia de estudo de caso é um tipo de abordagem empírica de caráter qualitativo que se refere ao estudo intensivo de uma situação em particular. O estudo de caso é também utilizado como recurso pedagógico no campo de várias disciplinas e possui o mérito de vincular teoria e prática. Trata-se de uma abordagem especialmente adequada para a investigação de fenômenos contemporâneos dentro de um contexto de vida real, principalmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são evidentes. Trata-se do método adequado para responder às questões “como” e “porque”, questões explicativas que tratam de relações operacionais que ocorrem ao longo do tempo.

A opção pela metodologia de estudo de caso único se deu por se tratar de uma situação em que foi possível estudar os comportamentos relevantes por meio de observação direta e de entrevistas sistemáticas, além de permitir trabalhar com uma variedade de outras evidências como documentos, outros registros de pesquisa, material de divulgação, entre outras fontes possíveis. No caso da Fazenda Ubatuba, trata-se de uma escolha especialmente indicada, pois diz respeito a um fenômeno amplo e complexo que não pode ser analisado pelo corpo de conhecimentos existentes e precisa ser avaliado dentro do contexto no qual ocorre.

O presente estudo de caso será tratado em dois momentos distintos, sendo eles, o momento em que a propriedade encontrava-se aberta aos turistas¹⁹ e, num segundo momento, o processo de venda²⁰ e conseqüente fechamento do empreendimento turístico existente na mesma.

4.1.1. Procedimento Metodológico

Para o desenvolvimento da presente pesquisa o primeiro passo foi a construção do referencial teórico inicial relativo ao estudo empreendido visando construir as bases que fundamentam a análise dos dados observados. Essa construção teórica foi formulada antes do início da coleta de dados de modo a fornecer as unidades de análises que seriam utilizadas na investigação.

Para a construção do referencial teórico, a metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica que permitiu o desenvolvimento dos capítulos iniciais que conceituam o turismo rural, seu desenvolvimento como prática inicialmente na Europa e atualmente no Brasil, as interfaces com a hospitalidade e planejamento.

A determinação do caso escolhido para estudo - A Fazenda Ubatuba - deu-se em razão do valor histórico que a propriedade representa para o município de Apucarana, bem como para toda sua população e, também, em virtude da mesma estar inserida no contexto turístico municipal, fazendo parte de um roteiro denominado “Caminho das Águas – Circuito

¹⁹ Vide anexo C.

²⁰ Vide anexos D e E.

da Fé: turismo rural”²¹, elaborado pela Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente, sendo vista como um caso de sucesso no turismo rural por parte da comunidade local. O empreendimento foi objeto de estudos e trabalhos acadêmicos realizados por alunos dos cursos de turismo e geografia da região, sendo sempre indicado como empreendimento modelo.

Por ocasião da realização da coleta de dados do estudo de caso o pesquisador deparou-se com um grande problema: a Fazenda Ubatuba foi vendida e o empreendimento fechado, mesmo estando com todos os quartos reservados para o mês de dezembro. Esse fato, entretanto, não desviou o pesquisador da rota traçada, ao contrário instigou ainda mais a sua curiosidade. Quais seriam as razões para que um investidor fechasse um empreendimento tido como modelo e que segundo as informações obtidas estava com 100% de reserva? Era preciso haver alguma razão e a principal questão que se instalou na mente do pesquisador foi que talvez por trás da aparência de um caso empresarial bem sucedido houvesse motivos bem definidos para que o mesmo não continuasse. E se essas razões existiam como é possível que tivessem passado despercebidas pela comunidade e pelos estudiosos que fizeram os levantamentos que foram consultados pelo pesquisador sobre o empreendimento?

O Estudo de Caso foi então realizado por meio de abordagem qualitativa de pesquisa, uma vez que, segundo Godoy (1995), essa abordagem possibilita estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas emaranhadas relações sociais estabelecidas nos diversos ambientes. Portanto, um fenômeno pode ser mais bem entendido, quando analisado numa perspectiva integrada dentro de seu contexto.

Quando se fala em pesquisa qualitativa, entende-se que a mesma tem o ambiente como fonte natural de dados e o pesquisador como principal instrumento; os dados são descritos e os resultados expressos em narrativas, sendo ainda ilustrados com declarações das pessoas, fragmentos das entrevistas. Além disso, enfatiza como o problema se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas instalações cotidianas; preocupa-se em retratar a perspectiva do participante e, ainda, a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (BOGDAN; BIKLEN *apud* TRIVIÑOS, 1990).

²¹ Vide anexo F.

Tripodi *et al.*, *apud* Marconi & Lakatos (2002, p.85), tratam a pesquisa empírica exploratória com estudos exploratório-descritivos combinados como sendo,

Estudos exploratórios que têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno, como por exemplo, o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas. Podem ser encontradas tanto descrições quantitativas e/ou qualitativas quanto acumulação de informações detalhadas como as obtidas por intermédio da observação do participante. [...] os procedimentos de amostragem são flexíveis.

O método utilizado foi de observação direta sistemática e intensiva, por meio de uso de técnica de entrevista semi-estruturada, com o dono da propriedade, o gerente do empreendimento, membros da comunidade local, funcionários do empreendimento e visitantes da propriedade em estudo, visando identificar, dentre outros dados relevantes à pesquisa, elementos que caracterizassem a aceitabilidade da atividade de turismo rural desenvolvida na propriedade, procurando perceber tanto a existência de possíveis conflitos quanto de pontos de convergência e satisfação que predominam nessa atividade.

Segundo Marconi & Lakatos (2002, p.92-94), a entrevista é “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. A entrevista não estruturada é aquela em que “o entrevistador tem a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada”.

No presente caso, a conduta foi semi-estruturada, pois embora o pesquisador tenha dirigido as entrevistas na direção que considerava mais adequada, em cada momento trabalhou-se com um roteiro pré-definido de questões tomando-se o cuidado de assegurar que em todas as entrevistas realizadas com um determinado grupo fossem formuladas todas as questões previamente definidas para o grupo.

Estudos qualitativos interrogam um número limitado de pessoas, de modo que o critério determinante para a amostra é a adequação aos objetivos da investigação, garantindo que nenhuma situação importante seja esquecida, e interrompendo-se a coleta de dados quando as informações se tornam repetitivas.

Dessa forma, primeiramente foram elaborados os roteiros semi-estruturados - denominados formulários²² para as entrevistas, direcionados para cada grupo a ser pesquisado.

A entrevista com o dono da propriedade tinha como objetivo conhecer um pouco mais sobre a fazenda e entender o processo de venda da propriedade, tendo sido realizada em 11 de fevereiro de 2005, com a Sr^a Suzana Helena Schindler, que juntamente com mais dois irmãos eram os proprietários da Fazenda Ubatuba.

A entrevista realizada com o Sr. Eduardo Emerich, arrendatário de parte da propriedade e que elaborou o projeto turístico implantado na Fazenda Ubatuba, objetivava entender o processo de venda da fazenda e conseqüentemente o fechamento do hotel, bem como as relações decorridas desse processo, tendo sido aplicado o formulário em 28 de fevereiro de 2005.

Para procurar saber os motivos que levaram o Grupo Massa & Massa a adquirir a propriedade Fazenda Ubatuba, bem como esclarecer informações veiculadas pela imprensa referentes aos projetos que o grupo tinha em relação à recente aquisição, foi aplicado um formulário no dia 26 de março de 2005, com o Sr. Arlindo Camini Junior, assessor do empresário Carlos Massa, responsável pelo Grupo Massa & Massa.

Buscando verificar quais os impactos gerados aos funcionários do Hotel Fazenda Ubatuba, bem como aos visitantes do local, foram realizadas entrevistas com o Sr. Consuelo Alves, jardineiro e guia no passeio de trator existente no hotel (dia 09 de fevereiro de 2005), com a Sr^a Inês Finati Kuhm, chefe de cozinha do hotel (dia 09 de fevereiro de 2005), e com a Sr^a Sandra Porelli, gerente de Marketing do empreendimento, no dia 30 de abril de 2005.

Também foram entrevistados o Sr. Marcos Adriano M. Perez, corretor de seguros e presidente do Jeep Club de Apucarana (13 de março de 2005), a Sr^a Márcia Regina Batista, gerente de logística da empresa Ruah Confeccões (14 de abril de 2005), a Sr^a Lílian Carla Garcia, diretora industrial da empresa Ruah Confeccões (14 de abril de 2005) e com a Sr^a Daniela Moreira G. de Sousa, auxiliar financeiro da empresa Oneal Áudio (14 de abril de 2005), todos usuários do Hotel Fazenda Ubatuba, com o objetivo de verificar a hospitalidade

²² Vide apêndices A, B, C, D, E e F.

que era oferecida pelo local quando em funcionamento e, ainda, procurar saber a opinião dos mesmos em relação ao processo de venda da propriedade e posterior encerramento das atividades do Hotel Fazenda.

Procurando identificar quais os impactos sentidos na comunidade local, com relação ao processo de venda e encerramento das atividades do hotel, foram entrevistados o Sr. Paulo Cezar Ribeiro (30 de abril de 2005), balconista da Farmácia Pirapó; a Sr^a Ivonete Cristina Avanci de Melo (30 de abril de 2005), proprietária do Supermercado Melo, no distrito de Pirapó e a Sr^a Elvira Fernandes Broening (30 de abril de 2005), proprietária do Planeta Café – Petiscaria, localizado no distrito de Pirapó.

Dessa forma, com tais entrevistas realizadas, foi possível conhecer os vários pontos de vista dos diferentes entrevistados, quanto ao processo de venda da Fazenda Ubatuba e, conseqüentemente, os motivos que levaram ao encerramento das atividades do Hotel Fazenda Ubatuba.



Figura 03: Mapa de localização da área de estudo
 Fonte: Manosso, 2003.

4.1.2. Hotel Fazenda Ubatuba: sua história²³ e suas características

A história da Fazenda Ubatuba tem início em 1936 quando parte da família Schindler resolveu deixar a Alemanha nazista e a Europa já comprometida pelo despertar dos eventos que levaram à Segunda Guerra Mundial.

A família, sem dinheiro, contou com a ajuda de um amigo suíço que lhes ofereceu a oportunidade de uma vida nova no Canadá ou no Brasil; Erwin e Rosa Schindler, acompanhados do filho Sigurd Schindler, optaram pelo destino Brasil. O amigo propusera um acordo no qual lhe daria dinheiro para investir na aquisição de terras, enquanto Erwin pagaria sua parte com o próprio trabalho.

Erwin deixou a família em São Paulo e partiu para o Norte do Paraná, onde os ingleses da Companhia de Terras Norte do Paraná, com os quais possuía contato, estavam abrindo uma estrada de ferro que passava por Londrina.

Interessado em uma ampla área de terra de cinco mil alqueires, os ingleses enviaram-no para um local distante do promissor território de Londrina. Acompanhado de um topógrafo e um agrimensor, desbravaram mata adentro abrindo picadas, dormindo rudimentarmente em barracas improvisadas, enfrentando animais perigosos e um clima desconhecido. Após dias de duras caminhadas, chegaram ao planalto da futura Apucarana e encontraram o local que viria a ser a Fazenda Ubatuba. Montados em mulas e desprovidos dos modernos equipamentos – carregavam simples serrotes e machados – com os quais foram abrindo clareiras que seriam preenchidas por esplêndidos pés de café.

Sua família só veio a transferir-se para o norte paranaense em 1939 e instalou-se em um modesto barraco de madeira, sem água corrente e sem energia; sequer dispunham do mínimo de conforto no abrigo.

Aos poucos foram chegando novos imigrantes alemães, refugiados da guerra, recebidos pela crescente comunidade Ubatuba. Neste tempo, foram construídas algumas benfeitorias como a serraria que processava as madeiras que se transformavam em casas, a olaria para fabricar tijolos e telhas para uso próprio. Mais tarde construiu-se uma

²³ Informação verbal concedida pela Sr^a Suzana Schindler.

outra olaria, uma marcenaria e uma usina de força para gerar energia elétrica para toda comunidade local.

Em 1948, iniciou-se o funcionamento do primeiro ‘terreirão’ para lavagem, processamento, secagem e beneficiamento do café, chegando a processar até dez mil sacas em uma única colheita. Mesmo diante das oscilações climáticas que a região poderia oferecer, principalmente relacionadas às geadas, os pequenos pés de cafés resistiram e a fazenda se tornou um modelo referencial da produção cafeeira nas décadas de 1950, 1960 e até meados de 1970.



Figura04: Foto de um quadro pintado na época das atividades da Fazenda Ubatuba, retratando a produção do café.

Fonte: Rita Ribeiro, 2004.

Movido pelos ideais que o trouxeram da Alemanha, o Sr. Erwin construiu escolas para os filhos dos colonos, um armazém para fazerem suas compras, instalou um posto de saúde, uma farmácia, um posto de gasolina, um cinema e outras instalações que permitiram aos moradores e proprietários, uma vida auto-sustentável na fazenda. Na década de 1970, quando ostentava o volumoso número de um milhão de pés de café, a fazenda chegou a abrigar mais de quatrocentas famílias.

No entanto, em 1975, mais precisamente no dia 18 de julho deste mesmo ano, o Paraná assistiu uma desastrosa fúria da natureza, a qual ficou conhecida como a “geada negra”, eliminando pelas raízes os pés de café e arruinando o potencial cafeeiro do estado. Na

fazenda, 75% da produção teve que ser erradicada e recomeçada, pois Sigurd Schindler, que nesta época já havia assumido a propriedade do pai, acreditava na cultura cafeeira.

O resultado foi um incontável número de pessoas abandonado o campo em direção às cidades e o panorama regional se modificou; o verde do café deu lugar ao novo modelo de produção constituído pela lavoura branca e mecanizada: soja, milho, trigo, aveia e a pecuária. Com a Fazenda Ubatuba, o processo não foi diferente. No entanto, a fazenda conserva ainda hoje as edificações originais da época, que são a memória histórica da região.

A Fazenda Ubatuba, que se encontrava em poder da família Schindler, foi adquirida recentemente²⁴ pelo grupo Massa & Massa, pertencente ao empresário Carlos Massa, popularmente conhecido por ‘Ratinho’²⁵.

4.1.2.1. Descrição da propriedade e do Hotel Fazenda Ubatuba

A Fazenda Ubatuba ocupa uma extensão territorial de 600 alqueires, dos quais, aproximadamente 240 alqueires de Mata Atlântica permanecem intocados e assegurados por imposição de leis nacionais.

²⁴ Data da aquisição da fazenda: dezembro/2004.

²⁵ Personagem que a pessoa incorpora no meio artístico.

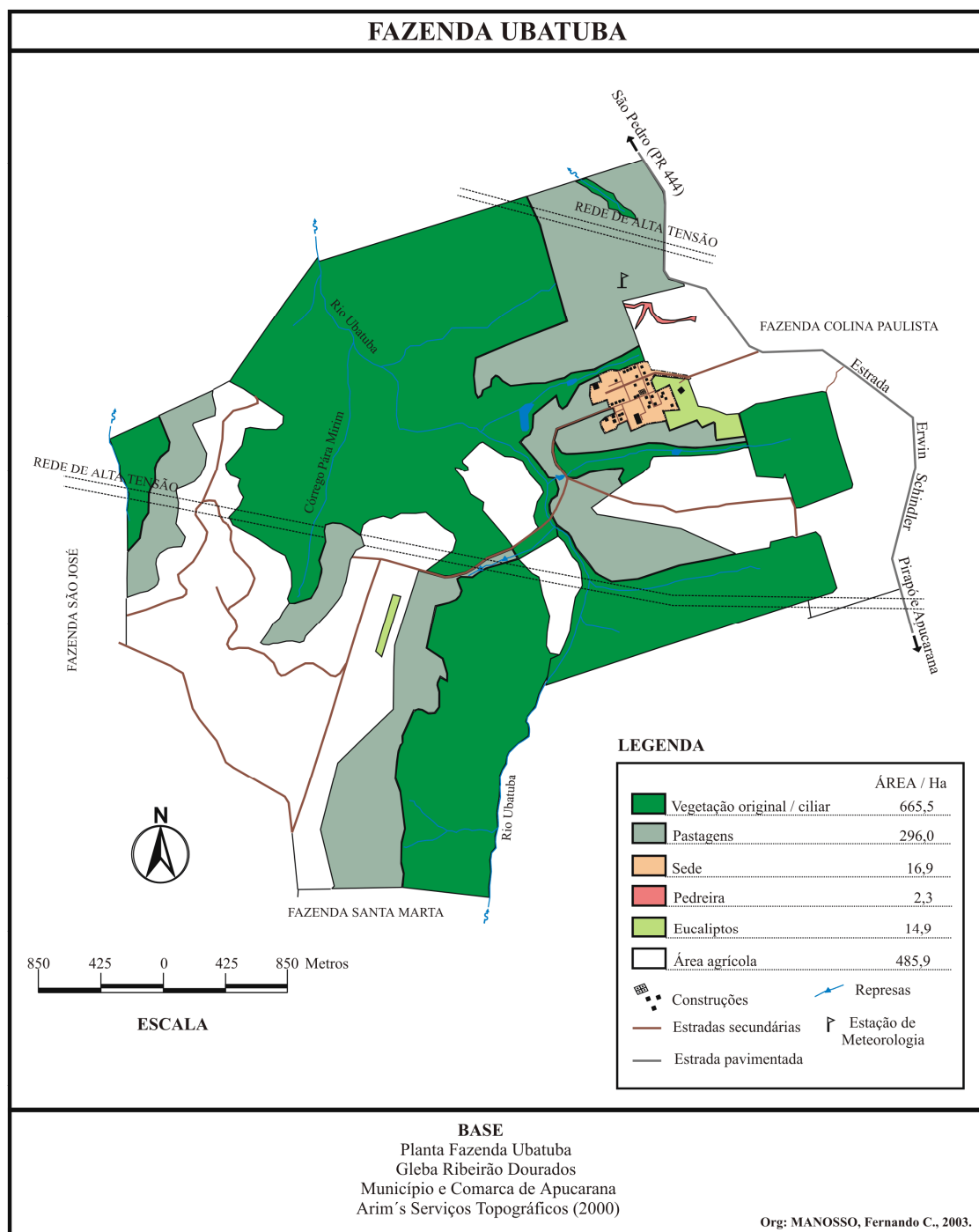


Figura 05: Planta da Fazenda Ubatuba, uso atual e ocupação do solo.

Fonte: Manosso, 2003.

Manosso²⁶, em 2003, efetuou um levantamento das potencialidades turísticas da Fazenda Ubatuba, as quais são apresentadas resumidamente na figura a seguir:

²⁶ Monografia intitulada "Turismo rural: potencialidades da Fazenda Ubatuba – Apucarana(PR), 2003.

ATRATIVO TURÍSTICO	INVENTÁRIO E DIAGNÓSTICO	POTENCIALIDADES
 Cachoeira (Córrego Ubatuba)	A Cachoeira encontra-se em local de fácil acesso, por meio de estrada cascalhada, localizada a aproximadamente mil metros da sede, dos quais mais 50 metros são de pastagem e ainda, 20 metros de trilhas irregulares e de forte declive. Para transformar a cachoeira em produto turístico, existe a necessidade de recuperar suas margens. Em virtude do forte declive no local, o acesso pode ser dificultado.	Forte potencial para o desenvolvimento do Turismo Ecológico, Turismo Educativo e, ainda, o desenvolvimento de atividades esportivas e/ou recreativas, como bóia-cross e pescaria.
 665,5 hectares de mata	Chega-se à mata por estradas cascalhadas. Seu interior é de difícil acesso e a mesma encontra-se alterada e fechada nas bordas. Devido ao clima úmido, existe a necessidade de uma manutenção constante nas trilhas e caminhos no interior da mata.	Potencial para o desenvolvimento do Turismo Ecológico, prática de Educação Ambiental, por meio de trilhas ecológicas e caminhadas e, ainda, pesquisa e observação da fauna e flora.
 Igreja Católica	De fácil acesso, está localizada na margem esquerda da estrada cascalhada que dá acesso à sede da fazenda. Não está em bom estado de conservação.	Desenvolvimento do Turismo Religioso.
 Quatro casarões	Localizados na sede, com iluminação precária, necessidade de restauração de pinturas e telhados. Seu extenso jardim também precisa de recuperação, pois encontra-se em mau estado de conservação. É preciso investir capital para adaptar e restaurar os casarões para o recebimento e hospedagem de visitantes.	A arquitetura antiga, bem como seu mobiliário, torna os casarões propícios para o desenvolvimento do turismo histórico – cultural.

	A antiga cantina também encontra-se localizada na sede da fazenda. Sua construção é em madeira, sendo seus móveis antigos também em madeira, possuindo ainda uma extensa varanda. Precisa de melhorias no imóvel e também no seu entorno.	Excelente estrutura para um restaurante típico rural.
	A churrasqueira coberta possui uma ampla varanda, necessitando de melhorias para estar apta a receber visitantes.	Sendo sua localização frente à piscina, torna-se um espaço de confraternização entre os visitantes.
	Antigos barracões de madeira localizados na sede, sem nenhuma jardinagem no seu entorno e praticamente sem arborização, necessitando, portanto, de serviço de jardinagem, bem como de reparos na pintura.	Espaço amplo com possibilidade para o alojamento de grupos para a realização de eventos como retiros religiosos e encontros.
	Na sede da fazenda encontram-se casas de madeira, estilo rústico, utilizadas por moradores locais, em estado precário de conservação.	Com uma restauração nas casas, as mesmas podem servir de atrativos históricos e culturais para a atração de visitantes.
	Os terreiros de café, localizados nas redondezas da sede, estão em estado precário de conservação. Há necessidade de restauração dos mesmos.	Restaurados, os terreiros podem servir como espaços para realização de atividades de lazer ao ar livre com os visitantes.

 Casas de Alvenaria	Também na área da sede da propriedade, estão algumas casas de alvenaria, onde moravam funcionários da fazenda na época em que a mesma era uma grande produtora de café. Também estão necessitando de restaurações para que possam ser utilizadas como espaço para alojamento de visitantes.	Sua arquitetura pode ser utilizada para o trabalho com turismo histórico e cultural.
 Construções (Beneficiamento do café)	A fazenda conta ainda com grandes construções em madeira, que eram utilizadas para o beneficiamento do café. Seu estado de conservação é precário, necessitando de um trabalho de restauração.	Essas construções podem ser aproveitadas para o turismo histórico, podendo ser explorados equipamentos e processos de beneficiamento e armazenamento do café.
 Escola Erwin Schindler	A Escola Erwin Schindler também está localizada na área da sede da propriedade, com arquitetura em madeira, necessitando de restauração pois encontra-se em estado de conservação precário.	Espaço para o desenvolvimento do turismo educativo, por meio da história da fazenda
 Escritório	O escritório da fazenda é uma das construções mais recentes da fazenda, com ampla varanda em seu entorno. O acesso até o mesmo é feito por terra, sem nenhum tipo de material para delimitar o percurso. Seu jardim também encontra-se em mau estado de conservação.	Espaço para o desenvolvimento do turismo de eventos.
 Garagens	Existem várias garagens na sede da propriedade, com um grande pátio, porém sem nenhuma conservação. Necessidade de se investir em reformas, incluindo jardinagem, piso, pintura.	Garagem para os visitantes.

 Antiga Pensão	A construção de uma antiga pensão, totalmente em madeira, com ampla varanda, também faz parte do acervo de imóveis da sede da propriedade. Seu estado de conservação é precário, necessitando de reformas.	Estrutura que pode ser utilizada como espaço para o desenvolvimento do turismo histórico, onde poderia ser apresentada a história dos trabalhadores que residiram na pensão na época em que a fazenda era uma das maiores produtoras de café do país.
---	---	--

Figura 06: Levantamento do potencial turístico da Fazenda Ubatuba

Fonte: Manosso, 2003, adaptação: Fontana, 2005.

Diante de todo esse potencial natural e, aproveitando a rica herança patrimonial das edificações que resistiram ao tempo e, ainda, contando com o caso de sucesso vivenciado pela fazenda, o Sr. Eduardo Emerich, empresário de visão, tendo a oportunidade de presenciar o estado de abandono em que se encontravam as benfeitorias da propriedade, propôs à família Schindler, até então proprietária, o arrendamento parcial da fazenda (14 alqueires) para a instalação de um empreendimento turístico denominado Hotel Fazenda Ubatuba.

O início das atividades do hotel ocorreu em julho/2003. Após um ano e meio de sua implantação, o hotel vinha gerando renda e empregos diretos e indiretos para a comunidade local, contribuindo para o resgate ao patrimônio histórico-cultural que caracterizou o período cafeeiro da região e proporcionando a conservação do meio ambiente.

O local ocupado pelo Hotel Fazenda Ubatuba era privilegiado, ficando a 45 Km da cidade de Maringá, 54 Km de Londrina e a 10 Km de Apucarana, tendo como vias de acesso as rodovias BR-376, que liga Maringá a Apucarana e a PR-444 que liga Londrina a Maringá, estando localizada em estrada secundária entre as duas rodovias. O acesso para a entrada na fazenda é feito por via cascalhada, de tal forma que, mesmo com chuva, é possível chegar ao local.

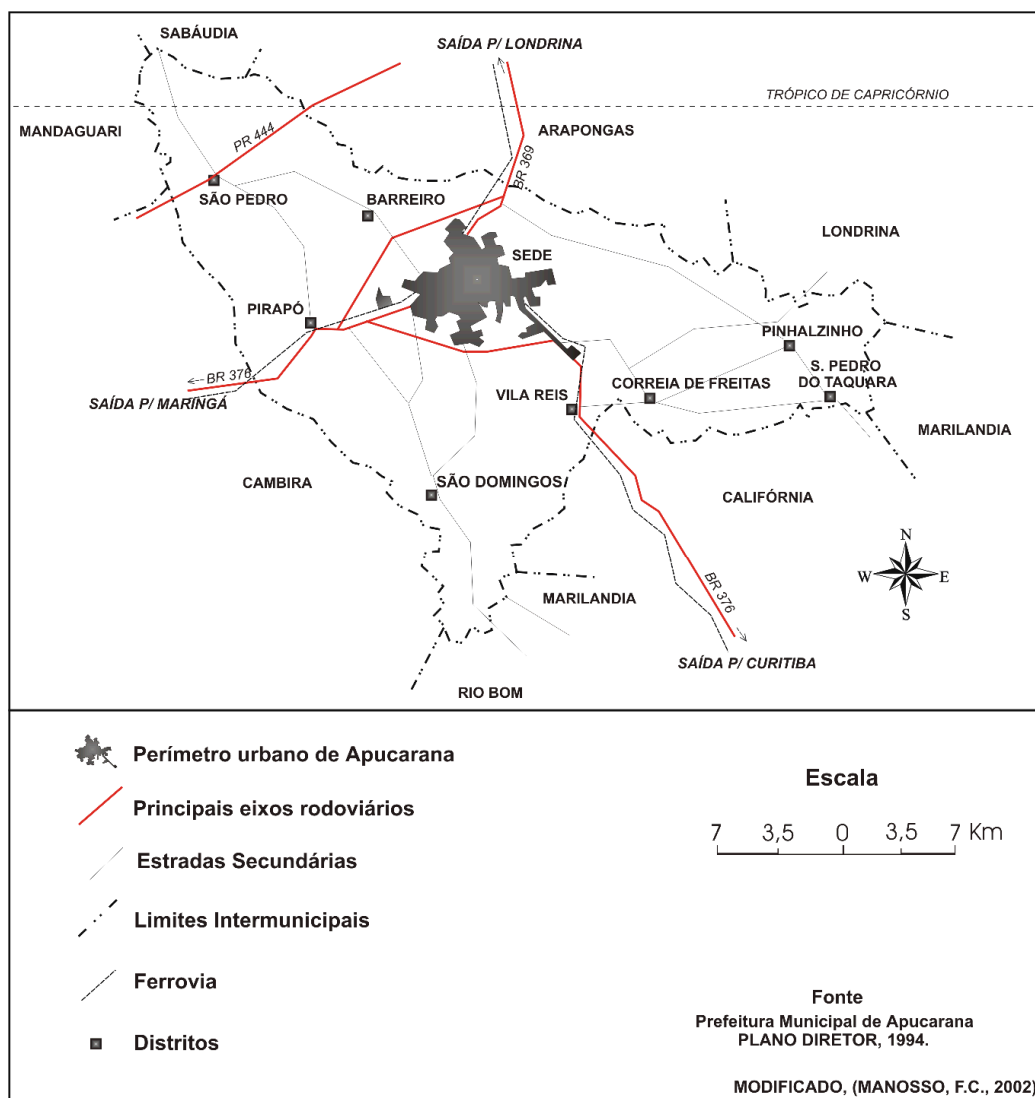


Figura 07: Mapa de Acesso e Principais Rodovias do Município de Apucarana
Fonte: Manosso, 2003.

Em dezembro de 2004, a infra-estrutura física do Hotel Fazenda Ubatuba contava com 14 UHs (unidades habitacionais), área administrativa, restaurante, lanchonete, piscina, salão de jogos e sala de videogame, sala de ginástica, sauna, campo de futebol, salão de eventos e uma capela. Além das instalações, o empreendimento contava ainda com belezas naturais como as cachoeiras e lagoas que se formam no leito do Rio Ubatuba que cruza a propriedade, utiliza-se também da área de mata preservada na fazenda, e, nesse cenário, muitas vezes se vêem pássaros e animais silvestres da região, que vivem em harmonia com o meio ambiente e os visitantes da propriedade.



Figura 08: Vista parcial do jardim da Fazenda Ubatuba
Fonte: Rita Ribeiro, 2004.



Figura 09: Vista parcial dos casarões da Fazenda Ubatuba
Fonte: Rita Ribeiro, 2004.

A área de hospedagem do hotel constituía-se de UH's distribuídas em 03 casarões e 01 chalé, com acomodações de arquitetura antiga, restauradas e remodeladas, em sua maioria cercada por alpendre (varanda) amplo, onde são instaladas redes para descanso. Os apartamentos/suítes eram disponibilizados nas categorias *standard*, luxo, super luxo e máster.

O casarão, cuja denominação era Casa Grande, possuía estrutura de construção antiga, que abrigava os proprietários da fazenda, na época em que os mesmos ainda residiam na propriedade. Restaurado e reformulado para receber hóspedes, contava com 06 apartamentos/suítes assim distribuídos: 02 apartamentos padrão *standard*, 02 apartamentos padrão luxo, 01 apartamento padrão super luxo e 01 apartamento padrão máster.



Figura 10: Vista da Casa Grande da Fazenda Ubatuba
Fonte: www.hotelfazendaubatuba.com.br

Quando a fazenda ainda produzia café, foi construída a casa de hóspedes denominada Rubiácea²⁷, cuja finalidade era acolher visitantes das mais diversas regiões do Brasil e também de outros países, que vinham conhecer a estrutura de uma das maiores fazendas produtoras de café da região. Essa construção também sofreu reformulações para abrigar eventuais turistas e contava com 03 apartamentos/suítes, assim distribuídos: 02 apartamento padrão luxo e 01 apartamento padrão super luxo conjugado.

²⁷ Segundo do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, a rubiácea pertence a família de plantas floríferas que inclui o café.



Figura 11: Vista da Casa de hóspedes Rubiácea da Fazenda Ubatuba
Fonte: www.hotelfazendaubatuba.com.br

A Casa de hóspedes Maragogipe²⁸ também construída para a mesma finalidade que a casa Rubiácea, após ter sido reestruturada para receber turistas, contava com a mesma capacidade de hospedagem que a anterior, ou seja, 03 apartamentos/suítes, sendo 02 apartamentos padrão luxo e 01 apartamento padrão super luxo conjugado.



Figura 12: Vista da Casa de hóspede Maragogipe da Fazenda Ubatuba
Fonte: www.hotelfazendaubatuba.com.br

A edificação mais nova e de estilo moderno, denominada Chalé Mundo Novo, possuía 02 apartamentos/suítes, sendo um apartamento padrão máster e outro, uma suíte nupcial padrão máster.

²⁸ Segundo do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, maragogipe é certa variedade de café.



Figura 13: Vista Panorâmica do Chalé Mundo Novo da Fazenda Ubatuba
Fonte: Rita Ribeiro, 2004.

Como um atrativo para o hotel, existe na propriedade uma capela, cuja construção é antiga, de tijolinho a vista com capacidade para 100 pessoas, a qual era utilizada para a realização de eventos, como casamentos, pelos hóspedes do hotel.



Figura 14: Vista da Capela da Fazenda Ubatuba
Fonte: Rita Ribeiro, 2004.

A antiga cantina da fazenda foi transformada no restaurante do hotel, com capacidade para 60 pessoas, sendo os alimentos preparados em fogão a lenha e com um cardápio típico rural.



Figura 15: Vista frontal do restaurante da Fazenda Ubatuba
Fonte: www.hotelfazendaubatuba.com.br



Figura 16: Visão interna do restaurante da Fazenda Ubatuba
Fonte: www.hotelfazendaubatuba.com.br

Além da hospedagem, o hotel oferecia aos seus hóspedes, atividades de lazer e recreação, e, para tanto, possuía uma equipe especializada, preparada para atender e entreter os hóspedes durante sua estada na propriedade, em atividades como:

Cavalgada Ecológica: era realizada em um percurso de velhas trilhas usadas pelos tropeiros no século passado.

Caminhada Ecológica: era realizada em uma trilha com visita da Cachoeira Ubatuba e a antiga usina elétrica.



Figura 17: Vista da Cachoeira Ubatuba localizada na Fazenda Ubatuba

Fonte: www.hotelfazendaubatuba.com.br

Passeio de Charrete: o passeio era realizado nos arredores da fazenda, com o acompanhamento de um guia local.



Figura 18: Passeio de charrete na Fazenda Ubatuba

Fonte: www.hotelfazendaubatuba.com.br

O hotel ainda oferecia aos hóspedes, piscina, sauna e academia com equipamentos para musculação.

Também oferecia a opção de uma sala de jogos com mesa de sinuca, tênis e pebolim, bem como uma outra sala equipada com videogame, ambas disponibilizadas para o entretenimento dos hóspedes.

Como uma atividade de lazer tipicamente do meio rural, o hotel utilizava o lago existente na fazenda para que seus hóspedes pudessem praticar a pescaria.

A atividade denominada Pedalada Ecológica era um passeio realizado com bicicletas, em trilhas ecológicas da fazenda.

Como forma de vivenciar a realidade da vida no campo, os hóspedes podiam acompanhar a ordenha realizada na fazenda.



Figura 19: Ordenha realizada na Fazenda Ubatuba

Fonte: www.hotelfazendaubatuba.com.br

O hotel também dispunha de um campo de futebol localizado nos jardins do empreendimento, para que fosse utilizado pelos hóspedes e visitantes.



Figura 20: Campo de futebol do Hotel Fazenda Ubatuba

Fonte: www.hotelfazendaubatuba.com.br

O recanto da criança era um local onde os pais podiam deixar seus filhos para brincar, com acompanhamento de monitores. Também existia o redódromo, que era um local tranquilo, criado especificamente para que se pudesse descansar em redes.

Uma atividade bastante apreciada pelos visitantes, era o *City Tour*, realizado com um trator, sendo o guia condutor um antigo morador da fazenda que, durante o percurso, contava aos hóspedes a história do local.

Além da hospedagem e das atividades de lazer e recreação, o hotel contava ainda com um espaço para realização de eventos. Esse espaço, anteriormente utilizado pela

administração da fazenda durante sua fase produtora de café, foi transformado em um salão para eventos de pequeno porte.



Figura 21: Vista panorâmica do Salão de Eventos do Hotel Fazenda Ubatuba
Fonte: Rita Ribeiro, 2004.

A partir de dezembro/2004, o hotel foi fechado, tendo sido canceladas, a partir de então, as reservas já efetuadas.

4.2. Hotel Fazenda Ubatuba: suposto caso de sucesso de turismo rural

Como já mencionado anteriormente, o Hotel Fazenda Ubatuba foi escolhido como caso para a realização do presente estudo, dentre outras razões, pelo suposto modelo de empreendimento turístico rural que o mesmo aparentava ser.

A fazenda Ubatuba, mesmo antes da implantação do Hotel, tinha por tradição receber amigos e convidados para passar fins de semana em convívio com a natureza, demonstrando uma hospitalidade tipicamente rural por parte dos (então) proprietários.

Ao se deparar com o potencial turístico que a fazenda possuía e, sabendo do interesse dos antigos proprietários em arrendar parte da propriedade para o desenvolvimento da atividade turística, o Sr. Eduardo Emerich visitou o local e, gostando do que viu, fechou negócio com a Família Schindler, proprietária da fazenda, arrendando parte da propriedade para a implantação de um hotel fazenda.

O arrendamento foi feito para um período de quinze anos, sendo o pagamento efetuado mensalmente, acompanhando os índices anuais de correção.

Conforme relato do Sr. Eduardo Emerich, (nas citações que seguem abaixo, em itálico, identificadas por E.E.) em entrevista concedida ao pesquisador, ele mesmo elaborou o projeto do hotel, pois já desenvolvia trabalhos com planejamento e também já havia sido proprietário de um empreendimento turístico. Dessa forma, considerava-se apto para desenvolver o projeto para o hotel, sem o auxílio de outros profissionais, também afirmando que não chegou a elaborar nenhum estudo de viabilidade antes do desenvolvimento do projeto.

Não foi feito nenhum estudo de viabilidade, o que eu fiz foi um planejamento estratégico, mas eu fiz um planejamento que dava um número muito grande de informações, foi onde previ faturamento, despesas; a projeção de faturamento, taxa de ocupação, tudo perto da realidade que já conhecia pois temos um histórico de taxa de ocupação. No período em que o hotel funcionou, eu trabalhei com 14 apartamentos. Eu tinha uma taxa de ocupação na faixa de 40%, então poderia calcular quanto faturaria no mês. (E.E. - arrendatário)

Mesmo sem o estudo de viabilidade, o empresário afirmou que seu planejamento foi quase perfeito em termos de despesa e receita e que seu único erro foi quanto ao custo da reforma, que ficou acima do previsto.

Meu planejamento, eu até comentei com algumas pessoas, que eu não sabia que iria acertar tanto, o índice percentual de erro foi muito pequeno graças a Deus, o erro maior que cometi foi de planejar a reforma, o custo que iria ter com a reforma ficou além do planejado. Em termos de faturamento de receita e despesa, eu fui muito feliz, consegui acertar, o nível de variação foi muito pequeno. (E.E. - arrendatário)

Ainda segundo o arrendatário, seu projeto previa o envolvimento da população local na atividade, tendo o mesmo afirmado que:

A princípio, meu projeto contava com a mão-de-obra do pessoal da fazenda, mas na verdade, a fazenda tinha pouca gente e eram pessoas que não tinham especialidades, não tinham perfil para o empreendimento e, praticamente, quase não tinha mais funcionários, na verdade, acabei utilizando apenas uma pessoa que era da fazenda. (E.E. - arrendatário)

As atividades de reformas na propriedade começaram em dezembro/2002, porém, o hotel somente entrou em funcionamento no mês de julho/2003.

Como a fazenda não dispunha do número necessário de funcionários para o funcionamento do hotel, o empresário-arrendatário contratou uma empresa de recursos humanos, situada na cidade de Maringá, a qual fez todo o processo de recrutamento, seleção e contratação do pessoal. Também foi concedido treinamento para todos os funcionários do hotel. (E.E. - arrendatário)

Quanto ao trabalho de divulgação do produto Hotel Fazenda Ubatuba, durante a entrevista, o empresário informou que o seu trabalho estava mais direcionado ao mercado de Londrina e Maringá e que, em Apucarana, seu público alvo eram empresas que utilizavam o empreendimento para eventos. Acrescentou que o público que buscava lazer estava mais concentrado nas cidades da região, pois considerava essas como sendo um nicho mais promissor do que Apucarana. (E.E. - arrendatário)

Segundo o arrendatário, mesmo com o pouco tempo de atividades, o hotel já estava lhe dando retornos, de tal forma que o considerava como um empreendimento viável do ponto de vista financeiro.

O hotel procurava envolver a comunidade local, uma vez que a maioria de seus funcionários eram pessoas residentes nos distritos de Caixa de São Pedro e Pirapó, os mais próximos da fazenda; contemplava indiretamente a população, adquirindo todos os insumos possíveis e necessários no empreendimento na localidade, contribuindo dessa forma, para a geração direta e indireta de emprego e renda local. (E.E. - arrendatário)

Quando os então proprietários da fazenda decidiram pela venda, informaram ao arrendatário e disseram-lhe que o contrato que possuíam seria respeitado, de tal forma que as atividades do hotel continuariam independentemente da venda da propriedade. Ao fecharem o negócio com o atual proprietário da fazenda, a família Schindler procurou o arrendatário lhe informando que o hotel deveria ser desativado, pois a intenção do comprador era de comprar a fazenda de ‘porteiras fechadas’, na linguagem popular do ambiente rural.

Dessa forma, o contrato foi desfeito e, segundo o arrendatário, este abriu mão da multa contratual prevista, recebendo somente os valores correspondentes aos investimentos que o mesmo havia efetuado na propriedade por ocasião da reforma das instalações do hotel.

Ao saber do processo de venda da propriedade, o arrendatário informou a seus funcionários o que estava acontecendo e de que o hotel iria continuar normalmente com suas atividades. Ao ser informado de que o hotel também faria parte da venda e que deveria entregar o mesmo para os novos proprietários, seus funcionários foram avisados e, então, o hotel foi fechado trinta dias depois da notícia, ou seja, encerrou suas atividades em 15 de dezembro/2004.

Ainda segundo o arrendatário, todos os direitos trabalhistas foram acertados com os funcionários e, as reservas que haviam sido feitas com antecedência, foram canceladas, de sorte que alguns hóspedes foram transferidos para outros hotéis e outros, que não quiseram trocar de hotel, tiveram o valor da reserva devolvido. (E.E. - arrendatário)

Foi uma reação de decepção, de tristeza, porque o hotel era um 'empreendimento viável' e era um empreendimento onde eles gostavam de trabalhar, era um local gostoso de trabalhar, a equipe que eu tinha era uma equipe muito boa, que vestia a camisa do hotel. Foi uma tristeza, nós tínhamos umas vinte pessoas trabalhando lá, foi uma perda. (E.E. - arrendatário)

Tanto para os funcionários quanto para os hóspedes, o encerramento das atividades do hotel foi uma grande decepção, pois, segundo o arrendatário, existia um bom índice de satisfação por parte dos hóspedes, visto que a grande maioria destes retornava com frequência ao hotel. A equipe de trabalho era considerada pelo arrendatário como 'uma equipe muito boa', a equipe toda era muito simpática. Os funcionários assistiram com tristeza o encerramento das atividades do hotel, porém, ao ser noticiado na mídia de que o comprador o transformaria em um Spa Ecológico²⁹, acreditaram que de alguma forma isso poderia ser bom para toda a comunidade local.

O arrendatário considerava seu relacionamento com a comunidade local como algo transparente e de benefício mútuo, o que com o encerramento das atividades do hotel, poderia ser visto como uma perda para ambos os lados – empresário/comunidade.

O meu relacionamento com a comunidade foi muito bom na medida em que nós tínhamos um relacionamento de honestidade, transparente e de seriedade; analisando assim, então houve uma perda, mas como diz o ditado, 'há males que vêm para bem'. (E.E. - arrendatário)

²⁹ Vide anexo G.

Segundo a opinião do arrendatário, as mudanças que estão previstas para a fazenda, incluindo-se a transformação do espaço do hotel em um Spa Ecológico, poderão ser benéficas para toda a comunidade local e região e, caso isso não venha ocorrer, transformar-se-á em uma propriedade de uma ‘celebridade’, que atrairá a atenção de muitos, mas os retornos não serão os mesmos para a localidade. Nesse caso, o fechamento do hotel terá sido uma perda para todos os envolvidos direta e indiretamente com a atividade.

Durante toda sua entrevista, o arrendatário fez questão de deixar claro para o pesquisador a importância que o mesmo dava à sua equipe de trabalho no hotel, frisando ainda que o mesmo era um negócio rentável e que contribuía para a melhoria de vida de toda a comunidade envolvida.

A fazenda Ubatuba era uma propriedade rural que chamava a atenção de curiosos e estudiosos, haja vista sua importância para o processo de colonização e crescimento do município de Apucarana.

O estudante de Geografia, Fernando Manosso (2003), desenvolveu sua monografia de conclusão de curso elaborando um estudo de potencialidades da fazenda para a atividade turística, dando destaque para o valor histórico e natural da propriedade.

A acadêmica de turismo, Rita Ribeiro, elaborou seu Trabalho de Conclusão de Curso fazendo um estudo de caso sobre o Turismo Rural na Fazenda Ubatuba, o qual contemplou o Hotel Fazenda, bem como pesquisas junto à comunidade local. De acordo com sua pesquisa, a acadêmica verificou junto à população local a importância que o empreendimento turístico Hotel Fazenda Ubatuba tinha para a região, uma vez que, segundo a comunidade, com a atividade do turismo rural, pôde-se observar o desenvolvimento e geração de renda para pequenos proprietários e estabelecimentos do comércio local.

Ainda de acordo com a pesquisa de Ribeiro (2004), a implantação do hotel fazenda contribuiu para a geração de emprego mais próximo às residências do pessoal contratado, uma vez que a maioria era dos distritos vizinhos à propriedade e que, caso o hotel não existisse, essas pessoas deveriam se deslocar de seu local de residência para buscar emprego em Apucarana ou cidades vizinhas. Ribeiro acrescenta também que os funcionários do hotel têm um nível de qualidade de vida satisfatório, pois o mesmo oferece um ambiente

de trabalho agradável, alimentos nutritivos, transporte gratuito, intervalos longos de descanso e turnos de trabalho, propiciando, assim, condições dignas de trabalho para todos.

Portanto, sob o ponto de vista de Ribeiro (2004), o Hotel Fazenda Ubatuba era um empreendimento turístico rentável, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da população local, por meio da geração de emprego e renda.

Quando os ex-funcionários do Hotel Fazenda Ubatuba foram entrevistados pelo pesquisador, demonstraram um sentimento de perda com relação ao fechamento do hotel. A gerente de marketing destacou que o encerramento das atividades do hotel havia somente sido um bom negócio para os então proprietários, dizendo que:

Para o dono da fazenda foi boa, porque ele estava endividado. Agora eu creio que para a região e para os funcionários não foi muito bom, você entendeu? Principalmente para a região, porque nós recebíamos muita gente de fora e não era gente da região, eram de São Paulo, Curitiba. Tínhamos contrato com a Renault, Volks-Audi, com empresas grandes de São Paulo, com a Avon; eles vinham para cá fazer treinamento, então com isso, divulgava a nossa região, principalmente Apucarana. (S.P. – ex-funcionária)

Ainda segundo a ex-funcionária S.P., toda a comunidade local perdeu muito com o encerramento das atividades do hotel. Afirmou que o processo foi traumático tanto para os funcionários quanto para os hóspedes que haviam efetuado suas reservas com antecedência e que, em virtude do cancelamento, muitos se sentiram ofendidos, não entendendo o que realmente havia acontecido. Disse que a comunidade local perdeu,

[...] principalmente ali em Pirapó, porque todo mundo que vinha para o hotel, vinha para Pirapó; Apucarana também perdeu muito, porque a gente recebia muita gente, o hotel vivia lotado, então o que o pessoal fazia, chegava no sábado de manhã, o pessoal vinha para o shopping em Apucarana, fazer compras.... porque a gente passava para eles. Tinha grupos de fora que a gente mandava vir à noite para Apucarana, freqüentavam boate, barzinhos, restaurantes de Apucarana, fazer alguma coisa em Apucarana. Pirapó perdeu mais ainda... perdeu porque o hotel comprava muito em Pirapó, tanto que o dono do supermercado disse que tinha perdido seu maior cliente; o Pirapó todo perdeu seu maior cliente. Nós valorizamos a região. Perdeu também porque os hóspedes iam para o Pirapó para comprar um bronzeador, um repelente, um biquíni, ou alguma coisa assim. Então a região perdeu muito porque a gente fazia rodar muita coisa ali. (S.P. – ex-funcionária)

Quando questionados sobre o processo de transição de proprietários e conseqüentemente o fechamento do hotel, os funcionários disseram que o processo poderia ter

sido mais lento, que as reservas poderiam ter sido respeitadas, que não precisava ter sido algo tão repentino, mas que também entendiam a posição do comprador acrescentando que o mesmo tinha todo o direito de fazer da propriedade o que achasse melhor e, que, se realmente fosse investir em turismo como veiculado na mídia, também estaria contribuindo para o bem-estar de toda a comunidade.

Conforme mencionado anteriormente, alguns usuários do Hotel Fazenda Ubatuba foram entrevistados, com o intuito de saber se o atendimento do hotel, quando em funcionamento, era hospitaleiro e também buscando verificar a opinião dos mesmos em relação ao processo de venda da propriedade e posterior encerramento das atividades do Hotel Fazenda.

De acordo com o resultado das entrevistas, foi possível perceber que, embora não sendo um modelo de empreendimento como imaginavam ser e que era veiculado na mídia, sentiam com o fechamento do hotel e acreditavam ser uma perda para toda a região, principalmente para Apucarana.

O que a maioria dos entrevistados salientou foi que, no que se referia à infraestrutura do hotel para hospedagem e lazer, o empreendimento estava qualificado para o que propunha, porém, quanto à infra-estrutura e suporte para eventos, o mesmo deixava a desejar, inclusive sem pessoal especializado para atender às empresas que ali queriam realizar seus eventos, conforme pode ser constatado nos relatos a seguir:

[...] a gente passava as tardes lá, passava o almoço e as tardes lá.[...]Ele (o hotel) estava começando e o pouco que a gente participou de lá estava tudo certinho, o restaurante, o atendimento, a infra-estrutura, os passeios também... a comida era boa, muita beleza... [...] quanto ao atendimento, os funcionários eram muito atenciosos. (L.C.G. - visitante)

Nós organizamos a convenção de vendas no começo do ano passado na fazenda [...] na ocasião quando a gente fez o evento, eles não estavam preparados para um evento do porte que a gente levou, estávamos trabalhando com 70 a 80 pessoas durante 3 dias (sexta, sábado e domingo), mas a vontade de estar fazendo um atendimento, de estar trabalhando com a gente, de estar estruturando o hotel foi muito grande. O Eduardo que nos atendeu na época, ele trabalhou com a gente o tempo todo, na infra-estrutura física do hotel e em todos os outros serviços que ele podia oferecer para a gente. A gente fez uma coisa diferenciada, personalizada, mas eu contei bastante com o apoio dele. [...] a gente foi muito bem atendido [...]. (M.R.B. - visitante)

Quando questionados sobre o atendimento do hotel, a maioria dos entrevistados deixou clara a questão da hospitalidade e do bom atendimento por parte dos funcionários, inclusive por parte do arrendatário. Acrescentaram que mesmo sem a devida qualificação para o quesito eventos, todos os funcionários se esforçavam, principalmente a gerente de marketing – S.P., em procurar atender às necessidades de seus clientes.

[...] eles não tinham o preparo específico para estar trabalhando com eventos, com representante, com diretoria porque, na verdade, o hotel estava voltado mais para área de lazer e não para eventos assim de nível empresarial, mas a gente foi muito bem atendido. A gente não teve nenhum problema com eles que, assim, pudesse estar desabonando o hotel. A parte de alimentação do evento foi feita tudo lá e as pessoas ficaram satisfeitas porque a cozinha é uma cozinha típica, as comidas eram todas típicas da região. O pessoal se encantou muito com a natureza, com aquilo que a fazenda conservou. Foi uma coisa diferente. O grupo gostou muito. Só recebemos elogios na verdade, tanto pelo trabalho, pelo evento e pela estrutura que o hotel ofereceu. (M.R.B. - visitante)

Num modo geral, nós tivemos uma moça que é a Sandra, que organiza os eventos que nos atendeu super bem. (D.M.G.S. - visitante)

[...] o atendimento por parte dos funcionários era tranquilo. Era porque tinha uns funcionários lá que eram da época da Suzana, não eram todos do arrendatário. (M.A.M.P. - visitante)

De um modo geral, pôde-se perceber que, apesar da falta de qualificação por parte da maioria dos funcionários do hotel, os visitantes consideravam seu atendimento como sendo bom, destacando a gentileza e presteza por parte dos mesmos.

Quanto à questão do encerramento das atividades do hotel em razão da venda da fazenda, alguns visitantes lamentaram o fato, argumentando que na região não havia outro empreendimento do porte do Hotel Fazenda Ubatuba.

Quando foi vendido e eu fiquei sabendo que foi o Ratinho que comprou, eu falei... pronto, área de lazer do Ratinho e ninguém mais vai usufruir. Eu acho uma perda para a região. Era um dos poucos lugares que a gente tinha na região para estar aproveitando, descansando. A gente tem outros hotéis aqui pela região mas não tem a mesma infra-estrutura da fazenda e, depois a própria história da fazenda, que se criou em volta dele é que deixa as pessoas mais à vontade lá. (M.R.B. - visitante)

A gente lamentou bastante, porque eles vinham recebendo visitas de... era um turismo internacional que tinha na fazenda. Teve uma ocasião que nós chegamos na fazenda para almoçar num domingo e tinha um grupo de japoneses lá hospedados. Soube também de grupos fechados de alemães que vinham, então, a gente lamentou bastante porque na região faz falta. (L.C.G. - visitante)

Diante das entrevistas realizadas com os visitantes do Hotel Fazenda Ubatuba constatou-se o lamento por parte dos mesmos quanto ao cancelamento das atividades, acrescentando que tal decisão teria sido uma grande perda para a região e que lamentariam muito se a fazenda se tornasse propriedade particular do comprador, deixando de estar aberta aos visitantes, como acontecia com o funcionamento do hotel.

A comunidade local mostrou-se tranqüila quanto à venda da Fazenda Ubatuba e conseqüente fechamento do hotel, pois, de acordo com as notícias que tinham, o atual proprietário da fazenda estaria interessado em investir não em um Spa Ecológico como veiculado na mídia por ocasião da compra do empreendimento, mas sim em café. Disseram que, mesmo sem turismo, com a produção do café também estaria beneficiando toda a comunidade com a geração de emprego e renda para a população. Ambos os entrevistados informaram que, de uma forma ou de outra, tinham o comércio beneficiado pela existência do Hotel Fazenda Ubatuba e que o mesmo fazia girar a economia local.

Era, porque atraía muito turista aqui para nós e eu tenho outro comércio aqui também e ajudou muito para a gente. Os turistas vinham à noite aqui na lanchonete e eu tenho uma loja de confecções, que sempre eles vinham comprar roupas de banho e outras coisas mais. Para nós era bem interessante a existência do hotel. (E.F.B. – comunidade local)

Quando ficou sabendo do cancelamento das atividades do Hotel Fazenda Ubatuba, a comunidade, a princípio, ficou triste, pois como enfatizaram na entrevista, o empreendimento fazia girar a economia local.

Eu fiquei triste porque eu acho que era um empreendimento que estava indo muito bem aqui porque como eu disse, atraía turistas para nós e pessoas com classe e nível mais alto, então, para nós é o que precisamos de gente, povo que venha de fora, porque nosso movimento aqui é pouco, porque a cidade (distrito) é pequena. (E.F.B. – comunidade local)

Ao serem interrogados se o fechamento do hotel havia prejudicado a comunidade local, afirmaram que sim, uma vez que era uma fonte de emprego e renda para a localidade, bem como meio de divulgação do local, porém acreditavam que o comprador iria desenvolver alguma atividade que também movimentasse a região.

Um pouco sim porque essas pessoas que vinham, que se hospedavam aí, já não vêm mais, não passam mais por aqui. Para nós assim ficou meio decadente. (E.F.B. – comunidade local)

Sim, prejudicou porque gerava muito emprego e a maioria dos funcionários eram nossos clientes. (I.C.A.M. – comunidade local)

Acredito que os que ficaram menos beneficiados fomos nós os comerciantes, porque para nós gerava lucro. E não falando dos funcionários que ficaram desempregados, pessoas que necessitavam muito do trabalho. Mas eu acredito que ele (o Ratinho) tem umas idéias novas e que vai gerar muito emprego aqui. (E.F.B. – comunidade local)

Na parte dos funcionários que perderem o emprego porque usavam o comércio e então acabamos perdendo bastante. (P.C.R. – comunidade local)

Foi como eu disse, estavam gerando vários empregos e de repente fechou, todo mundo saiu e ficou difícil para esse pessoal que estava trabalhando lá e para o comércio também porque também era beneficiado com o hotel. (I.C.A.M. – comunidade local)

Percebe-se, portanto, que o encerramento das atividades do Hotel Fazenda Ubatuba foi um acontecimento com qual os moradores locais não esperavam, gerou um certo ar de insegurança. Porém, como o novo proprietário é uma pessoa pela qual os moradores têm respeito e admiração e acreditam que tem boas idéias para contribuir para a melhoria da qualidade de vida da região, tiveram seus ânimos acalmados, ficando, agora, a esperança de que seja colocado em prática o projeto envolvendo a cultura do café³⁰, que segundo informações veiculadas na mídia e boca-a-boca, irá gerar muitos empregos para a localidade.

Foi um impacto, uma coisa que ninguém esperava. De repente o pessoal ficou triste, desempregado. Mas ele tem muitos projetos e acredito que vai gerar muito emprego por aqui, as pessoas têm que aguardar. (E.F.B. – comunidade local)

Eu acho que o Ratinho deve ter os motivos dele para ter tomado essa decisão, inclusive, segundo a idéia dele de trabalhar com café novamente, vai ser melhor ainda para a comunidade do que o hotel fazenda. O que será muito bom para toda a região. (I.C.A.M. – comunidade local)

Verificou-se, portanto, com os estudos existentes contemplando a fazenda e com as entrevistas realizadas pelo pesquisador que o Hotel Fazenda Ubatuba, mesmo não sendo um modelo para empreendimentos turísticos rurais, contribuía para a economia da região, gerando emprego e renda para a localidade.

Observou-se também que, no quesito hospitalidade para com os clientes, os funcionários do hotel eram pessoas, na sua maioria de gente humilde, porém que se esforçavam para atender bem e atingir a satisfação dos hóspedes.

³⁰ Vide anexo H.

Assim, mesmo com suas limitações de pessoal e de serviços, o hotel era tido como um caso de sucesso no turismo rural, inclusive sendo tratado como um dos principais atrativos do produto turístico desenvolvido pela Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente, o ‘Circuito das águas – Caminho da fé: turismo rural’.

4.3. Fazenda Ubatuba: o insucesso do turismo rural

Mesmo tendo sido visto por muitos como um caso de sucesso do turismo rural, após a realização das entrevistas, o pesquisador se deparou com uma realidade um pouco diferente da que até então tinha conhecimento.

O que sempre demonstrou ser um sucesso, na realidade, estava com inúmeros problemas, inclusive de satisfação por parte de alguns clientes e dos próprios ex-proprietários da fazenda.

A família Schindler, ao perceber o potencial que a Fazenda Ubatuba possuía para o desenvolvimento do turismo rural, em virtude de sua história, sua arquitetura e sua paisagem natural, tudo isso aliado ao fator de que a propriedade estava enfrentando problemas de ordem financeira, decidiram arrendar parte da propriedade, incluindo as instalações da sede, para a implantação de um hotel fazenda.

A intenção era de que o arrendatário deveria restaurar os equipamentos da propriedade, cuidar da preservação ambiental e histórica, ou seja, seria uma maneira de manter o patrimônio histórico e natural que possuíam e, ao mesmo tempo, conseguir uma nova fonte de renda para os proprietários, por meio do pagamento do arrendamento do local.

Segundo depoimento da Sra. Suzana Schindler (2005), o arrendatário não estava cumprindo com o contrato que possuíam, desrespeitando suas cláusulas, de tal forma que:

A primeira coisa que ele fez foi de transformar o terreirão em uma grande lixeira todo entulho; eles jogavam lá 20 mil metros quadrados de lixeira. [...] O arrendatário não foi uma pessoa correta, não pagava em dia, tinha um acordo com o óleo diesel, luz, água e de telefonia que estava dando problema [...]. (S.H.S. – ex-proprietária)

Mesmo com toda sua beleza natural e seu potencial patrimônio histórico e arquitetônico, o hotel enfrentava algumas dificuldades, as quais eram ignoradas por parte do então arrendatário, de tal forma que o mesmo parecia somente enxergar o que havia de bom no local, deixando de lado fatores importantes como a questão dos cuidados com o meio ambiente, principalmente os relacionados ao lixo produzido no empreendimento.

Outro problema também estava na questão da qualificação profissional para um melhor atendimento aos clientes e, na questão de infra-estrutura física do hotel, de modo que o trabalho de manutenção das unidades habitacionais, bem como de todos os demais ambientes do hotel, pareciam não estar sendo tratados com a devida atenção merecida.

Eu acho que ainda faltavam algumas coisas, melhoramentos que precisavam ali, em termos de iluminação. Nós fizemos um evento lá e no final do evento que terminou à noite, não tinha iluminação. Não tinha iluminação, o atendimento deixou um pouco a desejar. [...] pessoal da cozinha é que não estava preparado para o que a gente precisava. A gente notou que a estrutura deles estavam faltando lâmpadas, essas coisas e o pessoal não tinha para repor para a gente na hora, nós ficamos sem água por duas vezes [...]. E faltou de tudo, faltou papel higiênico, faltou luz, faltou água, faltou de tudo. A comida não era boa, deixou muito a desejar. [...] os jantares que eles fizeram e almoço, a comida não estava boa. A única coisa que pedimos de diferente foi o sukiaki. O que aconteceu; o sukiaki foi feito conforme nós pedimos, tudo certinho, porém estava programado para as 8 horas da noite, eles deixaram pronto às 7 horas (da noite) e só foram avisar o pessoal 9 e meia (da noite). A hora em que o pessoal foi comer estava tudo gelado, tinha virado um grude, aquela beleza. (D.M.G.S. - visitante)

[...] essa parte de lazer não tinha muita coisa para você fazer, era mais a piscina ali e um passeio ou outro que você fazia. [...] quando enchia de gente, a água era restrita, a caixa não comportava todo mundo, então dava esse problema, se algum hóspede enchia a banheira o outro já ficava sem água. (M.A.M.P. - visitante)

[...] eles não tinham o preparo específico para estar trabalhando com eventos. (M.R.B. - visitante)

Também pôde ser verificada a insatisfação por parte de alguns entrevistados quando às atividades de lazer oferecidas e qualidade dos equipamentos, assim como do atendimento precário oferecido por parte dos funcionários, destacando a falta de qualificação profissional existente no hotel.

Atendimento eu não posso dizer nada de bom não [...]. Sabe, o restaurante que eles têm ali é bem bonitinho, mas algumas coisas ali estavam muito feias. [...] a sala de karaokê deles é horrorosa, a sala de ginástica, você

entrava lá, uma salinha super pequenininha, com três/quatro aparelhos, tudo quebrado. Na sala de karaokê tinha um sofá velho, goteirou, choveu na cabeça de todo mundo, “foi uma beleza”. (D.M.G.S. - visitante)

Em suma, conforme podem ser verificadas na íntegra³¹ no final do trabalho, não havia uma total satisfação por parte dos visitantes em relação à infra-estrutura física, bem como quanto aos serviços prestados pelo hotel.

Diante de tantos problemas observados pelos então proprietários, em relação à falta de profissionalismo que segundo os mesmos existia no empreendimento, decidiram pela venda da propriedade, para que, dessa forma, pudessem preservar o que ainda restava na propriedade.

Segundo entrevista realizada com o assessor do empresário Carlos Massa (Ratinho), o Sr. Arlindo Camini Junior (2005), o atual proprietário tinha o sonho de se tornar dono da Fazenda Ubatuba, uma vez que conhecia bem todo o seu histórico, já que o mesmo nasceu e cresceu na região de Apucarana.

Quanto à questão do arrendamento, segundo Schindler (2005), foi o próprio comprador que pagou a indenização pela quebra do contrato, porém, Carmini (2005) foi enfático ao afirmar que:

Quanto à questão do hotel, não sei informar, pois não tratamos nada com o arrendatário. A questão do hotel foi resolvida entre os antigos donos da fazenda e o arrendatário do hotel, sem nenhuma interferência do Grupo Massa.

E tudo se torna mais confuso ainda quando Emerich (2005) afirmou não ter recebido nenhuma indenização pelo rompimento do contrato, pois abriu mão de seus direitos em prol do fechamento do negócio e que, sendo o ‘Ratinho’ o comprador, a propriedade estaria em boas mãos.

Quantos desencontros em relação à venda da fazenda, e ao fechamento do hotel. O pesquisador, portanto, se deparou com depoimentos que não se cruzavam, verificando um verdadeiro jogo de ‘empurra-empurra’, demonstrando que ninguém queria assumir a autoria dos fatos, ocultando ou negligenciando informações sobre o verdadeiro processo de venda da Fazenda Ubatuba, que acarretou o fechamento do hotel.

³¹ Ver apêndices G, H, I, J, K e L.

Schindler (2005), em sua entrevista, levantou muitos pontos negativos em relação ao atendimento e serviços prestados pelo hotel.

O pessoal do hotel não tinha um atendimento hospitaleiro [...]. Era uma comida pesada, não era um buffet farto, a cozinheira só fez um curso no Sesc e dos mais básicos. [...] A manutenção do hotel era uma coisa bem deficiente [...] dos chuveiros só saiam águas escaldantes, havia infiltrações.

Ele não tinha conhecimento de como era um hotel fazenda. [...] Quando ele montou o hotel ele não sabia por onde começar, a comida era feita com banha de porco e os hóspedes reclamavam, ele cobrava muito caro.

Porém, enfatizou que lamentou muito a venda da propriedade que era parte da história de sua família e de Apucarana, mas que tinha sido a melhor decisão a ser tomada e que a existência do hotel fazenda veio contribuir para a decisão da família, pois o descaso com a propriedade por parte do arrendatário estava sendo muito grande, acrescentando que,

Na realidade caiu nas mãos de pessoa que não estava preparada e que também não tinha capital ou tinha investido o capital errado. Tudo que foi feito lá foi feito duas vezes [...]. (S.H.S. – ex-proprietária)

Acrescentou ainda que o fechamento do hotel não teria causado grande impacto para Apucarana já que a divulgação do empreendimento tinha seu ponto forte em Maringá e Londrina. O impacto causado foi pelo desemprego gerado e afirmou ainda que:

O efeito do desemprego é complicado dizer, pois o erro não foi do Eduardo. O erro foi do povo e da revista Veja que foi o primeiro veículo de comunicação sobre a venda e que o Ratinho iria abrir um Spa e os funcionários acharam que iriam ser recontratados.

Como a notícia veiculada não foi verdadeira, e que segundo Camini (2005), a verdadeira intenção do proprietário quanto à propriedade adquirida é transformar o local em uma Universidade do Café e com isso gerar emprego e renda para a região, o mesmo se defendeu dizendo que:

Tudo que leva o nome do “Ratinho” gera especulações e boatos. Isso também foi boato. (A.C.J. – assessor Grupo Massa & Massa)

Camini (2005) também informou que o comprador sabia das reais condições da propriedade que adquirira e que não tinha conhecimento quanto às atividades do hotel, bem como sobre o processo de encerramento de suas atividades.

Sabemos tudo o que existe na fazenda. Muita coisa está sucateada e ultrapassada. Uma limpeza geral já está sendo feita na fazenda;

paralelepípedos estão sendo colocados nos locais de acesso da propriedade, pois estavam em estado precário (o cascalho quase não mais existia). A propriedade é muito grande e precisa de muito investimento, mesmo sem pensar em turismo. (A.C.J. – assessor Grupo Massa & Massa)

Com tais entrevistas, o pesquisador observou que o que aparentemente parecia ser um caso de sucesso, mediante a visão de turistas e dos proprietários e de alguns pesquisadores, na realidade era um caso utópico, em que as pessoas viam e não enxergavam a verdadeira realidade.

Mediante tais informações, pôde-se perceber que o Hotel Fazenda Ubatuba estava necessitando de melhorias urgentes para continuar se mantendo no mercado, porém, aparentemente tais necessidades não eram visualizadas pelo então arrendatário, o que contribuiu significativamente para o insucesso do mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo rural é uma tendência atual que aponta para a diversificação dos interesses da demanda não mais concentrada apenas no produto sol e praia. A mídia, por sua vez, que permeia as atividades turísticas na divulgação e formação da imagem dos produtos e na criação de novas necessidades por parte dos consumidores, conforme já observado no capítulo 2, está estimulando cada vez mais a demanda pelo segmento do turismo rural, não apenas entre os consumidores/turistas, mas também entre os produtores rurais como oportunidade de investimento. Apresentando o turismo idealizado como se fosse uma alternativa para a solução de todos os problemas ligados ao espaço rural, incentiva proprietários rurais a aderirem tal atividade, pois a mesma seria capaz de trazer benefícios, especialmente ligados à geração de renda para os agricultores e empregos para a população em geral.

Como vimos, o turismo rural, em algumas situações, pode realmente contribuir para o incremento da renda da propriedade e geração de empregos e para a preservação do meio ambiente. Porém, para que a atividade se transforme em um caso de sucesso, deve ser acompanhada de um planejamento comprometido com a maioria da população e com a conservação desses locais, conforme estudado no capítulo 3, já que o turismo pode ser extremamente predatório para o meio ambiente natural e cultural do local. Quando o planejamento não ocorre e há uma tendência de substituir as atividades existentes pelo turismo.

Na atualidade, a maior facilidade encontrada para os transportes e a maior velocidade nas comunicações têm contribuído para que o campo e a cidade estejam cada vez mais ligados, pois já é possível ao homem do campo ter acesso às mesmas informações ao mesmo tempo que o homem na cidade.

Assim, é perceptível a interferência urbana no modo de vida do homem rural, em seus usos e costumes, como também é possível verificar a presença de alguns artefatos tipicamente rurais, no ambiente urbano, como pôde ser verificado no capítulo 1.

A prática do turismo rural pode ser entendida como um poderoso instrumento auxiliar na preservação das raízes culturais rurais, bem como do ambiente em que a atividade se desenvolve. Com um correto ordenamento da atividade é perfeitamente possível alavancar uma determinada localidade, e contribuir significativamente para a melhoria da qualidade de vida de todos os envolvidos, por meio do oferecimento de um produto qualificado, ambientalmente correto e, com um atendimento voltado para o bem estar e satisfação dos desejos dos visitantes, bem como de todos os profissionais atuantes no processo, como também de toda a localidade.

O que se tem percebido na mídia, e também os estudos que estão sendo realizados ligados ao tema turismo rural, é que pouco se tem falado sobre os impactos negativos gerados na localidade receptora, enfatizando, na maioria das vezes, somente os aspectos positivos da atividade; o que contribui para o incentivo do implemento do turismo em propriedades cuja produção agropecuária já não é mais suficiente para manter o sustento financeiro da mesma.

Tal incentivo tem gerado muitos problemas sociais, culturais e ambientais, pois a maioria dos empreendimentos turísticos ditos ‘rurais’ não são planejados corretamente, descartando muitas vezes a presença de um profissional da área para o desenvolvimento dos projetos, como pôde ser observado no caso estudado.

A Fazenda Ubatuba é um exemplo típico de uma propriedade que viu no turismo sua fonte de renda e conseqüente resolução de seus problemas financeiros. Assim como ela, outras propriedades, incentivadas pela EMBRATUR e por estudiosos do turismo, estão passando a investir no turismo rural, acreditando na garantia do retorno financeiro injetado na atividade e, esperando que a nova atividade venha sanar todas as dificuldades financeiras vivenciadas pela propriedade.

O suposto caso de sucesso do Hotel Fazenda Ubatuba pôde ser analisado, versando sobre os dois lados do processo, pois as entrevistas realizadas e as pesquisas efetuadas possibilitaram observar a realidade da atividade turística local e conseqüentemente, entender o porquê do encerramento das atividades de um empreendimento que era tido como modelo de desenvolvimento do turismo rural.

Muitas vezes, um empreendimento turístico é visto como um caso de sucesso sendo analisado pela ótica dos visitantes, os quais normalmente presenciaram os pontos positivos da atividade, muito raramente observando os pontos negativos gerados pelo mesmo.

Uma análise profissional não pode se ater somente aos pontos positivos do empreendimento, seus pontos falhos também devem ser analisados, de tal forma que se possa oferecer possíveis soluções para os problemas detectados, objetivando o sucesso da atividade.

Verifica-se ainda que muitos empresários visam somente o lucro imediato, não se preocupando com a manutenção da estrutura física e pessoal do negócio que está trabalhando, o que acaba comprometendo a lucratividade em médio e longo prazos. Não basta somente ter boas intenções para com a propriedade e para com a localidade, é necessário profissionalismo para se implantar um empreendimento turístico, principalmente, os localizados no campo.

O fechamento do Hotel Fazenda Ubatuba, a princípio, gerou um impacto negativo, principalmente na comunidade local, que era beneficiada em razão da existência do mesmo, por meio da geração de emprego e renda, movimentando o comércio local. A ideia do desemprego é algo assustador não somente para o cidadão, o homem do campo também se sente ameaçado quando se vê desempregado. É todo um círculo econômico que se quebra, é a dignidade humana que fica menosprezada.

A maioria das pessoas não conseguia entender o porquê do fechamento do hotel, uma vez que o mesmo estava fazendo movimentar a economia local. Porém, ao receberem a notícia de quem teria sido o comprador e responsável pelo ocorrido ao hotel, a própria comunidade se sentiu aliviada, devido à confiança depositada no novo dono, causando um certo conforto na mesma, pois acreditam que, mesmo sem estar trabalhando com turismo, a propriedade gerará muitos empregos para a região.

Dessa forma, pode-se dizer que, nem sempre, a opção pelo turismo será a melhor para uma propriedade e para a comunidade local. Deve-se optar pela atividade que mais se adapte à realidade e às condições da localidade. O simples fato de a propriedade possuir atrativos potenciais para o desenvolvimento do turismo não significa que essa é a melhor opção.

Por isso, a necessidade de se fazer um levantamento de potencial, análise do mesmo e pesquisa de viabilidade antes mesmo do planejamento definitivo da atividade turística, para que, caso se decida pela implantação do turismo rural, o mesmo aconteça de forma planejada e consciente de todos os seus impactos (positivos e negativos), que a propriedade e a comunidade poderá vir a sofrer, e, citando Agudo (2005, p.81),

[...] ao estimular o avanço da atividade turística, sem que haja o real preparo para o acolhimento, estamos violando regras que são elementares para a convivência dos indivíduos, sem considerar o dano coletivo que este comportamento traz.

O bom atendimento, a boa acolhida e a satisfação dos visitantes não implicam somente hospitalidade por parte das pessoas envolvidas no processo, a hospitalidade do lugar também se faz importante para que um determinado empreendimento turístico possa vir a ser chamado de local hospitaleiro.

A qualidade dos serviços prestados deve estar aliada à qualidade física e emocional do ambiente, pois a hospitalidade consiste em receber o outro no seu espaço, possibilitando que este não se sinta um intruso e tão pouco insatisfeito com o atendimento e serviços que lhe estão sendo oferecidos, de tal forma que o visitante tenha suas necessidades e desejos satisfeitos.

Importante ainda ressaltar que a proposta inicial da pesquisa estava voltada para o estudo da hospitalidade no contexto do turismo rural e, com o desfecho dos acontecimentos no decorrer dos trabalhos, a pesquisa teve seu foco voltado não somente para a questão da hospitalidade, mas também se ateve a entender como e porque um empreendimento turístico tido como modelo teria suas portas fechadas para os visitantes, ainda mais diante da informação de que estavam com a ocupação máxima reservada para os meses seguintes ao fechamento.

Essa mudança de rumo no decorrer da pesquisa contribuiu para ampliar os conhecimentos do pesquisador, bem como auxiliar na superação de mitos sobre o turismo rural, pois, até então, o pesquisador também estava entendendo o caso em estudo como um modelo para empreendimentos turísticos rurais e mesmo como um possível paradigma de hospitalidade rural.

A pesquisa de campo contrariou a hipótese inicial. Embora esse tenha sido um choque, sabe-se que o conhecimento científico avança justamente quando nos deparamos com esse “não”, de início impactante para o pesquisador iniciante, mas, em seguida, extremamente estimulante quando permite a experiência mágica de se sentir realmente participando da construção de um conhecimento novo que pode de fato vir a contribuir para ampliar as bases conceituais sobre o campo estudado.

Ao se deparar com uma situação contraditória aos olhos da população, o pesquisador teve a oportunidade de se aprofundar na questão do planejamento turístico rural, bem como da qualidade de serviço oferecida, em especial, a desenvolvida na Fazenda Ubatuba. Constatou-se que a realidade mostrada anteriormente ao fechamento do empreendimento, não era a verdadeira realidade, mas, a realidade de quem vê somente o que lhe interessa, descartando de seu raio de visão, os atos e fatos que não são interessantes para o fim a que se destina.

A realização de tal pesquisa, portanto, veio mostrar que alguns estudiosos têm tratado o turismo rural como sendo uma tábua de salvação para os problemas financeiros vivenciados por propriedades rurais. Pensando apenas no uso multifuncional do espaço, inúmeros proprietários rurais optam pela atividade turística para buscar a superação da crise econômica vivida por eles, principalmente os de pequeno e médio porte, sem considerar se o investimento feito no turismo é realmente a melhor opção.

Faz-se necessário, dessa forma, que os mitos criados em torno do turismo rural sejam superados e que a atividade deixe de ser tratada como uma panacéia para os problemas rurais, tornando-se uma atividade ambiental, social, cultural e economicamente planejada, executada e gerida com o apoio de profissionais do turismo que estejam despidos dessa imagem utópica gerada em meio à atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[S.I.]. **Jovem Norte: Paraná.**

AGUDO, M. M. M. **Hospitalidade, turismo e espaço Rural: Análise do Estudo de Caso de Alvorada do Sul -PR.** São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Anhembi-Morumbi, 2005.

ALMEIDA, J. A., RIELD, M. (orgs). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento.** Bauru: EDUSC, 2000.

ANSARAH, M. G. R. (org). **Turismo: segmentação de mercado.** 4. ed. São Paulo: Futura, 2001.

ARAÚJO, J. G. F. **ABC do turismo rural.** Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2000.

BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural.** Campinas: Papirus, 2000.

_____. **Manual de iniciação ao estudo do turismo.** 11. ed. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Turismo)

_____. **Manual de iniciação ao estudo do turismo.** 13. ed. Campinas: Papirus, 2003. (Coleção Turismo)

BATHKE, M. E. M.. **O turismo sustentável rural como alternativa complementar de renda à propriedade agrícola: estudo de caso – fazenda Água Santa – São Joaquim-SC.** Florianópolis. Dissertação de mestrado em engenharia de produção. Disponível em <<http://www.zimmermann.com.br/mercosul.htm>>. Acesso em 15/05/2005.

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo.** 6ª ed. São Paulo: SENAC, 2001.

BOSI, A. (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

BOULLÓN, R. C. **Planejamento do espaço turístico.** Bauru, SP: EDUSC, 2002.

_____. **Atividades turísticas e recreativas.** Bauru, SP: EDUCAS, 2004.

BURNS, P. M. **Turismo e antropologia: uma introdução.** São Paulo: Chronos, 2002.

CAMARGO, J. B. de. **Geografia física, humana e econômica do Paraná**. Paranavaí, PR: Editora Gráfica Paranavaí Ltda, 1994.

CAMARGO, L. O. L.. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004. (coleção ABC do turismo)

COIMBRA, A.. **O outro lado do meio ambiente**. 2. ed. Campinas: Millennium, 2002.

CRUZ, R. C. A. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2001. p.V.

DEL GROSSI, M.E.; SILVA, J. G. **O novo rural: uma abordagem ilustrada**. Londrina: Instituto Agrônômico do Paraná, 2002.

DE MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 4ª ed. São Paulo: Futura, 2000.

_____, BUENO, M. S. (orgs.). **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____. (coord.). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

DIAS, C. M. M. (org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

DIAS, R.; AGUIAR, M. R. **Fundamentos do turismo: conceitos, normas e definições**. Campinas, SP: Alínea, 2002.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

HALL, C. M. **Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos**. São Paulo: Contexto, 2001.

KUAZAQUI, E. **Marketing turístico e de hospitalidade**. São Paulo: Makronh Books, 2000.

LAGE, B. H. G., MILONE, P. C. (orgs) **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

_____, _____. **Economia do Turismo**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. ver. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

LASHLEY, C., MORRISON, A. (orgs.). **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Manole, 2004.

MANOSSO, F. C.. **Turismo rural: potencialidades da Fazenda Ubatuba – Apucarana (PR)**. Maringá, 2003. Monografia. Departamento de Geografia. Universidade Estadual de Maringá, 2003.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, C. (Org.) **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

MOLETTA, V. F. **Turismo rural**. vol. 6. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 1999. (série desenvolvendo o turismo)

MOLINA, S.; RODRIGUEZ, S. **Planejamento integral do turismo**: um enfoque para a América Latina. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MORAES, W. V. **Ecoturismo**: planejamento, implantação e administração do empreendimento. Viçosa: UFV, 2000, v.2.

PELLEGRINI, A. F.. **Ecologia, cultura e turismo**. Campinas: Papirus, 1993.

PEREIRA, L. F. L.. **Paranismo**: O Paraná inventado – cultura e imaginário no Paraná da I República. 2 ed., Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

PETROCCHI, M.. **Turismo: planejamento e gestão**. São Paulo: Futura, 1998.

_____. **Gestão de pólos turísticos**. São Paulo: Futura, 2001.

RAMOS, S. P. **Hospitalidade e migrações internacionais**: o bem receber e ser bem recebido. São Paulo: Aleph, 2003.

RIBEIRO, R. **Turismo no espaço rural: estudo de caso Fazenda Ubatuba**. Apucarana, 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Graduação em Turismo com ênfase em Hotelaria, Faculdade de Apucarana, 2004.

RIELD, M., ALMEIDA, J. A., VIANA, A. L. B. (orgs). **Turismo Rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

_____.(org). **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

_____.(org). **Turismo rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Turismo Contexto)

_____.(org). **Turismo e desenvolvimento local**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

RUSCHMANN, D. V. M. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente**. Campinas-SP: Papirus, 1997 (Coleção Turismo)

_____. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente**. 8. ed. Campinas-SP: Papirus, 2001. (Coleção Turismo)

SALLES, M. M. G. **Turismo Rural: inventário turístico do meio rural**. Campinas, SP: Alínea, 2003.

SANTOS, E. O. **O agroturismo e o turismo rural em propriedades da metade sul do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Pallotti, 2004.

SCHMIDT, M. A. M. S. **Histórias do cotidiano Paranaense**. Curitiba: Letraviva, 1996.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável: Conceitos e impacto ambiental**, vol 1. São Paulo: Aleph, 2000. (série Turismo)

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1990. 175p.

TULIK, O. **Turismo rural**. São Paulo: Aleph, 2003. (Coleção ABC do Turismo)

TUMA, M. M. P. **Viver é descobrir** – história-geografia: Paraná. São Paulo: FTD, 1992.

VENTURELLI, P. **Paraná: terra de encontros**. Florianópolis: Mares do Sul, 1998.

ZIMMERMANN, A. **Turismo rural: um modelo brasileiro**. Florianópolis: Ed. do Autor, 1996.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS, ARTIGOS E DEMAIS PUBLICAÇÕES

[S.I.]. **Turismo rural e desenvolvimento local**. Disponível em: <<http://www.rural-europe.aeidl.be/rural-pt/biblio/touris/art03.htm>>. Acesso em 22/03/2003.

“Comercializar um turismo rural de qualidade. Caderno *LEADER*. Disponível em: <<http://www.rural-europe.aeidl.be/rural-pt/biblio/touris/art03.htm>>. Acesso em 22 mar.2003.

“VIA Mediterrânea”: para criar uma rede mediterrânica de turismo cultural entre zonas *LEADER*. Comercializar um turismo rural de qualidade. Rural Europe. Disponível em: <<http://www.rural-europe.aeidl.be/rural-pt/biblio/touris/art15.htm>>. Acesso em: 22 mar.2003.

AGUILAR CRIADO, E. *et al.* **Cultura, políticas de desarrollo y turismo rural en el ámbito de la globalización**. Horizonte Antropológico, out/2003, vol. 9, nº 20, p.161-183.

ALEXANDRE, L. M. M.. Política de turismo e desenvolvimento local: um binômio necessário. *In*: BEZERRA, D. M. F. (org.). **Planejamento e gestão em turismo**. São Paulo: Roca, 2003.

AVENA, B. M. Acolhimento de qualidade: fator diferenciador para o incremento do turismo na sociedade pós-industrial. *In*: BAHLL, M. (org.). **Perspectivas do turismo na sociedade pós-industrial**. São Paulo: Roca, 2003.

BASSINELLO, P. Z. **A estratégia de clusters na viabilização do turismo rural** – uma experiência de fazendas históricas no estado de São Paulo: região de Limeira. Disponível em: <www.ibcdtur.org.br/arquivos/cluster%20rural.pdf>. Acesso em 28/02/2005.

BLOS, W. O turismo rural na transição para um outro modelo de desenvolvimento rural. *In*: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. (orgs.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

BRASIL. **Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural**. Ministério do Turismo, 2004.

CALVENTE, M. C. M. H. Turismo rural e modernização – sua função e forma. **Geografia – Revista do Departamento de Geociências**. Londrina, v. 9, n. 1, p. 25-39, 2000.

CARNEIRO, M. J. O ideal rurbarno: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. *In*: TEIXEIRA DA SILVA, F. C., *et al.* **Mundo rural e políticas: ensaios interdisciplinares**. São Paulo: Hucitec, 2001.

CAVACO, C. **Turismo rural e desenvolvimento local**. In: RODRIGUES, A. B. (org). Turismo geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001. p.109.

CORSI, E. Patrimônios histórico-culturais: uma nova perspectiva para o urbano e o rural através do turismo sustentável. In: INSTITUTO DE GEOGRAFIA UFU. **Caminhos de Geografia – revista on line**, fev/2004. Disponível em: <www.ig.ufu.br/caminhos_de_geografia.html>.

CRISTÓVÃO, A. Mundo rural: entre as representações (dos urbanos) e os benefícios reais (para os rurais). In: RIELD, M., ALMEIDA, J. A., VIANA, A. L. B. (orgs.). **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

DENCKER, A. F. M, BUENO, M. S. A abordagem científica em hospitalidade. In: DENCKER, A. F. M, BUENO, M. S. (orgs.). **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

EMBRATUR **Desenvolvimento de Turismo Sustentável: Manual para Orientadores Locais**. Programa Nacional de Municipalização do Turismo, Brasília.

_____. **Orientação às prefeituras municipais**. Programa Nacional de Municipalização do Turismo, Brasília, 1992.

_____. **Manual de municipalização do turismo**. Brasília.

FROEHLICH, J. M. Turismo rural e agricultura familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o ‘desenvolvimento’. In: ALMEIDA, J. A., RIEDL, M. (orgs.). **Turismo rural: Ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

FUCKS, P. M; ALMEIDA, J. A. A paisagem cultural rural: interface entre cultura, patrimônio arquitetônico e turismo rural. In: **III Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. CITURDES. O rural como nova opção para o turismo. Anais Unics. Rio Grande do Sul: Edunics, 2002.

GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais**. RAE-Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v 35, n.3, p. 21-29. 1995.

GROLLEAU, H. Comercializar um turismo rural de qualidade. In: **LEADER Magazine**, out/2003, nº4. Disponível em: <<http://www.rural-europe.aeidl.be/rural-pt/biblio/touris/art01.htm>>. Acesso em 22/03/2003.

INTRODUÇÃO. **Comercializar um turismo rural de qualidade**. Rural Europe. Disponível em: <<http://www.rural-europe.aeidll.be/rural-pt/biblio/touris/art01.htm>>. Acesso em: 22 mar.2003.

LAGE, B. H. G., MILONE, P. C. **Impactos socioeconômicos globais do turismo**. In: LAGE, B. H. G., MILONE, P. C (orgs) **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

LEADER, Observatório Europeu. **LEADER II. A valorização do turismo de passeio pedestre nos territórios rurais: guia pedagógico sobre a elaboração e execução de um projecto de passeio pedestre**. [S.I.], caderno 12, março 2001.

_____. **LEADER II. Guia para avaliar o potencial turístico de um território**. [S.I.]

MENDONÇA, M. L. M. **Turismo sustentável: classes sociais e subjetividades**. In: MONTORO, T. S. (org). **Cultura do Turismo: desafios e práticas socioambientais**. Brasília: Thesaurus, 2003.

MENESES, U. T. B. de. **Identidade cultural e arqueologia: valorização do patrimônio arqueológico brasileiro**. In: BOSI, A. (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. 4^a ed. São Paulo: Ática, 1999.

MONTANDON, A. Hospitalidade ontem e hoje. In: DENCKER, A. F. M., BUENO, M. S. (orgs.). **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

OLIVEIRA, C. G. S. Gestão do turismo rural. In: RUSCHMANN, D. V. M.; SOLHA, K. T. (orgs.). **Turismo: uma visão empresarial**. Barueri: Manole, 2004.

PAIVA, C. L. Turismo rural e a conservação do patrimônio histórico. In: **Encontro de Turismo na Fazenda. Mococa, SP: 1997**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/RainForest/9468/hotfazen.htm>> Acesso em: 22 mar.2003.

PAIXÃO, D. L. D. *et al.* Tematização do espaço rural: circuito italiano no Paraná. In: **IV Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. CITURDES. As políticas públicas e ações privadas para o turismo rural. Anais. Joinville, SC, 2004.

PELIZZER, H. A. Planejamento e gestão da hospitalidade no turismo receptivo. In: DENCKER, A. F. M. (coord.) **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

RODRIGUES, A. B. **Turismo rural no Brasil: ensaio de uma tipologia.** In: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. (orgs.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento.** Bauru: EDUSC, 2000.

RUSCHMANN, D. V. M. O turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In: ALMEIDA, J., FROEHLICH, J. RIEDL, M. (orgs.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável.** Santa Maria: Universidade Federal, 1998.

SANTANA TALAVERA, A. Desarrollos y conflictos en torno al turismo rural: claves y dilemas desde la antropología social. In: **III Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável – CITURDES.** Santa Cruz do Sul, 2002. Disponível em: <www.antropologiasocial.org>.

_____. Mirar y leer: autenticidad y patrimonio cultural para el consumo turístico. In: **6º Encontro Nacional de Turismo com Base Local.** Campo Grande, 2002. Disponível em: <www.antropologiasocial.org>. Acesso em: 14/06/2003.

_____. **Lo rural como producto turístico ¿Algo nuevo brilla bajo el sol?** Disponível em: <www.antropologiasocial.org>. Acesso em: 13/06/2003.

SCHNEIDER, S.; FIALHO, M. A. V. Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. In: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. (orgs.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento.** Bauru, SP: EDUSC, 2000.

SELWIN, T. Uma antropologia da hospitalidade. In: LASHLEY, C., MORRISON, A. (orgs.). **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado.** Barueri: Manole, 2004.

SILVEIRA, M. A. T. Política de turismo: oportunidades ao desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo rural: práticas e perspectivas.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Turismo Contexto)

SOLLA, X. M. S. Turismo rural: tendências e perspectivas. In: IRVING, M. A.; Azevedo, J. (orgs.). **Turismo: desafio da sustentabilidade.** São Paulo: Futura, 2002.

SOUZA, M.; SANTOS, E. O.; ALMEIDA, J. A. Turismo rural: para além da geração de emprego e renda. In: **IV Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável.** CITURDES. As políticas públicas e ações privadas para o turismo rural. Anais. Joinville, SC, 2004.

TELFER, E. A filosofia da “hospitalidade”. In: LASHLEY, C., MORRISON, A. (orgs.). **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado.** Barueri: Manole, 2004.

TOLEDO, G. L. *et al.* Gestão pública no contexto do planejamento estratégico do turismo regional: estudo de casos latino-americanos. *In*: MOESCH, M. M.; GASTAL, S. (orgs.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

TURISMO rural e desenvolvimento local. Comercializar um turismo rural de qualidade. Rural Europe. Disponível em: <<http://www.rural-europe.aeidll.be/rural-pt/biblio/touris/art03.htm>>. Acesso em: 22 mar.2003.

UNIVERSIDADE ANHEMBI-MORUMBI. Programa do Mestrado em Hospitalidade. São Paulo, 2003.

UNIVERSIDADE ON-LINE DE VIÇOSA - UOV. **Curso de Turismo Rural**. Viçosa, MG. CD-ROM.

YATSUDA, E.. **O caipira e os outros**. *In*: BOSI, A. (Org.). Cultura brasileira: temas e situações. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

ZIMMERMANN, A. **Turismo no espaço rural e natural**. Disponível em: <<http://zimmermnn.com.br/espaco.htm>>. Acessado em 22/03/2003.

SITES

www.antropolgiasocial.org

www.corderovirtual.com

www.culturapalmeira.hpg.ig.com.br

www.diariodonordeste.globo.com

www.hotelfazendaubatuba.com.br

www.ibge.gov.br

www.ibcdtur.org.br

www.rural-europe.aeidll.be/rural-pt

www.turismorural.org.br/abrattur/

www.usc.es

www.zimmernann.com.br

Apêndice A: Formulário para entrevista: Arrendatário do Hotel Fazenda Ubatuba

Nome: _____

Cargo/Função: _____

- 1) Quando o hotel iniciou as atividades?
- 2) Quem foi o idealizador do projeto? Houve alguma assessoria de empresa de turismo, SEBRAE ou coisa assim?
- 3) Como foi o processo de implantação do projeto, a forma de trabalhar com a população local e com as atividades já existentes na fazenda? Foi difícil treinar os funcionários? Usaram alguma metodologia específica para isso?
- 4) Foi realizado algum estudo de viabilidade antes da implantação? As expectativas foram corretas? O retorno foi como estava previsto?
- 5) O hotel era um empreendimento rentável? Qual a sua opinião sobre a mudança de perfil prevista para o hotel?
- 6) Quando o proprietário da fazenda decidiu pela venda da parte da fazenda onde o hotel está implantado, foram consultados? Qual foi sua participação no processo?
- 7) E o contrato de arrendamento? Irão continuar?
- 8) Sabiam da intenção do comprador de mudar o perfil do empreendimento?
- 9) E os funcionários, foram informados do processo de venda? Qual a reação deles em relação a essa mudança?
- 10) Ao serem suspensas as atividades do hotel, o que aconteceu aos funcionários?
- 11) Quem efetuou o cancelamento das reservas do hotel? Como justificaram o cancelamento?
- 12) Qual a reação dos hóspedes ao saberem do cancelamento das reservas?
- 13) E da suspensão das atividades do hotel?
- 14) Na sua opinião, como a comunidade está vendo estas mudanças?

Apêndice B: Formulário para entrevista: Família Schindler (ex-proprietária da Fazenda Ubatuba)

Nome: _____

Cargo/Função: _____

- 1) Quando decidiram pelo arrendamento de parte da propriedade para implantação de um Hotel Fazenda, por que o fizeram?
- 2) Mas vocês continuaram com a lavoura branca?
- 3) O hotel havia sido arrendado por 10 anos, como vocês resolveram isso com a venda da fazenda?
- 4) Havia reservas até Março?
- 5) E você sabe o que foi dito aos funcionários que lá trabalhavam?
Eu tive informação que o hotel comprava carne na Caixa de São Pedro e as verduras eles compravam das redondezas?
- 6) E as pessoas que trabalhavam no hotel?
- 7) Qual foi o efeito do desemprego?
- 8) O que você vai fazer com o cemitério?
- 9) Como vocês descobriram o Ratinho?

Apêndice C: Formulário para entrevista: Grupo Massa & Massa (comprador da Fazenda Ubatuba)

Nome: _____

Cargo/Função: _____

1. Como surgiu a idéia da compra da fazenda? Como foi a negociação com os proprietários? Havia consenso entre os donos da fazenda sobre a venda?
2. Quais os planos do grupo para a fazenda? Quantos membros do grupo Massa são da região?
3. O grupo já conhecia a propriedade e o hotel? Qual a razão do fechamento do hotel que segundo informação do arrendatário era um empreendimento bem sucedido? Como ficou a questão da área do hotel, uma vez que a mesma estava arrendada? Como foi feito o acerto e indenização do arrendatário? Houve uma indenização especial para a ruptura do contrato? (multa ou coisa parecida)
4. O grupo tinha conhecimento que o hotel estava com reservas fechadas para os meses de dez/04, jan/05 e fev/05, estando praticamente lotado para esse período?
5. Qual a razão de se fazer o cancelamento das reservas para os hóspedes? Não era possível esperar o final do ano?
6. A partir de que data as operações do hotel foram suspensas? Não seria mais lucrativo implementar as mudanças depois da temporada ou havia uma razão especial para isso?
7. O grupo sabe como ficou a situação dos funcionários que trabalhavam no hotel? Vão ser aproveitados no novo empreendimento, treinados, ou qual será a estratégia para isso?
8. É verdadeira a informação da Revista Veja de que o Hotel será transformado em SPA Ecológico? Em caso afirmativo:
 - a. Existe algum estudo que fundamente isso, de mercado potencial, público alvo e coisas assim? (ir para a questão 9)
 - b. Em caso negativo, qual será o destino da propriedade?
 - i. Qual a origem desse vazamento falso para a imprensa?
 - ii. Existe relação entre essa informação e a tentativa de acalmar a comunidade?
 - iii. Existe algum projeto voltado para a comunidade na nova proposta?
 - iv. Por que, no entendimento do grupo, a opção pelo turismo deve ser modificada? Parece que em termos de produtividade das terras o empreendimento não era bem sucedido, o que justificaria o foco no turismo. Como o grupo vê essa questão?
9. O perfil do público visado será o mesmo do que já visitava o hotel, ou não? Qual?
10. Por ocasião da compra, qual era o estado do hotel? Estava bem conservado? Era bem freqüentado? Parecia um empreendimento promissor?
11. Na sua opinião, o que era preciso mudar para que o antigo empreendimento continuasse com o novo proprietário da fazenda?
12. Como foram as negociações com o antigo arrendatário?

13. Quanto ao novo projeto: O projeto dessas modificações já foi elaborado? Qual o perfil da equipe encarregada do projeto? Existe um staff especializado em turismo trabalhando nisso? E o que será feito da área do hotel?
14. Existe algum profissional de turismo ou equipe especializada auxiliando no projeto?
15. Já há uma idéia da metodologia que será adotada para efetivar o empreendimento: ou seja, já foi feito um inventário do que existe? O que será preservado?
16. Como o Grupo Massa pretende contribuir para a melhoria de vida da população local, uma vez que existe grande esperança da população quanto a isto? Pretendem fazer algum trabalho de responsabilidade social junto à comunidade?
17. Quanto aos funcionários que trabalharão no Spa, qual será o perfil solicitado?
18. O que pretendem usar da infra-estrutura local e o que terá que vir de fora? Segundo informações dos entrevistados anteriores, o Grupo Massa só contrata gente de sua confiança e que não é da região. Isso é verdade?
19. É verdade que se pretende levar shows ao Spa? Qual a dimensão desses shows (que tipo de show, aberto ao público mediante ingresso ou restrito aos hóspedes, local para realização, etc.)?
20. Se for aberto ao público, como pretendem controlar a capacidade de carga do local para minimizar impactos na propriedade?
21. Como será aproveitada a produção gerada no local pelo empreendimento – compra de alimentos, materiais e mão-de-obra?
22. Existe alguma colocação que gostaria de fazer, em nome do Grupo Massa, sobre o assunto tratado nesta entrevista?

Apêndice D: Formulário para entrevista: visitantes do Hotel Fazenda Ubatuba

Nome: _____

Cargo/Função: _____

- 1) Costumava visitar o Hotel Fazenda Ubatuba regularmente ou utilizar sua estrutura para realização de eventos ou atividades relacionadas?
- 2) O que achava de sua infra-estrutura?
- 3) E de seu atendimento?
- 4) Tinha reserva no hotel para dez/04, jan/05 ou fev/05? Em caso afirmativo: O que lhe disseram para cancelar a reserva?
- 5) Tomou conhecimento de que a fazenda será transformada em um Spa Ecológico? O que acha disso?
- 6) Como recebeu essa notícia?
- 7) Qual sua opinião com relação à atitude do cancelamento das reservas e conseqüente fechamento do hotel?
- 8) O que mais gostava na fazenda?
- 9) Segundo informações do grupo Massa, a fazenda não mais irá trabalhar com turismo. Deverá ser transformada em uma Universidade do Café. O que pensa a respeito dessa mudança?
- 10) Acredita que essa atitude acarretará alguma espécie de turbulência na população local, uma vez que a fazenda, segundo informações veiculadas na mídia, iria ser transformada em Spa Ecológico?
- 11) Sabe dizer se, de alguma forma, a população da região da fazenda e de Apucarana ganhou ou perdeu com a venda da propriedade? Por quê?

Apêndice E: Formulário para entrevista: ex-funcionários do Hotel Fazenda Ubatuba

Nome: _____

Cargo/Função: _____

- 1) Qual a sua opinião sobre a venda do hotel e das mudanças que serão feitas?
- 2) Você sabia que o hotel ia ser vendido ou foi uma surpresa? Quando ficou sabendo da venda de parte da propriedade da fazenda, incluindo o Hotel?
- 3) O que foi dito aos funcionários sobre o encerramento das atividades do hotel?
- 4) Como ficou sua situação trabalhista?
- 5) Pretende tentar trabalhar no novo empreendimento?
- 6) O que acha dessa atitude de suspender as atividades do hotel?
- 7) Na sua opinião, como os que haviam feito reserva se sentiram? Acha que foi certo?
- 8) Qual é a sua atividade agora?
- 9) Como a mudança influenciou a sua vida? Melhorou, piorou, por quê?
Essa saída do emprego na fazenda influenciou em sua vida para melhor ou para pior?
- 10) E com relação ao resto da população aqui do local, você acha que a comunidade local ganhou ou perdeu com a venda da fazenda? Por quê?
- 11) Como você acha que a mudança deveria ter sido feita? Haveria uma maneira melhor? Poderia ser pior? O que acha?

Observações

Apêndice F: Formulário para entrevista: comunidade local

Nome: _____

Cargo/Função: _____

- 1) Conhecia o Hotel Fazenda Ubatuba?
- 2) De alguma forma, era beneficiado pela existência do empreendimento? Como?
- 3) Teve conhecimento da venda de parte da Fazenda Ubatuba, incluindo o hotel? Como?
- 4) Teve conhecimento da idéia do comprador em transformar o Hotel Fazenda em Spa Ecológico? De que forma ficou sabendo?
- 5) O que achou da idéia?
- 6) E do cancelamento das atividades do hotel, tomou conhecimento?
- 7) Essa atitude o prejudicou de alguma forma? Como?
- 8) Na sua opinião, essa mudança e fechamento do hotel prejudicaram a comunidade local de alguma forma? Como?

Apêndice G: Íntegra da entrevista com o arrendatário do Hotel Fazenda Ubatuba

Nome: **EDUARDO EMERICH**

Cargo/Função: PROPRIETÁRIO DO HOTEL FAZENDA UBATUBA

1) Quando o hotel iniciou as atividades?

As atividades de reforma iniciaram-se em dezembro/2002, mas o hotel começou suas operações em julho/2003.

2) Quem foi o idealizador do projeto? Houve alguma assessoria de empresa de turismo, SEBRAE ou coisa assim?

A assessoria foi minha mesma porque eu já sou da área, pois atuo com planejamento já faz alguns anos e então foi tranquilo desenvolver o projeto.

Tem outro empreendimento desse tipo?

Tinha em Maringá, mas vendi quando da implantação do hotel.

Como ficou sabendo que os proprietários da fazenda estavam arrendando parte da propriedade para a implantação de um hotel fazenda?

Soube por meio de terceiros; um amigo era amigo do proprietário e ficou sabendo que estavam arrendando e me falou, então fomos lá dar uma olhada no local, gostamos do que vimos e aí fechamos a parceria.

3) Como foi o processo de implantação do projeto, a forma de trabalhar com a população local e com as atividades já existentes na fazenda? Foi difícil treinar os funcionários? Usaram alguma metodologia específica para isso?

Eu fiz o projeto e não tive auxílio de terceiros, na verdade eu contratei empresas que foram lá para ver e construir, fazer levantamento físico, mas o projeto e planejamento é meu, fiz um planejamento para os 15 anos, estratégias para os 15 anos, mais fui eu quem fiz, não contratei nenhuma empresa para o projeto e planejamento.

Existia no seu projeto alguma estratégia que contemplasse a população local (famílias residentes na fazenda)?

A princípio meu projeto contava com a mão-de-obra do pessoal da fazenda, mas, na verdade, a fazenda tinha pouca gente e eram pessoas que não tinham especialidades, não tinham perfil para o empreendimento e, praticamente quase não tinha mais funcionários, na verdade, acabei utilizando apenas 01 pessoa que era da fazenda.

Você precisou dar treinamento ao pessoal para trabalhar no hotel?

Sim, tive. Foi a primeira coisa que eu fiz antes do início dos serviços do hotel. Eu contratei uma empresa de Maringá que fez todo o processo de recursos humanos (de recrutamento, seleção, contratação) e então, implantamos treinamento para todos os funcionários contratados, em todos os níveis, por exemplo, como formatar um apartamento, como configurar um apartamento, trabalho na lavanderia, recepção, atendimento de telefone, hóspedes, restaurante, na área de governança, ou seja, todos os setores do hotel passaram por treinamento.

4) Foi realizado algum estudo de viabilidade antes da implantação? As expectativas foram corretas? O retorno foi como estava previsto?

Não foi feito nenhum estudo de viabilidade, o que eu fiz foi um planejamento estratégico, mas eu fiz um planejamento que dava um número muito grande de informações, foi onde previ faturamento, despesas; a projeção de faturamento, taxa de ocupação, tudo perto da realidade que eu já conhecia pois temos um histórico de taxa de ocupação.

No período em que o hotel funcionou, eu trabalhei com 14 apartamentos. Eu tinha uma taxa de ocupação na faixa de 40% , então poderia calcular quanto faturaria no mês.

E quanto às expectativas, foram corretas, foi o que você previu com esse planejamento para o período em que o hotel esteve funcionando?

Meu planejamento, eu até comentei com algumas pessoas que eu não sabia que iria acertar tanto, o índice percentual de erro foi muito pequeno Graças a Deus, o erro maior que cometi foi de planejar a reforma, o custo que iria ter com a reforma ficou além do planejado. Em termos de faturamento de receita e despesa, eu fui muito feliz, consegui acertar, o nível de variação foi muito pequeno.

Como era a questão do arrendamento, o pagamento era mensal?

Era um valor mensal, como se fosse um aluguel com valor 'X' todo mês, acompanhando os índices de correção anual.

5) O hotel era um empreendimento rentável? Qual a sua opinião sobre a mudança de perfil prevista para o hotel?

Eu acho ótimo, até torço para que dê certo, na verdade, ali foi um projeto que a gente fez, mas não foi abortado por deficiência financeira, prejuízo. Era um projeto viável do jeito que eu estava fazendo, eu estou torcendo para que dê certo porque Apucarana vai ganhar com isso, em se implantando o projeto que a gente ouviu falar do Spa Ecológico. Então vejo com bons olhos e extremamente positivo para a região e para mim também, pois vai ser satisfatório saber que aquilo que eu comecei vai ter prosseguimento, ele fazendo desse jeito, vai ficar muito melhor, vai ser algo muito bom para a região.

O que te levou a divulgar o hotel em Maringá e região e não em Apucarana?

O que nos levou foi uma coisa meio que natural, porque normalmente quem mora em Apucarana não vai procurar ali, eu não diria Apucarana, nós somos assim, por exemplo, eu moro em Maringá então, eu não vou procurar um hotel fazenda em Maringá, vou procurar em Londrina, Campo Mourão, fora do meu habitat natural, isso é uma tendência nossa, então, naturalmente comecei a divulgação em regiões periféricas – Londrina e Maringá – e também o mercado comprador da nossa região é Londrina e Maringá, não menosprezando Apucarana, mas Londrina e Maringá têm mais potencial. Fazendo esse trabalho em Apucarana, seria mais a longo prazo e o hotel precisava ter algum faturamento, assim, começando por Londrina e Maringá.

No seu planejamento incluía o mercado de Apucarana?

Sim, contemplava Apucarana, eu fiz um bom trabalho em Apucarana, mas não com o mercado 'família', trabalhava mais com o mercado empresarial, eu tinha grandes clientes em Apucarana que usavam a infra-estrutura do hotel para eventos empresariais, nesse nicho eu já estava bem divulgado.

6) Quando o proprietário da fazenda decidiu pela venda da parte da fazenda onde o hotel está implantado, foram consultados? Qual foi sua participação no processo?

Inicialmente quando eles começaram a negociação, me avisaram. Os donos já tinham a idéia de vender, mas sempre respeitando nosso contrato, nós conversamos no primeiro momento, mas quando a coisa ganhou ares de definição, ele me procurou, mas a idéia era que o hotel continuasse. Ele não tinha idéia de vender com o hotel, mas em determinado momento, ele mudou de opinião e pediu para que fosse conversado comigo no sentido de que eu liberasse a propriedade, fazendo um destrato.

7) E o contrato de arrendamento? Irão continuar?

O meu contrato era muito bem feito, era um contrato amplo, vasto. Ele previa essas multas, mas o que aconteceu foi o seguinte: como o proprietário precisa vender e queria vender e ele teve a proposta atraente, não atraente em termos de valor, o valor era alto mas a fazenda valia mais do que foi pago. A proposta era interessante em função do cliente/comprador que tinha "café no bule", como ele mesmo fala, e ia pagar a vista, enquanto que os outros interessados iriam pagar em soja, então eu facilitei o negócio, a verdade foi que eu abri mão dessa multa, o que retornou para mim foi tudo aquilo que eu investi ao longo dos 2 anos.

8) Sabiam da intenção do comprador de mudar o perfil do empreendimento?

Na verdade, nós conversamos com o secretário do novo proprietário, não exatamente com ele, o que viria a acontecer depois, mas eles não abriram o que iriam fazer, eles falaram que iriam comprar mas não o que iriam fazer. Depois que tínhamos fechado o negócio foi que surgiu a história do Spa, essa coisa que até hoje não se tem total convicção, a gente conversa com eles e eles não falam.

9) E os funcionários, foram informados do processo de venda? Qual a reação deles em relação a essa mudança?

Sem dúvida, inicialmente a informação que eu tive do proprietário era de que não ia mexer com o hotel, então a informação que eu passava para os funcionários era que o hotel iria continuar. A partir do momento em que fui consultado e informado que ele só compraria a

fazenda se o hotel fosse fechado, eu imediatamente tive a preocupação de fazer uma reunião com eles e passar a informação.

E qual foi a reação deles?

Foi uma reação de decepção, de tristeza, porque o hotel era um 'empreendimento viável' e era um empreendimento onde eles gostavam de trabalhar lá, era um local gostoso de trabalhar, a equipe que eu tinha era uma equipe muito boa, que vestia a camisa do hotel. Foi uma tristeza, nós tínhamos umas 20 pessoas trabalhando lá, foi uma perda.

Você trabalhava com a comunidade?

Sim, a gente trabalhava, tínhamos negócios, comprávamos deles, então, de certa forma, também foi uma perda que a equipe toda lamentou.

10) Ao serem suspensas as atividades do hotel, o que aconteceu aos funcionários?

Sim, acertamos com todos o ônus financeiro/trabalhista. 30 dias depois que nos avisaram, nós fizemos o acerto de fundo de garantia, dos dias trabalhos, enfim, tudo que era de direito foi pago.

Qual a data exata do fechamento do hotel?

15 de dezembro de 2004.

11) Quem efetuou o cancelamento das reservas do hotel? Como justificaram o cancelamento?

Nos mesmos efetuamos o cancelamento. Tivemos dificuldades com algumas pessoas e graças a Deus, 90% das pessoas foram compreensivas. Nós locamos outros hotéis, os que não quiseram, que foi a minoria, esses não pudemos fazer nada e cancelamos as reservas. Mas 90% dessas pessoas como já eram nossos clientes, eles entenderam e a gente fez as reservas em outros hotéis para eles.

A justificativa usada para o cancelamento das reservas era a própria venda do hotel.

Esses clientes geralmente eram pessoas que retornavam para o hotel?

Eram. Nós estávamos com um índice muito bom, pois o hotel se propôs a atender a clientela com um bom nível de satisfação, todo cliente que ia lá preenchia uma pesquisa do grau de satisfação do cliente e as respostas eram sempre boas. É claro que nós não agradávamos a todos, mas 99% dos meus clientes voltavam, porque a "minha equipe era muito boa" e queria que você destacasse isso, meu staff era de uma equipe muito simpática.

E todos eram da região?

Sim todos eram da região, Pirapó, São Pedro, tinha o pessoal que morava na fazenda há muito tempo. Todos gostavam muito do que faziam, então o atendimento era muito bom e com isso conseguíamos conquistar o cliente.

12) Qual a reação dos hóspedes ao saberem do cancelamento das reservas?

Até hoje eu recebo uma ou outra pessoa que não sabe que fechei o hotel, as pessoas lamentam.

E quanto a comunidade local, mais precisamente de São Pedro e Pirapó?

Isso eu não sei dizer, com relação aos meus clientes de Apucarana, principalmente as empresas, o mercado empresarial, eles lamentaram porque ali estava dando um excelente local para eles atenderem seus clientes, fazerem suas convenções, atenderem fornecedores que vinham de fora, que ficavam hospedados no hotel. Agora em relação à população de Apucarana, particularmente não sei porque quase não tinha contato com Apucarana e em relação a São Pedro e Pirapó, também não sei avaliar mas eu creio que a reação foi até positiva, porque o novo proprietário, com suas idéias, poderá fazer ser bom para a região.

E se realmente acontecer a execução das notícias veiculadas na mídia, vai ser bom para a comunidade local?

Acredito que sim.

O meu relacionamento com a comunidade foi muito bom na medida em que nós tínhamos um relacionamento de honestidade, transparente e de seriedade; analisando assim, então houve uma perda, mais como diz o ditado "há males que vêm para bem".

13) E da suspensão das atividades do hotel?

Sem resposta.

14) Na sua opinião, como a comunidade está vendo estas mudanças?

Para melhor exatamente, agora se não for implantado o Spa vai ser mais uma fazenda particular, a diferença é que vai ser uma fazenda de alguém notável, uma celebridade, que

também é bom para a comunidade. Se não acontecer o que foi veiculado, em termos econômicos ser apenas uma fazenda, aí sim vai ser uma perda.

Você tem intenção de estar investindo em outro negocio na área rural, turismo?

Eu poderia lhe dizer o seguinte, no ponto de vista econômico e financeiro e do setor, eu acho que é extremamente viável, é um setor bom de se trabalhar, tranquilo. Prestação de serviço no Brasil hoje, esse setor de turismo está em desenvolvimento, crescimento. Financeiramente, o empreendimento já estava me dando retorno, já era um negócio viável apesar de só ter 1 ½ ano de funcionamento. Mas eu não pretendo mais me envolver com o setor. Eu tenho outro tipo de negócio, eu tenho emprego em outras áreas e esse setor de Turismo e Hotelaria ele é muito envolvente, ele envolve você 24 horas por dia, 7 dias por semana, 30 dias no mês e 365 dias no ano. Se eu pudesse me dedicar tempo integral como a gente diz na informática – full time, eu não teria dúvida de investir novamente na área. Não pretendo investir tão cedo nesse negócio pois tem esse envolvimento onde você tem que sempre estar conectado.

Apêndice H: Íntegra da entrevista com o ex-proprietário da Fazenda Ubatuba

Nome: **SUZANA SCHINDLER**

Cargo/Função: PROPRIETÁRIA E NETA DO FUNDADOR DA FAZENDA

1) Quando decidiram pelo arrendamento de parte da propriedade para implantação de um Hotel Fazenda, por que o fizeram?

Surgiu a idéia. A terra para um Hotel Fazenda, a história da Ubatuba faz parte da história do Café. A primeira árvore caiu em 1939, a Ubatuba tinha uma serraria, duas olarias, quatro escolas, um médico para atender às famílias que lá viviam, na década de 60 tinha 400 famílias morando era uma cidade. A Ubatuba deu origem ao Pirapó, pois precisava de caminhoneiros para puxar as toras que se transformavam em móveis que era produzido lá.

Eu digo isso porque era um elefante branco aquela tamanha máquina de café para processar 10 mil sacas de café, o clima mudou, o risco era grande, nossa política monetária do Brasil era um 'iôio' que ninguém sabia para onde iria. A agricultura é um negócio arriscado porque pode vir chuva de granizo ou alguma praga, e eu não vou negar que a fazenda estava com dificuldades há anos. Meu pai morreu em 1993 e em 1994 veio uma grande geada e o Francis arrancou o último pé de café e disse que não queria mais saber de café. Aí investiram na lavoura branca, gado de raça, milho, soja.

2) Mas vocês continuaram com a lavoura branca?

Sim mas quando minha mãe morreu, o Francis e a Ana vieram aqui e fizemos uma reunião, e chegamos à conclusão de arrendar a fazenda e o hotel e no contrato dizia que ele iria restaurar a parte histórica, ou seja, a escola, os biombos e as cachoeiras.

A primeira coisa que ele fez foi transformar o terreirão em uma grande lixeira, todo entulho eles jogavam lá, 20 mil metros quadrados de lixeira. O contrato foi feito pelo meu irmão, não entra muito em detalhe.

O arrendatário não foi uma pessoa correta, não pagava em dia, tinha um acordo com o óleo diesel, luz, água e de telefonia que estava dando problema. A estrutura básica, a casa branca onde minha mãe morava, o chalé que era a casa do Francis, onde é a recepção, era uma garagem que tinha um quarto de visita.

Tudo que ele fez foi cavar um buraco para por um gasoduto onde brincava, pois mais parecia uma trincheira do Sadan na guerra do Iraque com o resultado que hoje em dia não pode passar nenhum caminhão pesado pois pode explodir tudo, pois ele fez na profundidade de 25 cm e tinha que ser 65 cm.

Depois ele se concentrou na religião evangélica onde houve uma briga pela capela, eu vetei a capela onde eu não podia falar que não era mais capela pois vetei para minha sobrinha em São Paulo que é muito doente e respira por aparelho. E no fim do ano podíamos ficar na casa por um mês dividido em dois períodos e se a Ana Clara viesse de São Paulo e as salas estivessem abertas para o público ela teria que ficar trancada em um quarto.

E a verdade é a seguinte ele concentrou a propaganda do hotel mais em Maringá.

Eu fiquei sabendo de uma história de um hóspede do hotel Doral que no dia seguinte foi a agência do Mirão e perguntou se não havia um hotel fazenda mais longe pois o que ele estava era muito barulho, a secretária disse que o mais próximo era em Rolândia, ele virou para ela e disse cinicamente: Como isso é uma agência se eles nem sabiam que havia um hotel fazenda à 17km dali funcionando, a secretária ficou sem saber o que dizer, e esse hotel era o Ubatuba. Saiu na tribuna em primeira página só não teve evolução porque a frequência do hotel era baixa ele estava fazendo pacotes, houve gente que fez reservas e o pessoal da recepção desmarcou tudo em cima da hora, e ficou uma situação anti-ética e anti-profissional e não deu certo por ter se tornado uma coisa insuportável, isso foi se tornando um 'Elefante Branco' e com 4 pedras amarradas em cada pata. Falamos em vender e essa foi a decisão.

3) O hotel tinha sido arrendado por 10 anos como vocês resolveram?

O Ratinho perguntou a ele quanto ele queria para sair da fazenda, assim houve uma indenização, isso qualquer contrato prevê é jurídico.

Aí o Ratinho não contente vendo o estado geral fazenda, ele vindo de uma família humilde, sem estudo, mas é uma pessoa correta, inteligente viu que as coisas não estavam correndo bem, resolveu fazer uma partida de futebol no fim do ano com todos que trabalhavam em suas fazendas e principalmente a Ubatuba. A família adorou a fazenda e ele mesmo disse que a história do Spa é tudo mentira. Como ele diz é uma propriedade particular de porteira fechada para uso da família, eu sei pois ele me deu a cortesia de deixar meu cavalo na fazenda e que eu teria livre acesso, mas isso foi uma exceção. Quando ele planejou o torneio para 350 pessoas de futebol ele contratou mais 350 pessoas para limpar a fazenda que o arrendatário havia deixado, ficou tudo muito limpo, lindo. Ele chamou o Eduardo e perguntou quanto ele queria para sair da fazenda após dois dias, foi assim a história porque eu estava lá.

4) Havia reservas até Março?

Até março eu não sei, mas até o fim do ano estava lotado, para o carnaval eu não sei, mas houve um casamento que já estava marcado antes da venda e o Ratinho honrou, mas o restante o Ratinho pagou para ser tudo suspenso.

O pessoal do hotel não tinha um atendimento hospitaleiro, pois o senhor Marcos Peres, daqui da cidade, foi vítima disso pois havia marcado uma pescaria com os amigos todos casados e iam deixar suas esposas lá na Ubatuba; foram maltratados e disse que nunca mais voltaria lá, e infelizmente em Apucarana havia muitos falando sobre isso.

A título de higiene acho que essas pessoas nunca se hospedaram num hotel 5 estrelas. Eu morei 10 anos no exterior sou tradutora, jornalista e intérprete, morei em muquifos e hotel 5 estrelas então eu sei como funciona. Eu tive contato com ele por 6 meses pois eu gostaria de preservar o jardim da minha mãe, porque eu sabia da história de cada árvore ali plantada, pois meus pais colecionavam plantas exóticas.

5) E você sabe o que foi dito aos funcionários que lá trabalhavam?

Eu não tenho a menor idéia do que foi dito, e nem sequer o que foi dito para as pessoas que haviam feito as reservas para o final de ano.

Eu tive informação que o hotel comprava carne na Caixa de São Pedro e as verduras eles compravam das redondezas?

Tínhamos vínculo com Pirapó e Caixa de São Pedro.

A filosofia dele era de comprar as coisas nos mercados locais, o que incluía Pirapó, Caixa de São Pedro e sítios da redondeza. Era uma comida pesada, não era um buffet farto, a cozinheira só fez um curso no Sesc e dos mais básicos.

A manutenção do hotel era uma coisa bem deficiente e isso não funcionava quando fiquei lá com meus irmãos, dos chuveiros só saíam águas escaldantes, havia infiltrações. Na realidade caiu nas mãos de uma pessoa que não estava preparada e que também não tinha capital ou tinha investido o capital errado. Tudo que foi feito lá foi feito duas vezes. Até que um dia veio uma reclamação de um hóspede de que não havia ar condicionado. No outro dia compraram ar condicionado reciclado abriram crateras nas paredes isso tudo você vê na Ubatuba, tudo mal feito.

Os funcionários reclamavam muito, pois o pagamento não saía em dia, ele enrolava o pessoal não tinha escala de trabalho e nem de folga como uma operação comercial estava fadado ao fracasso.

Ele não tinha conhecimento de como era um hotel fazenda. Ele cobrava por passeio a cavalo de 5 a 10 reais por hora. Eu criei cavalos de raça na Ubatuba então eu sei como é. A família do Eduardo inteira trabalhou lá, eu não tenho nada contra o trabalho em família, mais de 99% do Brasil e até mesmo do país é feito por família. Na França você se hospeda em castelos todos regidos por famílias cada um com sua função e nós somos maravilhosamente bem tratados. Quando ele montou o hotel ele não sabia por onde começar, a comida era feita com banha de porco e os hóspedes reclamavam, ele cobrava muito caro.

O fechamento do hotel não causou grande impacto no pessoal de Apucarana, mas o pessoal de Maringá, Campo Mourão, Londrina sim pois a divulgação era lá.

6) E as pessoas que trabalhavam no hotel?

Eu não sei porque fazia rodízio de empregados, não tinha função definida. Só de monitores passaram por quatro dos quais eu sei, até o irmão do Eduardo, o Alvino, pediu demissão de lá.

7) Qual foi o efeito do desemprego?

O efeito do desemprego é complicado dizer, pois o erro não foi do Eduardo. O erro foi do povo e da revista Veja que foi o primeiro veículo de comunicação sobre a venda e que o Ratinho iria abrir um Spa e os funcionários acharam que iriam ser recontratados.

Eu tive acesso direto com os compradores e fiquei com os assessores e com o irmão do Ratinho que adorou o lugar e duvido que vá fazer um Spa. Teve uma reunião em São Paulo onde ele disse que lá iria ser uma propriedade particular e familiar de portão fechado.

Aí foi que as pessoas que ali trabalhavam ficaram sabendo que não iam ter seus empregos de volta.

Uma hipótese, no carnaval, o Ratinho veio com sua família um monte de amigos, evidentemente teve que contratar pessoas para trabalhar, que poderiam ser os antigos funcionários, mas, os funcionários que contrata são de sua extrema confiança, vindos de seus locais de origem: Monte Sião, Marumbi, por exemplo.

O Ratinho é uma pessoa humilde e está investindo em um lugar de onde saiu e assim nasceu seu slogan: Eu não quero despedir ninguém, mas quero dar emprego - essa é sua filosofia. Eu tenho a impressão que o grupo Massa são todos amigos de infância do Ratinho.

E não sei lhe dizer o impacto que teve o pessoal de Pirapó e São Pedro.

8) O que você vai fazer com o cemitério?

O cemitério foi uma averbação da prefeitura, foi uma história muito engraçada, estava o senhor Iedo Marques e a esposa assistindo um filme no cine Fênix quando chegou o assessor dizendo que o velho Schindler havia morrido. Então o cemitério foi averbado no meio de uma sessão de cinema. O cemitério é uma terra branca (terra de ninguém). A fazenda Colina fazia parte da Ubatuba, o bico do cemitério está dentro da fazenda Colina; quando foi feito o negócio o cemitério não estava incluso, era terra de ninguém, o cemitério é uma Terra Santa e quem cuida somos nós e a equipe do Ratinho. Lá estão enterrados minha mãe, meu pai, minha avó, meu avô e o cozinheiro, meu endereço também será lá.

O cemitério é um averbo, meu avô quando morreu quis ser sepultado no local onde sempre salvou o couro dele.

Meu avô veio para o Brasil fugido de Hitler em 1933 vieram de navio de Roma uma bagunça, veio procurar os contatos dele que eram com os ingleses que estavam na estrada de ferro de Londrina.

Meu avô saiu da Alemanha sem nada, ele fez um acordo com os suíços, eles entravam com o capital e meu avô com o serviço braçal, tornando-se assim sócios igualitários. O dinheiro que ele tinha era para comprar 5 mil alqueires de terras, os ingleses quase caíram dos sapatos, assim foi comprar terras em Rolândia, início das matas que estavam dentro da fazenda Ubatuba, foi quando encontraram as minas da Ubatuba, fizeram a medição e viram que as terras eram um pouco onduladas que o terreno era fértil, aí demarcaram. Logo após veio uma geada estragou um pouco, porque senão era para ser até Cambira e quase até o Pirapó, muita terra. Em 18 de outubro a Ubatuba perdeu mais de 1 milhão de pés de café. Aí meu pai investiu comprando café nas bolsas de valores de Nova York e Londres e foi comprando café. Mais tarde, reuniram um grupo de amigos e fizeram uma viagem por todos os países cafeicultores. Voltou, mandou arrancar todos os pés de café porque não dava para salvar, após plantou 1 milhão de pés de café na metade da propriedade e aí, mandou plantar milho e soja no resto. Era apaixonado por café e se ele estivesse vivo, em primeiro lugar, ele não teria vendido, segundo que teria café, no entanto o Ratinho vai plantar café. A vida do Ratinho é café igual a do meu pai.

Na fazenda existiam quatro escolas, olaria, um armazém de secos e molhados, serraria, marcenaria onde eram criados os móveis, atendimento de dentista 2 vezes na semana e havia um transporte para levar os doentes para Apucarana, toda uma infra-estrutura para atender aquelas pessoas que lá habitavam. A fazenda era uma cidade, meu avô tinha visão, construíram biombos para que de 50 a 100 homens solteiros viessem trabalhar todos os anos

nas colheitas. Nos finais de semanas eles faziam bailes, dançavam, passava filme, havia até pista de bocha para se divertirem.

A estação meteorológica era na Ubatuba, a Simepar também era lá que era o ponto mais alto da fazenda tinha 980 mts de altitude, aí foi mudado para a Fazenda Colina porque o topo era de 1000 mts de altitude.

Fui criada na Ubatuba depois fui para São Paulo estudar, fiz faculdade e aí fiquei mais 10 anos no exterior.

Eu sofri muito com a venda da fazenda, quando fiquei sabendo que era o Ratinho que havia comprado fiquei mais tranqüila.

9) Como vocês descobriram o Ratinho?

Fomos nós que o procuramos, pois ele vivia na região.

Eu acho que aquelas pessoas do século passado que tiveram o ímpeto e a força de construir um patrimônio tendo em vista os seus descendentes, todos fracassaram, porque o patrimônio terminou com eles, porque eles é que eram a fibra atrás daquilo.

Quando meu avô morreu a coisa já estava diluída independente de ele amar o café ou não e o meu irmão era mais água do que água com açúcar, então, eu acho que construir patrimônios é uma utopia e hoje, nos dias atuais, ninguém mais vai construir patrimônio coisa nenhuma porque não tem ninguém querendo arriscar até o pescoço. A motivação é outra, então, se você quer fazer um patrimônio, faça para você, mas não faça na esperança de que seu filho vai saber honrar, porque não vai, quanto mais o neto e o bisneto, é essa a conclusão a que cheguei. Meu pai dizia, estude e invista em você, tenha uma profissão, porque isso ninguém te tira, a não ser que tenha a desgraça de sofrer uma amnésia, caso contrário, você é seu capital.

Meu avô se matou para deixar um patrimônio lindo, o ciclo agrícola brasileiro mudou, o clima do mundo mudou, então, valeu pra ele, somente pra ele.

Algumas propriedades resistiram, as que foram tombadas pelo patrimônio histórico, mas as mais modernas, esqueça...

Apêndice I: Íntegra da entrevista com o comprador da Fazenda Ubatuba – Grupo Massa & Massa

Nome: **ARLINDO CAMINI JUNIOR**

Cargo/Função: ASSESSOR DO EMPRESÁRIO CARLOS MASSA

1. Como surgiu a idéia de compra da fazenda? Como foi a negociação com os proprietários? Havia consenso entre os donos da fazenda sobre a venda?

Era um sonho antigo do “Ratinho” (Carlos Massa) ser proprietário da fazenda. A negociação foi feita diretamente com o corretor de vendas, sem nenhum contato com os proprietários.

2. Quais os planos do grupo para a fazenda? Quantos membros do grupo Massa são da região? **A idéia é de se trabalhar com café. Na verdade, a vontade do “Ratinho” é transformar a fazenda novamente em produtora de café, em um centro de estudos sobre o café, transformá-la em Universidade do Café, onde pessoas que queiram saber e aprender sobre a produção do café tenham onde encontrar. A intenção é de se plantar entre 100 a 150 alqueires de café.**

Quanto aos membros da equipe, vários são da região, sendo que muitos já eram conhecidos do “Ratinho” de longa data.

3. O grupo já conhecia a propriedade e o hotel? Qual a razão do fechamento do hotel que segundo informação do arrendatário era um empreendimento bem sucedido? Como ficou a questão da área do hotel, uma vez que a mesma estava arrendada? Como foi feito o acerto e indenização do arrendatário? Houve uma indenização especial para a ruptura do contrato? (multa ou coisa parecida)

O “Ratinho”, desde jovem, conhecia a fazenda. Quanto à questão do hotel, não sei informar pois não tratamos nada com o arrendatário. A questão do hotel foi resolvida entre os antigos donos da fazenda e o arrendatário do hotel, sem nenhuma interferência do Grupo Massa.

4. O grupo tinha conhecimento que o hotel estava com reservas fechadas para os meses de dez/04, jan/05 e fev/05, estando praticamente lotado para esse período?

Como disse anteriormente, não tínhamos conhecimento sobre as atividades do hotel e muito menos sobre as reservas.

5. Qual a razão de se fazer o cancelamento das reservas para os hóspedes? Não era possível esperar o final do ano?

Sem resposta.

6. A partir de que data as operações do hotel foram suspensas? Não seria mais lucrativo implementar as mudanças depois da temporada ou havia uma razão especial para isso?

Assumimos definitivamente em fevereiro/2005. Não era interesse do grupo continuar com as atividades do hotel.

7. O grupo sabe como ficou a situação dos funcionários que trabalhavam no hotel? Vão ser aproveitados no novo empreendimento, treinados, ou qual será a estratégia para isso?

Sem resposta.

8. É verdadeira a informação da Revista Veja de que o Hotel será transformado em SPA Ecológico? Em caso afirmativo:

Não. Tudo que leva o nome do “Ratinho” gera especulações e boatos. Isso também foi boato.

- a. Existe algum estudo que fundamente isso, de mercado potencial, público alvo e coisas assim? (ir para a questão 9)

- b. Em caso negativo, qual será o destino da propriedade?

A Fazenda será transformada em Universidade do Café.

- i. Qual a origem desse vazamento falso para a imprensa?

A especulação.

- ii. Existe relação entre essa informação e a tentativa de acalmar a comunidade?

Não, mesmo porque o que o “Ratinho” pretende é gerar muitos empregos com o novo perfil da fazenda.

- iii. Existe algum projeto voltado para a comunidade na nova proposta?

Claro, os trabalhadores deverão ser da região pois é inviável buscar trabalhadores de outras regiões, sendo que os locais têm o conhecimento e o costume sobre a cultura cafeeira.

- iv. Por que, no entendimento do grupo, a opção pelo turismo deve ser modificada? Parece que em termos de produtividade das terras o empreendimento não era bem sucedido, o que justificaria o foco no turismo. Como o grupo vê essa questão?

Talvez, no futuro, até se possa pensar em turismo novamente na fazenda, é claro que com outro foco – um turismo de negócios ou científico – poderá ser desenvolvido, já que pessoas de diversas regiões estarão vindo até a Universidade do Café para buscar conhecimentos.

9. O perfil do público visado será o mesmo do que já visitava o hotel, ou não? Qual?

Sem resposta.

10. Quando da compra, qual era o estado do hotel? Estava bem conservado? Era bem freqüentado? Parecia um empreendimento promissor?

Todo empreendimento precisa de investimento, e ali não era diferente. Para tornar o hotel em um grande empreendimento para competir com outros localizados na zona rural, como por exemplo, com o Thermas de Jurema (resort) ou outros grandes hotéis fazenda da região, precisaria de muito investimento e esse não era o objetivo do Grupo Massa.

11. Na sua opinião, o que era preciso mudar para que o antigo empreendimento continuasse com o novo proprietário da fazenda?

Sem resposta.

12. Como foram as negociações com o antigo arrendatário?

Sem resposta.

13. Quanto ao novo projeto: O projeto dessas modificações já foi elaborado? Qual o perfil da equipe encarregada do projeto? Existe um staff especializado em turismo trabalhando nisso?

O novo empreendimento está sendo elaborado, mas não sei o nome da empresa. Por enquanto, não tem ninguém da área de turismo envolvido. Pode ser que depois do projeto implantado, se tenha alguém da área de turismo.

E o que será feito da área do hotel?

Será adaptada para estar recebendo as pessoas de outras localidades, que estiverem na fazenda em busca de informações e conhecimento sobre o café.

14. Existe algum profissional de turismo ou equipe especializada auxiliando no projeto?

Não, pelo menos a princípio não.

15. Já há uma idéia da metodologia que será adotada para efetivar o empreendimento: ou seja, já foi feito um inventário do que existe? O que será preservado?

Sabemos tudo o que existe na fazenda. Muita coisa está sucateada e ultrapassada. Uma limpeza geral já está sendo feita na fazenda; paralelepípedos estão sendo colocados nos locais de acesso da propriedade, pois estavam em estado precário (o cascalho quase não mais existia). A propriedade é muito grande e precisa de muito investimento, mesmo sem pensar em turismo.

16. Como o Grupo Massa pretende contribuir para a melhoria de vida da população local, uma vez que existe grande esperança da população quanto a isto? Pretendem fazer algum trabalho de responsabilidade social junto à comunidade?

Claro que sim pois gerará mais de 300 empregos com a implantação do projeto da Universidade do Café e a maioria dos futuros empregados será da região.

17. Quanto aos funcionários que trabalharão no Spa, qual será o perfil solicitado?

Sem resposta.

18. O que pretendem usar da infra-estrutura local e o que terá que vir de fora? Segundo informações dos entrevistados anteriores, o Grupo Massa só contrata gente de sua confiança e que não é da região. Isso é verdade?

Sem resposta.

19. É verdade que se pretende levar shows ao Spa? Qual a dimensão desses shows (que tipo de show, aberto ao público mediante ingresso ou restrito aos hóspedes, local para realização, etc.)?

Sem resposta.

20. Se for aberto ao público, como pretendem controlar a capacidade de carga do local para minimizar impactos na propriedade?

Sem resposta.

21. Como será aproveitada a produção gerada no local pelo empreendimento – compra de alimentos, materiais e mão-de-obra?

O perfil do “Ratinho” é de aproveitar o que existe na localidade onde está investindo, contribuindo com o local onde está investindo e, assim, tudo que puder ser aproveitado da região será.

22. Existe alguma colocação que gostaria de fazer, em nome do Grupo Massa, sobre o assunto tratado nesta entrevista?

Por enquanto nada de turismo. Quem sabe no futuro. A princípio tudo está concentrado no projeto da Universidade do Café. O projeto deverá estar pronto em 6 meses e aí sim, poderemos realmente afirmar algo sobre turismo mas, por enquanto, nada de turismo.

Apêndice J: Quadro de análise das entrevistas realizadas com os visitantes do Hotel Fazenda Ubatuba

Pergunta	LILIAN	MÁRCIA	DANIELA	MARCOS
1) Costumava visitar o Hotel Fazenda Ubatuba regularmente ou utilizar sua estrutura para realização de eventos ou atividades relacionadas?	Sim, a gente passava as tardes lá, passava o almoço e as tardes lá.	Sim. Nós organizamos a convenção de vendas no começo do ano passado na fazenda e era para ter se repetido esse ano novamente e a gente não teve a oportunidade de estar fazendo lá.	Eu fiz algumas visitas ao Hotel Fazenda e nós fizemos uma convenção dos nossos representantes no mês de setembro do ano passado lá.	Não regularmente, somente eventualmente. Utilizava a fazenda para outros fins. Uma época nós fomos chamados (o pessoal do Jipe Club de Apucarana), para abrir uma estrada (trilha) no meio da mata, para desenvolver o ecoturismo, mas não deu em nada. Fora isso, acompanhamos a utilização com outros amigos, sendo que para hospedagem mesmo, foi utilizado duas vezes. Agora indicando empresas de amigos nossos e participando de eventos deles, foram umas quatro vezes.
2) O que achava de sua infra-estrutura?	Ele estava começando e o pouco que a gente participou de lá estava tudo certinho, o restaurante, o atendimento, a infra-estrutura, os passeios também... a comida era boa, muita beleza...	Na ocasião quando a gente fez o evento, eles não estavam preparados para um evento do porte que a gente levou, estávamos trabalhando com 70 a 80 pessoas durante 3 dias (sexta, sábado e domingo), mas assim, o suporte de, a vontade de estar fazendo um atendimento, de estar trabalhando com a gente, de estar estruturando o hotel foi muito grande. O Eduardo que nos atendeu na época, ele trabalhou com a gente o tempo todo, na infra-estrutura física do hotel e em todos os outros serviços que ele podia oferecer para a gente. A gente fez uma coisa diferenciada, personalizada, mas eu contei bastante com o apoio dele.	Com relação aos quartos, excelentes. Eu acho que ainda faltavam algumas coisas, melhoramentos que precisavam ali, em termos de iluminação. Nós fizemos um evento lá e no final do evento que terminou à noite, não tinha iluminação. Não tinha iluminação, o atendimento deixou um pouco a desejar.	O lugar era gostoso, era gostoso pelo ambiente lá tudo. Só que as pessoas que arrendaram o local eram um caos. Da parte de hospedagem tudo, essa parte de lazer não tinha muita coisa para você fazer, era mais a piscina ali e um passeio ou outro que você fazia. E nós (Jipe Club de Apucarana) estávamos desenvolvendo essa trilha lá para ver se fazia uma coisa a mais. Agora na parte de infra-estrutura, cama, quarto, tudo muito gostoso, só que tinha um problema, quando enchia de gente, a água era restrita, a caixa não comportava todo mundo, então dava esse problema, se algum hóspede enchia a banheira o outro já ficava sem água. Agora a parte de alimentação deles, quando era do Schindler, que era a dona Suzana que tomava conta lá, que eu fui várias vezes nessa época, ali era muito bom. Depois que ela arrendou, para um pessoal de Maringá, acho que é, aí já não, não era bom. Aí já

3) E de seu atendimento?	Quanto ao atendimento, os funcionários eram muito atenciosos.	Sim, a gente foi muito bem atendido, eles não tinham o preparo específico para estar trabalhando com eventos, com representante, com diretoria porque, na verdade, o hotel estava voltado mais para área de lazer e não para eventos assim de nível empresarial, mas a gente foi muito bem atendido. A gente não teve nenhum problema com eles que pudesse estar desabonando o hotel. A parte de alimentação do evento foi feita tudo lá e as pessoas ficaram satisfeitas porque a cozinha é uma cozinha típica, as comidas eram todas típicas da região. O pessoal se encantou muito com a natureza, com aquilo que a fazenda conservou. Foi uma coisa diferente. O grupo gostou muito. Só recebemos elogios na verdade, tanto pelo trabalho, pelo evento e pela estrutura que o hotel ofereceu.	Num modo geral, nós tivemos uma moça que é a Sandra, que organiza os eventos que nos atendeu super bem. Porém a equipe de apoio dela, que ela tinha um gerente e no caso o pessoal da cozinha é que não estava preparado para o que a gente precisava. A gente notou que a estrutura deles estavam faltando lâmpadas, essas coisas e o pessoal não tinha para repor para a gente na hora, nós ficamos sem água por duas vezes, então, para ser bem sincera... nós ficamos por 4 dias no hotel e tinha gente hospedada, estávamos com 25 pessoas hospedadas no hotel. Nós tivemos churrasco, nós tivemos as reuniões que nós utilizamos a sala de reuniões deles. E faltou de tudo, faltou papel higiênico, faltou luz, faltou água, faltou de tudo. A comida não era boa, deixou muito a desejar. Sabe, fora o churrasco, porque quando fizemos, levamos o churrasqueiro, as carnes, nós fizemos o churrasco. A parte deles foi só os acompanhamentos. Agora, os jantares que eles fizeram e almoço, a comida não estava boa. Era comida caseira, a gente utilizou o que eles tinham. A única coisa que pedimos de diferente foi o sukiaki. O que aconteceu... o sukiaki foi feito conforme nós pedimos, tudo certinho, porém estava programado para às 8 horas da noite, eles deixaram pronto às 7 horas (da noite) e só foram avisar o pessoal 9 e meia (da noite). A hora em que o pessoal foi comer estava tudo gelado, tinha virado um grude, aquela beleza.	estragou Atendimento zero. Só que o atendimento por parte dos funcionários era tranquilo. Era porque tinha uns funcionários lá que eram da época da Suzana, não eram todos do arrendatário.
4) Tinha reserva no hotel para dez/04, jan/05 ou fev/05? Em caso afirmativo: O que lhe disseram para cancelar a reserva?	Não.	A gente tinha feito uma reserva para dezembro, por um problema de data, a gente tinha transferido para janeiro, mas a gente ia fazer os acertos ainda disso ainda quando o hotel foi	Não tínhamos.	Para dezembro foi. Nos mesmos cancelamos, não foram eles.

		vendido e daí a gente acabou optando por não fazer aqui. Nos mesmos cancelamos , porque na verdade eu ia precisar prorrogar essa reserva e como a gente ficou sabendo da venda, achou melhor cancelar.		
5) Tomou conhecimento de que a fazenda seria transformada em um Spa Ecológico? O que acha disso?	Não. Os comentários que iria transformar em Spa eu ouvi dizer sim .	Por comentários, comentários que as pessoas falam, não estáveis. Alguma coisa mais que descaracterizasse a fazenda. Quando foi vendido e eu fiquei sabendo que foi o Ratinho que comprou, eu falei... pronto, área de lazer do Ratinho e ninguém mais vai usufruir . Eu acho uma perda para a região. Era um dos poucos lugares que a gente tinha na região para estar aproveitando, descansando . A gente tem outros hotéis aqui pela região mas não tem a mesma infra-estrutura da fazenda e, depois a própria história da fazenda, que se criou em volta dele é que deixa as pessoas mais à vontade lá.	Fiquei sabendo do boca-a-boca que não ia ser mais fazenda Ubatuba e que ia se transformar num Spa . Eu acho que se houver realmente mudanças, e que quem investiu ali quiser realmente mudar toda a estrutura daquele hotel , não em termos de apartamentos, porque os apartamentos deles são bons, mas no mais, se eles quiserem mudar a estrutura, ali eles têm tudo para um spa, para um relaxamento, é muito gostoso. A natureza ofereceu muitas coisas boas para isso ali. Mas eles têm que mudar muitas coisas, agora para hotel fazenda ali, de fato, estava fraco .	Não . E pelo que a gente está ouvindo agora é tudo boato, a gente não sabe o que é mentira e o que é verdade.
6) Como recebeu essa notícia?	A gente lamentou bastante, porque eles vinham recebendo visitas de... era um turismo internacional que tinha na fazenda. Teve uma ocasião que nós chegamos na fazenda para almoçar num domingo e tinha um grupo de japoneses lá hospedados. Soube também de grupos fechados de alemães que vinham então, a gente lamentou bastante porque na região faz falta .	É uma perda, porque sempre quando acontece uma coisa dessas, a maioria sai perdendo, não é uma coisa que vai ficar para a gente usufruir, a gente não vai poder entrar, não vai poder fazer as trilhas e tal .	Para ser bem sincera, não afetou em praticamente nada porque assim, para eu voltar a utilizar aquele serviço, eles teriam que modificar muita coisa e me provar muito que eles tinham melhorado e que não ia acontecer nada daquilo que aconteceu na nossa convenção. Então, caso contrário, eu jamais voltaria a utilizar os serviços deles .	Sem resposta.
7) Qual sua opinião com relação à atitude do cancelamento das reservas e consequente fechamento do hotel?	Eu não sei como foi a negociação deles com a administração. Eu acho que eles deveriam ter honrado esses compromissos porque as reservas já estavam feitas. Deveriam ter honrado e a partir do período que não tivesse mais, aí sim encerrar as atividades .	Até onde eu fiquei sabendo, era a Sandra que estava cuidando dessa parte de eventos quando eu entrei em contato com ela de novo, as reservas não foram todas canceladas, a maioria dos eventos ela assumiu, não para o hotel, para ela, e daí ela estava pagando um aluguel para o "Ratinho", uma coisa assim, para	Eu acho que se eu tivesse feito a reserva no hotel, no mínimo eu iria pedir para ser ressarcida de alguma forma , porque você se programa todo, está indo viajar, então, no mínimo pediria para ser ressarcida da alguma forma.	Na parte do andamento que estava, eu acho que eles estão mais certos, se for para começar tudo de novo e ter atendimento bom, sim; porque ali muita gente ia era "batata", era intoxicação alimentar . Você chegava lá e marcava uma janta lá tipo num evento que eu participei, estava

		que ela pudesse cumprir com esses compromissos, mas não sei se todos foram assim. Quanto ao cancelamento das reservas para hospedagem, eu não acho que isso foi ético, porque se existiam reservas, eles deveriam ter cumprido, não se fazer mais a partir da data que ele adquiriu o hotel, mas eu acho que deveriam ter sido cumpridos os compromissos. Eu acho que ele deveria ter preservado o hotel até que se regularizasse essa situação, porque é de constrangimento maior você ter uma reserva para um lugar que você quer ir descansar e daí as pessoas simplesmente cancelam sua reserva, é complicado.		marcada para 9 horas a janta, você chegava lá e eles preparavam a janta e deixavam já 7 e meia já pronta, tudo em cima do balcão, e a hora que você ia chegar para jantar, estava tudo frio já. Então isso não é comida. Fazer tutu de feijão, fazer aquele monte de coisa, aquela variedade de comida, então sabe, então estava assim. Onde eram colocados os tipos das comidas, as panelas, o jeito que eram utilizados, então estava um caos. Então você já pegava o ferro, chegava a ter cor a comida, então, a estrutura deles estava muito ruim, o pessoal que estava arrendando. Então, acho que de ter fechado, parado as atividades, estava mais que certo, porque senão quem ia acabar dançando é o novo proprietário.
8) O que mais gostava na fazenda?	A história da fazenda, é um lugar lindo e para nossa região tem toda uma história de vida, de cafeicultura, tem toda uma história por trás disso, várias famílias que moraram lá, a história dos donos mesmo... Aquele passeio pela parte das casas, casas dos peões, o passeio de carroça, a cavalo... aquilo os meus filhos adoravam... é parte da história de Apucarana.	Eu não tive a oportunidade de conhecer todos os ambientes da fazenda, mas eu gostava muito da cozinha, eu acho que a comida caseira, mais típica, que lembrava mesmo um ambiente de fazenda, deixava a gente bem à vontade. Todo o ambiente da fazenda era ótimo, os quartos, as suítes que a gente visitou, que tive oportunidade de conhecer. Não tive oportunidade de conhecer as trilhas e cachoeiras, mas tenho fotos que meu filho foi e é tudo muito bonito.	Atendimento eu não posso dizer nada de bom não. Eu acho que os quartos, os apartamentos eram bons, a vista era muito bonita. Sabe, o restaurante que eles têm ali é bem bonitinho, mas algumas coisas ali estavam muito feias. Eles me disseram que iam passar por reforma. Um exemplo, a sala de karaokê deles é horrorosa, a sala de ginástica, você entrava lá, uma salinha super pequenininha, com três/quatro aparelhos, tudo quebrado. Na sala de karaokê tinha um sofá velho, goteirou, choveu na cabeça de todo mundo, "foi uma beleza". Como na verdade não foi uma convenção e sim mais uma confraternização, o pessoal veio para brincar, então a gente levou na esportiva. Agora se tivesse sido um evento que nós tivéssemos que contar com essas dependências, Deus me livre, aí não serviria e como de fato, aquilo que já te disse, se eu tivesse que utilizar novamente,	Para nós, lá eram mais os passeios no meio do mato. A parte ecológica, contanto que estávamos abrindo a mata, para poder fazer, onde era permitido ali tudo e depois, o rapaz (entenda-se o arrendatário) chegou e sem mais, sem menos, chegou e fechou as portas para nós. Achamos estranha a atitude que tiveram com o Jipe Club de Apucarana, que é um pessoal que trabalha e ajuda a todo mundo. Isso pra nós foi uma... já perdeu a graça, ali já acabou, para eu falar mal da fazenda, dos proprietários do hotel eram dois tapas. O que eles fizeram conosco não foi certo não. Foi bom ter fechado lá. Ia acabar estragando o nome. Porque se fosse para manter a estrutura que tinham, não chegaria aos 15 anos de arrendamento não, ia acabar em lixo aquilo lá. E não foi feito nenhum contato com o novo

			não; e também não indicaria. Indicaria a hospedagem se a pessoa não se importasse muito com o que ia encontrar por lá, agora se ele fosse dar importância às instalações, pelo preço da diária cobrada, as instalações do hotel não condizem de forma alguma.	proprietário para tentar estar tentando retomar os trabalhos na mata? Até agora nós estamos tentando fazer mas não conseguimos, nem chegamos a conversar com ele.
9) Segundo informações do grupo Massa, a fazenda não mais irá trabalhar com turismo. Deverá ser transformada em uma Universidade do Café. O que pensa a respeito dessa mudança?	Não... se ele for fazer alguma coisa produtiva com o lugar, e estar ativando isso de uma forma produtiva, eu acho interessante também, eu gosto da idéia.	Eu não acho que com a Universidade do Café vai fazer tanta diferença aqui para a região. Eu acho que a gente deveria investir no turismo enquanto ele está crescendo, ele (o turismo) vai valorizar a região para outras coisas, outros pontos econômicos. Eu não vejo isso assim, eu não conheço o projeto, mas não vejo isso como um ponto tão positivo assim. Eu acho que na verdade ele visa mais a lucratividade dele. Essa universidade só vai beneficiar a ele e algumas pessoas que querem estar trabalhando na área, alguma coisa assim, mas eu não acho que seja um ponto forte para a região. Ele está visando exclusivamente o lucro dele.	Na verdade é uma aquisição dele que ele vai ver o que vai querer fazer com aquilo.	Tem a estrutura pronta da fazenda. Eu acho que ele não devia deixar, se ele não quer fazer a parte da hospedagem, mas se ele deixar a parte de turismo, para poder fazer os passeios porque tem muita cachoeira bonita lá... e de repente fazer uma estrutura para liberar para fazer um churrasquinho, uma coisa, um passeio, andar no meio da mata, eu acho que isso não devia morrer não. Que isso ali acho que é o principal da fazenda e atrairia visitantes porque, quantos anos tem essa fazenda... quanto tempo teve de visitação ali já... mesmo antes do hotel, todo mundo freqüentava lá (a fazenda).
10) Acredita que essa atitude acarretará alguma espécie de turbulência na população local, uma vez que a fazenda, segundo informações veiculadas na mídia, iria ser transformada em Spa Ecológico?	Sem resposta.	Para as pessoas que estavam ligadas diretamente ao hotel fazenda, aquilo que ele estava planejando oferecer, eu acho que sim. Na convenção, quando a gente teve a oportunidade de ficar bem próximo do Eduardo, ele tinha um projeto muito grande para aquele hotel. Então, a gente conheceu o projeto dele. Ele tinha uma infraestrutura para estar investindo no turismo e, quando a gente fez a reserva para a segunda convenção, ele já tinha outro projeto sabe, uma coisa bem específica e que não ira ferir a característica da fazenda	Sem resposta.	Eu acho que não. Se transformar numa Universidade, vai continuar da mesma forma. Vai fazer compra do mesmo jeito, vai ter uma lanchonete ali e pelo tanto que utilizavam aquilo lá (a fazenda), acho que não vai... acho que não interfere em nada não, só não sei se seria isso o viável hoje para Apucarana né, essa Universidade do Café aí. Não sei se seria essa a necessidade... quem trabalha com café está de cabelo branco, quem já não morreu enfartado, está com derrame... eu não sei se isso é hoje o que tem que ser feito lá hoje... Eu acho que se ele não quiser ter o trabalho da hospedagem, que faça

				visitação, abra uma ala para visitação, faça um museu da história da fazenda, da terra, tudo... Agora, desligar aquilo lá, acho errado.
11) Sabe dizer se, de alguma forma, a população da região da fazenda e de Apucarana ganhou ou perdeu com a venda da propriedade? Por quê?	Com certeza, a expectativa do hotel fazenda era muito grande, de toda a região e isso acarretou várias mudanças na vida de todo mundo. A expectativa de todo mundo era muito grande, dos funcionários principalmente, porque eles se dedicaram muito, a gente percebe isso, estavam depositando todas as esperanças naquilo ali. Mas se ele vai fazer essa Universidade, acho que ele vai gerar emprego. Eles foram radicais, é um impacto para a comunidade.	Eu acho que o hotel vai fazer muita falta, o hotel fazenda como uma fonte de turismo. Até como fonte econômica porque se tinha eventos de outras empresas, de outras cidades que vinham para cá. A região perde. Senão tudo acaba virando negócios, tudo virando negócios para grupos fechados e as pessoas não têm onde se divertir, onde aprender... Eu acho que ele tinha toda a infra-estrutura para estar atendendo, o conforto, o ambiente diferenciado. Eu fiquei muito magoada com o fechamento do hotel.	Eu acho que Apucarana perde um pouco, nós perdemos um pouco porque é um lugar que às vezes eu ia com a minha família para passear ali um pouquinho, só para ver um pouco de verde, porque aqui a gente não tem essa opção. Então a gente perde nesse sentido. No entanto, eu acho que por ela ser uma propriedade privada, se for adquirido por outro, cada um faça aquilo que achar melhor e infelizmente, eu acho que o governo, prefeitura é que tem que se preocupar em oferecer alguma outra coisa para o apucaranesense ou para a região além daquilo. Apucarana sempre perdeu muito e vai continuar perdendo. Nós temos Arapongas que está aqui tão próximo e está ganhando sempre e vai continuar.	O que a gente conhece lá, a fazenda, o cemitério... é um marco da cidade que não deve acabar. Tinha um bom relacionamento com os ex-proprietários da fazenda.

Apêndice K: Quadro de análise das entrevistas realizadas com os ex-funcionários do Hotel Fazenda Ubatuba

Perguntas	Inês	Consuelo	Sandra
1) Qual a sua opinião sobre a venda do hotel e das mudanças que serão feitas?	Não tenho nenhuma resposta para te dar, porque eu não sei o que vai ser feito. Não sei se foi uma coisa benéfica ou não porque ali gerava emprego, e os funcionários que ali trabalhavam ficaram desempregados. No início foi um choque, pois eu gostava muito do meu trabalho, do lugar, é um trabalho que sempre gostei de fazer. Nós somos simples mas tudo que fazemos, fazemos com muita boa vontade. Eles elogiavam muito a gente, pela nossa humildade. Nós ficamos bastante chocados mas hoje, graças a Deus, estamos bem. Meu marido está empregado e eu também não fico parada, pois o que eu faço sempre tem procura. Fui chamada para trabalhar no Hotel Lago das Pedras, mas não peguei lá porque é muito fora de mão para mim e não tenho meio de transporte.	Sou funcionário desde 1973. A fazenda Ubatuba foi a segunda fazenda produtora de café até 1993, em 1994 sofreu uma geada e resolveu arrancar todo o café, pois já estava na 3ª geração e viram que estava dando muito gasto e resolveram cultivar apenas a lavoura branca. O Sr. Roberto resolveu só cultivar a lavoura branca assim não precisava de tantos funcionários, foi assim uns 2 a 3 anos depois resolveu investir em turismo. Ai, ele conheceu o Sr. Eduardo; ele visitou a fazenda e achou a fazenda modelo do Brasil e a 2ª fazenda produtora de café do país, então tinha muita história, assim arrendou por 15 anos, reformou a sede e as casas que pertencem à sede sendo a primeira etapa, e a segunda etapa foram as casas da colônia. Essa foi a primeira fase ou reforma, pois havia muito gasto, então foi devagar, o desejo dele foi fazer tudo, assim passou 1 ano. O proprietário resolveu vender a fazenda para o Ratinho - o Carlos Massa - que achou o local ótimo. Essa venda vai melhorar pois segundo que eu fiquei sabendo que o Ratinho vai reformar a fazenda, vai plantar 20 alqueires de café, esse é o comentário.	Para o dono da fazenda foi boa, porque ele estava endividado. Agora eu creio que para a região e para os funcionários não foi muito bom, você entendeu? Principalmente para a região, porque nós recebíamos muita gente de fora e não era gente da região, eram de São Paulo, Curitiba, tínhamos contrato com a Renault, Volks-Audi, com empresas grandes de São Paulo, com a Avon; eles vinham para cá fazer treinamento, então com isso, divulgava a nossa região, principalmente Apucarana.
2) Você sabia que o hotel ia ser vendido ou foi uma surpresa? Quando ficou sabendo da venda de parte da propriedade da fazenda, incluindo o Hotel?	Foi surpresa, pois ninguém sabia. O proprietário Sr. Eduardo fez uma reunião conosco e explicou que havia vendido contra sua vontade mas que era para facilitar a situação.	Sabíamos que a fazenda, mas o hotel não, só as terras mas depois chegou até o hotel aí o Sr. Eduardo fez o acerto com todos os funcionários.	Não. Foi uma surpresa para todo mundo. Nós ficamos sabendo que a propriedade estava sendo vendida, mas nós não imaginávamos que ia ser fechado o hotel porque como tinha um contrato de arrendamento durante 10 anos, então nós imaginávamos, eu principalmente, junto com o dono que estava arrendando, o Eduardo, que a pessoa que estava comprando poderia arrendar para nós da mesma forma, você entendeu... então a nossa confiança estava aí, que o arrendamento continuasse, porque nós tínhamos um contrato de 10 anos. Só que a pessoa que comprou, pegou o contrato de arrendamento, colocou na mão de cinco advogados e esses advogados fizeram um estudo em cima desse contrato e descobriram alguns erros nesse contrato e foi aí que eles pegaram para retirar o hotel da mão da pessoa que estava arrendando.
3) O que foi dito aos funcionários sobre o encerramento das atividades do hotel?	Ele achou que ia continuar, pois assim iria gerar mais empregos, mas que o projeto era de construir um Spa.	Sim, que o hotel vai ser fechado e não sei o que vai ser feito. Vão fazer uma área particular de lazer ou vão fazer uma área agrícola ou turismo, pois a fazenda foi a segunda fazenda produtora de café então muitas pessoas têm curiosidade de visitar, pois é uma fazenda modelo, tinha cinema, farmácia, consultório dentário, posto de gasolina.	Não. Não foi dito. A pessoa que comprou a princípio disse que ia continuar o hotel e disse para todos os funcionários que ninguém ia ser desempregado, então até aí eu fiquei bem despreocupada porque eu não queria que eles fossem embora, porque aquilo lá fazia parte da vida deles (dos demais funcionários), era o único ganha-pão que eles tinham na realidade. Eu não me preocupava comigo, porque eu tenho a minha vida, eu estava preocupada com as pessoas ali dentro, com os cargos menores. E ele prometeu que as pessoas iam ter o emprego delas normalmente e foi até comentado comigo, perante o Eduardo que era o arrendatário. Uma semana depois é que nós viemos saber que ninguém ia ficar e, não pela boca da mesma pessoa que falou, pela boca de terceiros.
4) Como ficou sua	O Sr. Eduardo fez uma reunião	Eu fiquei, foi feito o acerto comigo, e	A condição trabalhista, o Eduardo

situação trabalhista?	com a equipe inteira, fez o acordo com todos e nos colocou a par do que estava acontecendo, nós entendemos. Mas trabalhamos para o Ratinho mais 19 dias em eventos que ele proporcionou na fazenda. Paramos no dia 17/12, mas continuamos prestando serviços para o Ratinho que deu um jantar para uma Empresa de Cambira onde eu trabalhei de chefe de cozinha, também trabalhei em um casamento onde o noivo era da Grécia.	hoje estou trabalhando por dia.	acertou com todo mundo. Porque o Eduardo, que era o arrendatário da fazenda é uma pessoa corretíssima, maravilhosa, ela fez tudo conforme a lei. Todo mundo, o Eduardo agiu corretamente com todo mundo.
5) Pretende tentar trabalhar no novo empreendimento?	Não sei se esta a minha altura. O Ratinho me falou que não iria deixar ninguém desempregado era só ter paciência, como terminou o nosso tempo agora não sei qual vai ser a resposta dele. As camareiras são pessoas de confiança dele. Não sei se vão me contratar novamente	Sim, e falam que vão me contratar.	Os demais funcionários sim acreditavam que iam continuar trabalhando lá. Mais eu não "botava" muita fé não.
6) O que acha dessa atitude de suspender as atividades do hotel?	Nós tínhamos preenchido para janeiro, fevereiro, março e até maio. Eu acredito que o meu patrão não teve alternativa, pois o seu sócio já havia vendido e se ele voltasse atrás iria criar atrito não ia ficar uma coisa legal pois o Sr. Eduardo é uma pessoa íntegra.	Foi ruim para as pessoas que tinham reservas, mas devolveram o dinheiro, depositando o dinheiro na conta dos mesmos (turistas).	Para mim foi o maior "auê". Nossa, minha vida... tanto é que eu estou com problemas até hoje... casamento que estava para ser lá que aconteceu agora em maio, entendeu, de um pessoal que vem da Itália, que queria casar lá na capela... me rendeu muita dor de cabeça, sabe, eu ouvi coisa como eu nunca ouvi na minha vida. Trabalho há 20 anos com hotelaria e eu ouvi e vi coisa que nunca tinha visto na minha vida.
7) Na sua opinião, como os que haviam feito reserva se sentiram? Acha que foi certo?	Eu não tenho conhecimento, isso só o pessoal da recepção, mas as pessoas que lá estavam hospedadas pediam para que não fechasse, nós já íamos avisando essas pessoas que estavam lá hospedadas. Eles viam a equipe do Ratinho lá e pediam para que continuasse e principalmente a refeição pois era muito elogiada.	Teria que ter cancelado e fechado logo que ele comprou pois é direito dele.	Lesados. O que a gente tinha que dizer... o hotel foi vendido e a pessoa simplesmente resolveu fechar. Eles (o grupo Massa) sabiam que o hotel tinha reservas e não se preocuparam não. Não sei, eu acho que... olha, não sei nem o que te dizer, ficou uma coisa chata, mas tudo em, passou... e está quase terminando, a única coisa que ainda tem é esse casamento e é o ultimo caso e eu não vejo a hora de terminar tudo isso porque quem mais saiu lesada nisso tudo fui eu.
8) Qual é a sua atividade agora?	Não, minha única fonte de renda era ali, mas graças a Deus meu esposo conseguiu emprego no posto Catarina.	Continuo fazendo o que fazia antes. (jardineiro)	Sou gerente de marketing do Hotel de Lazer Lago das Pedras. Também dou treinamento em faculdades e presto assessoria a uma rede em Salvador onde divulgo os hotéis (03 hotéis) na Europa e Estado Unidos.
9) Como a mudança influenciou a sua vida? Melhorou, piorou, por quê? Essa saída do emprego na fazenda influenciou em sua vida para melhor ou para pior?	No início fiquei perdida, pois eu e meu esposo trabalhávamos lá, era nossa única fonte de renda.	Sim, pois gosto do que faço, cresci aqui, sempre trabalhei aqui, pra mim mudou para melhor.	Na minha vida profissional em si não mexeu tanto, mais mexeu com o meu caráter, com a minha índole, porque eu fiquei muito chateada em ter que falar para as pessoas que elas tinham que cancelar sabe. Cancelar reserva, passar para outros hotéis as reservas. Esse casamento mesmo de maio, o casal joga na minha cara que eu que sou culpada. Eu me sinto muito mal como pessoa, muito mal mesmo. Até hoje eu me sinto machucada por essas pessoas. As pessoas que já tinham dado a entrada de 30%, o Eduardo voltou o dinheiro para todo mundo e nós encaminhamos para outro hotel. Quando a fazenda parou (17/12/2004) eu ainda fiquei parada em dezembro, por causa do natal e ano novo e em janeiro, eu estive em São Paulo no escritório do "Ratinho", conversando com eles lá sobre a abertura do hotel, foi aí que falaram que não iam abrir. Eu me propus, eu arrendar o hotel e colocar tudo no meu nome e eles ficaram de

			estudar mas não aceitaram. Porque o que eu queria era dar emprego para o povo e honrar com os compromissos assumidos porque o hotel estava lotado para dezembro/04, janeiro, fevereiro, março, abril e maio. Daí então foi que eu pedi para que eu pudesse honrar com pelo menos dois compromissos que seriam o casamento de uma moça que aconteceria no dia 08/01/2005, uma sueca, que não tinha como cancelar o casamento dela, porque ela já estava no Brasil uma semana antes do casamento, então não tinha como cancelar e um evento da Aramóveis (feira de móveis de Arapongas – PR) porque estava tudo lotado e, fevereiro e eu não tinha onde colocar todo esse pessoal. Eles cobraram de mim um aluguel para eu poder estar colocando o pessoal da Aramóveis lá. Eu paguei um aluguel para eles, o Eduardo já não tinha mais nada a ver, o meu negócio foi todinho com a equipe do grupo Massa. Eu levei os funcionários antigos para dar suporte, eu pagava por dia – diárias – então todo mundo ganhou dinheiro. O meu negócio era fazer com que eles ganhassem dinheiro e eles foram, trabalharam direitinho, honestamente e ganharam seu dinheirinho. Agora eu só carrego essa cruz desse casamento de maio.
10) E com relação ao resto da população aqui do local, você acha que a comunidade local ganhou ou perdeu com a venda da fazenda? Por quê?	Se for uma geração de emprego é lucrativo para a região toda e para toda a comunidade. É o meu ponto de vista. Eu não condeno ninguém, pois a propriedade é dele e ele deve fazer o que ele quiser. Ali é um lugar muito lindo, não pode ficar parado. Se fizer um investimento vai gerar emprego, vai ser bom para a comunidade. Eu acho que não, a única diferença no meu ponto de vista é que se fizesse ali um ambiente de trabalho iria gerar emprego em benefícios financeiros. Não prejudica, mais deixa de ajudar a comunidade a se beneficiar.	Eles achavam que ia ser bom pois ia abrir mais fonte de empregos.	Eles perderam. Principalmente ali em Pirapó. Porque todo mundo que vinha para o hotel, vinha para Pirapó, Apucarana também perdeu muito, porque a gente recebia muita gente, o hotel vivia lotado, então o que o pessoal fazia, chegava no sábado de manhã, o pessoal vinha para o shopping em Apucarana, fazer compras.... porque a gente passava para eles. Tinha grupo de fora que a gente mandava vir à noite para Apucarana, freqüentavam boate, barzinhos, restaurantes de Apucarana, fazer alguma coisa em Apucarana. Pirapó perdeu mais ainda... perdeu porque o hotel comprava muito em Pirapó, tanto que o dono do supermercado disse que tinha perdido seu maior cliente; o Pirapó todo perdeu seu maior cliente. Nós valorizamos a região. Perdeu também porque os hóspedes iam para o Pirapó para comprar um bronzeador, um repelente, um biquíni, ou alguma coisa assim. Então a região perdeu muito porque a gente fazia rodar muita coisa ali.
11) Como você acha que a mudança deveria ter sido feita? Haveria uma maneira melhor? Poderia ser pior? O que acha?	Meu ponto de vista, a partir do momento em que eles compraram, tinha que entregar. Sabe, porque fica uma situação indelicada se você é dono, você tem por direito de ficar e se aposar, ainda mais porque ele tinha que pôr gente dele ali, como ele pôs. Quanto aos turistas, teve gente que ficou descontente. Se for olhando o lado dos hóspedes, seria quase justo atender às reservas, mas olhando o outro lado, não seria muito legal, criaria uma situação constrangedora, difícil para se lidar, pois o dono já não era mais o mesmo e os funcionários sabiam que tudo estava acabando, que já estariam praticamente desempregados e isso é muito triste. O serviço deles, na cozinha, não era baseado nas teorias, mais sim na prática, pela experiência. Fiz um curso do Sebrae para aperfeiçoamento.	A mudança foi para melhor.	Eu creio que precisava ser um pouco mais lenta, que podia ter sido mais pensado, sem prejudicar ninguém. Se fossem mais espertos, poderiam até continuar ganhando dinheiro porque a fazenda em si estava parada. Quem movia a fazenda era o hotel. O antigo proprietário da fazenda vivia do arrendamento do hotel e não da fazenda, porque a fazenda em si estava morta. Em dezembro quando conversei com o grupo Carlos Massa e perguntei se eu podia manter as reservas que o hotel tinha e o próprio presidente do grupo disse que sim, que eu poderia manter as reservas que o hotel não ia ser fechado e podia até fazer mais. Só que eu não senti firmeza e então eu procurei já ajeitar as coisas da melhor maneira possível, ir ligando para as pessoas e conversando de uma forma muito educada e passando o dinheiro para elas se elas não quisessem a recolocação em outro hotel, então o dinheiro que elas já tinham dado de entrada, a gente repassava para o hotel e se elas não quisessem esse hotel, a

			gente devolvia o dinheiro. Eu tive dois casos que queriam nos levar para o PROCON, de Lua-de-mel. E é lógico porque a pessoa idealiza tudo e a pessoa ficou revoltada. Foram dois casos, uma de Londrina e uma de Mandaguari e eu até tive que ser um pouco bruta com a de Mandaguari porque eu não tive como porque, o que eu posso fazer, não sou a dona, era apenas empregada.
Observações	Passaram para mim que eles vão fazer o Spa e outros disseram que no momento vai ficar área privada, mas eu não tive a liberdade de sentar com o Ratinho e perguntar e também não fiz questão de ter pois, apesar de ser simples, a gente sabe entender que ele tem o direito de fazer com a propriedade o que quiser. Peço a Deus que, com o poder financeiro que o grupo do Ratinho tem, eles pudessem investir na propriedade para gerar emprego, pois todos que lá trabalhavam tinham família para sustentar e ficar sem emprego é realmente algo muito triste para uma família. Se for verdade tudo o que o Ratinho fala na televisão, quanto a ajudar aos pobres, ele irá ajudar a comunidade. Eu acredito que o hotel do jeito que estava não estava a altura do Ratinho porque o nível ainda era baixo, precisando de reformas, apesar de ser um local lindo e agradável e, dependendo do público que um hotel do porte social do Ratinho, o nível deveria ser mais elevado.		

Apêndice L: Quadro de análise das entrevistas realizadas com a comunidade local

Pergunta	Elvira Fernandes Broening (Proprietária Planeta Café Petiscaria)	Paulo Cezar Ribeiro (Balconista Farmácia Pirapó)	Ivonete C. Avanci de Melo (Proprietária Supermercado Melo)
1) Conhecia o Hotel Fazenda Ubatuba?	Conhecia.	Conhecia.	Sim. Fomos várias vezes lá fazer refeições, nunca hospedagem, mas conhecíamos toda a estrutura do hotel.
2) De alguma forma, era beneficiado pela existência do empreendimento? Como?	Era, porque atraía muito turista aqui para nós e eu tenho outro comércio aqui também e ajudou muito para a gente. Os turistas vinham à noite aqui na lanchonete e eu tenho uma loja de confecções, que sempre eles vinham comprar roupas de banho e outras coisas mais. Para nós era bem interessante a existência do hotel.	Para o comércio era bom, tinha bastante gente de fora.	Sim. Porque eles sempre vinham fazer as compras no nosso estabelecimento e, assim, contribuíam para o nosso crescimento também.
3) Teve conhecimento da venda da Fazenda Ubatuba, incluindo o hotel? Como?	Tive, através do Ratinho mesmo que frequenta a nossa lanchonete e ele mesmo disse que tinha comprado a fazenda.	Sim, quando o Ratinho comprou, foi comprado tudo, a sede e a fazenda toda. A notícia correu e todo mundo ficou sabendo, o famoso boca-a-boca.	Nós ficamos sabendo através dos próprios funcionários que trabalhavam e conversando com eles, eles falaram da venda.
4) Teve conhecimento da idéia do comprador em transformar o Hotel Fazenda em Spa Ecológico? De que forma ficou sabendo?	Tive, através do Ratinho também. Também conversando com ele, ele tinha a idéia mas não era uma idéia fixa, era um projeto que ele ainda ia averiguar se daria certo ou não.	Eu ouvi comentários. Até ele mesmo (o Ratinho) veio aqui na farmácia e falava que a vontade dele para 2006/2007 era fazer isso, transformar num spa, num lugar de lazer.	Quanto a isso, eu só li uma reportagem no jornal, nada mais profundo.
5) O que achou da idéia?	Eu achei ótima a idéia de um Spa e aqui na nossa região não tem e, vindo dele (do Ratinho) eu acho que seria uma coisa muito boa, para nós aqui e para a região, eu acho que seria ótimo.	O lugar lá é bom, né, é um lugar bonito. O spa atrairia até mais que um hotel fazenda.	Eu achei muito bom pelo nosso distrito ser uma cidade pequena e isso ia fortalecer um pouquinho mais.
6) E do cancelamento das atividades do hotel, tomou conhecimento?	Eu fiquei triste porque eu acho que era um empreendimento que estava indo muito bem aqui, porque, como eu disse, atraía turistas para nós e pessoas com classe e nível mais alto, então, para nós o que precisamos é de gente, povo que venha de fora, porque nosso movimento aqui é pouco, porque a cidade (distrito) é pequena.	Quando ele comprou, ele falou que iam parar esse ano. Ele mesmo falou o dia que ele veio aqui. Que ele comprou e ia parar com o hotel e só mais para frente ia mexer de novo, ele já tinha comentado.	Sim, através dos próprios funcionários que também eram nossos clientes, comunicaram a atitude de fechamento do hotel.
7) Essa atitude o prejudicou de alguma forma? Como?	Um pouco sim porque essas pessoas que vinham, que se hospedavam aí, já não vêm mais, não passam mais por aqui. Para nós assim ficou meio decadente.	Não, prejudicar não, só esperávamos que fosse continuar.	Sim, prejudicou porque gerava muito emprego e a maioria dos funcionários eram nossos clientes.
8) Na sua opinião, essa mudança e fechamento do hotel prejudicaram a comunidade local de alguma forma? Como?	Não, prejudicar não. Acredito que os que ficaram menos beneficiados fomos nós os comerciantes, porque para nós gerava lucro. E não falando dos funcionários que ficaram desempregados, pessoas que necessitavam muito do trabalho. Mais eu acredito que ele (o Ratinho) tem umas idéias novas e que vai gerar muito emprego aqui.	Na parte dos funcionários que perderem o emprego porque usavam o comércio e então acabamos perdendo bastante.	Foi como eu disse, estavam gerando vários empregos e de repente fechou, todo mundo saiu e ficou difícil para esse pessoal que estava trabalhando lá e para o comércio também porque também era beneficiado com o hotel.
Observações:	Foi um impacto, uma coisa que ninguém esperava. De repente		Eu acho que o Ratinho deve ter os motivos dele para ter tomado essa

	o pessoal ficou triste, desempregado. Mas ele tem muitos projetos e acredito que vai gerar muito emprego por aqui, as pessoas têm que aguardar.		decisão, inclusive, segundo a idéia dele de trabalhar com café novamente, vai ser melhor ainda para a comunidade do que o hotel fazenda. O que será muito bom para toda a região.
--	--	--	--

Apêndice M: Autorizações dos entrevistados para publicação

Autorização para Publicação

Eu, Isoneide Cristiana Azeiteiro de Melo, autorizo a publicação da entrevista concedida para a mestranda em Hospitalidade na Universidade Anhembimorumbi, Rosislene de Fátima Fontana, em 30 de abril de 2005.

O assunto tratado na entrevista é relacionado com a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida contemplando a Hospitalidade e o Turismo no Espaço Rural Brasileiro.



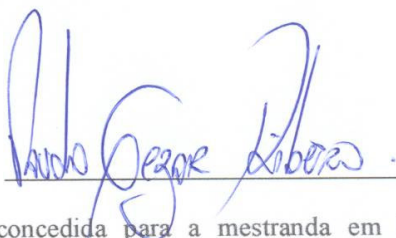
Autorização para Publicação

Eu, Elvira Fernandes Braving, autorizo a publicação da entrevista concedida para a mestranda em Hospitalidade na Universidade Anhembi Morumbi, Rosislene de Fátima Fontana, em 30 de abril de 2005.

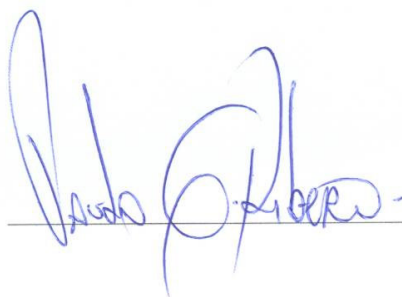
O assunto tratado na entrevista é relacionado com a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida contemplando a Hospitalidade e o Turismo no Espaço Rural Brasileiro.

Elvira Fernandes Braving

Autorização para Publicação

Eu,  _____, autorizo a publicação da entrevista concedida para a mestranda em Hospitalidade na Universidade Anhembi Morumbi, Rosislene de Fátima Fontana, em 30 de abril de 2005.

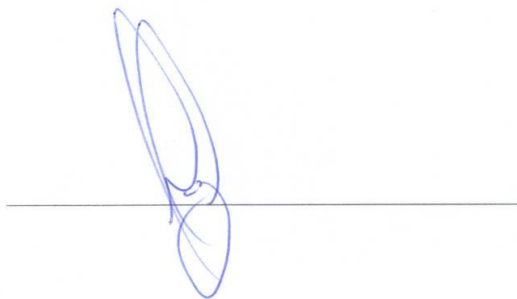
O assunto tratado na entrevista é relacionado com a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida contemplando a Hospitalidade e o Turismo no Espaço Rural Brasileiro.

 _____

Autorização para Publicação

Eu, Marcos Adriano A. Perez, autorizo a publicação da entrevista concedida para a mestranda em Hospitalidade na Universidade Anhembi Morumbi, Rosislene de Fátima Fontana, em 13 de março de 2005.

O assunto tratado na entrevista é relacionado com a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida contemplando a Hospitalidade e o Turismo no Espaço Rural Brasileiro.



Autorização para Publicação

Eu, Daniela Moura G. de Sousa, autorizo a publicação da entrevista concedida para a mestranda em Hospitalidade na Universidade Anhembimorumbi, Rosislene de Fátima Fontana, em 14 de abril de 2005.

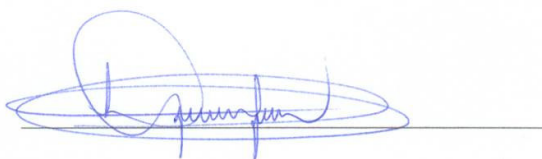
O assunto tratado na entrevista é relacionado com a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida contemplando a Hospitalidade e o Turismo no Espaço Rural Brasileiro.

Paimburg

Autorização para Publicação

Eu, Lilian Carla Garcia, autorizo a publicação da entrevista concedida para a mestranda em Hospitalidade na Universidade Anhembi Morumbi, Rosislene de Fátima Fontana, em 14 de abril de 2005.

O assunto tratado na entrevista é relacionado com a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida contemplando a Hospitalidade e o Turismo no Espaço Rural Brasileiro.

A handwritten signature in blue ink, consisting of a large, stylized 'L' followed by a series of loops and a final vertical stroke, positioned above a horizontal line.

Autorização para Publicação

Eu, Marcia Regina Batista, autorizo a publicação da entrevista concedida para a mestranda em Hospitalidade na Universidade Anhembimorumbi, Rosislene de Fátima Fontana, em 14 de abril de 2005.

O assunto tratado na entrevista é relacionado com a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida contemplando a Hospitalidade e o Turismo no Espaço Rural Brasileiro.

Marcia Regina Batista

Autorização para Publicação

Eu, Sandra Bulli, autorizo a publicação da entrevista concedida para a mestranda em Hospitalidade na Universidade Anhembimorumbi, Rosislene de Fátima Fontana, em 30 de abril de 2005.

O assunto tratado na entrevista é relacionado com a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida contemplando a Hospitalidade e o Turismo no Espaço Rural Brasileiro.

Sandra Bulli

Autorização para Publicação

Eu, Ines Pinati Kuhn, autorizo a publicação da entrevista concedida para a mestranda em Hospitalidade na Universidade Anhembimorumbi, Rosislene de Fátima Fontana, em 09 de fevereiro de 2005.

O assunto tratado na entrevista é relacionado com a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida contemplando a Hospitalidade e o Turismo no Espaço Rural Brasileiro.

Ines Pinati Kuhn.

Autorização para Publicação

Eu, Consuelo Alves, autorizo a publicação da entrevista concedida para a mestranda em Hospitalidade na Universidade Anhembimorumbi, Rosislene de Fátima Fontana, em 09 de fevereiro de 2005.

O assunto tratado na entrevista é relacionado com a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida contemplando a Hospitalidade e o Turismo no Espaço Rural Brasileiro.

Consuelo Als

Autorização para Publicação

Eu, ARLINDO CAMINI JUNIOR, autorizo a publicação da entrevista concedida para a mestranda em Hospitalidade na Universidade Anhembimorumbi, Rosislene de Fátima Fontana, em 26 de março de 2005.

O assunto tratado na entrevista é relacionado com a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida contemplando a Hospitalidade e o Turismo no Espaço Rural Brasileiro.



Autorização para Publicação

Eu, Eduardo Emerich, autorizo a publicação da entrevista concedida para a mestranda em Hospitalidade na Universidade Anhembi Morumbi, Rosislene de Fátima Fontana, em 28 de fevereiro de 2005.

O assunto tratado na entrevista é relacionado com a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida contemplando a Hospitalidade e o Turismo no Espaço Rural Brasileiro.



Autorização para Publicação

Eu, Suzana Helena Schindler, autorizo a publicação da entrevista concedida para a mestranda em Hospitalidade na Universidade Anhembi Morumbi, Rosislene de Fátima Fontana, em 11 de fevereiro de 2005.

O assunto tratado na entrevista é relacionado com a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida contemplando a Hospitalidade e o Turismo no Espaço Rural Brasileiro.

Suzana Schindler

Anexo A: Mídia incentiva turismo rural



Turismo Rural: Um Bom Negócio para Todos

O Presidente do Conselho Regional do Senac, empresário Frederico Wiltemburg abriu o evento relatando a importância na formação profissional em Turismo e Hotelaria. "Numa fase em que emprego se torna difícil, mas crescem as oportunidades de trabalho, de gerar renda e multiplicá-la, é muito positivo assistirmos um encontro como este. O Senac desde o início se empenhou e buscou parceiros para poder levar até os proprietários e empreendedores da área de Turismo Rural, novas propostas e alternativas para transformar a atividade turística num grande front de riquezas, de trabalho e de desenvolvimento", explica Frederico.

Jacarezinho foi escolhida em 2003 para sediar o encontro por causa dos atrativos turísticos da cidade como o Morro do Cruzeiro, os Parques Municipais e rios, ou ainda os maravilhosos afrescos de Sigaud, na Catedral Diocesana, a arquitetura local e por oportunizar a participação de proprietários e empreendedores do Turismo Rural da região.

Segundo o Prefeito Municipal, José Antônio de Oliveira, o

evento foi de grande importância para o município, pois oportuniza negócios e auxilia o desenvolvimento local. "O mais importante é a oportunidade de levar até os empresários e profissionais da região, novas alternativas para a geração de renda e empregos", afirma o prefeito.



Presidente do Conselho Regional do Senac, Frederico Wiltemburg, na abertura do evento.

II Encontro Estadual de Turismo e Hotelaria

Cerca de 300 pessoas participaram do II Encontro Turismo e Hotelaria Qualidade no Espaço Rural promovido pelo Senac Paraná na sua Unidade, em Jacarezinho, no último dia 15.

O evento contou com a presença de diversas autoridades, entre elas o Deputado Estadual Luiz Carlos Martins que, na ocasião, rati-

ficou a importância do Sistema "S", formado por entidades que prestam serviço social e de aprendizado ao trabalhador como Senac, Sesc, Sesi e Senai. Segundo o Deputado, os "Ss" vêm prestando um serviço louvável à população durante toda a sua história. Após, falou sobre o enorme potencial turístico do estado e a importância da capacitação profissional para receber e atender com qualidade os visitantes.



Da esq. para dir.: Enéas dos Santos Brum, Presidente do Comércio Varejista de Jacarezinho, José Antônio de Oliveira Prefeito de Jacarezinho; Frederico Wiltemburg, Presidente do Conselho Regional do Senac; Maria Ap. Silva Martins e Luiz Carlos Martins, Deputado Estadual.

Fonte: Jornal Turismo é aqui!, agosto/2003, ano 03, nº 28

08



TURISMO é aqui!

Turismo Rural

Paranaguá: Agronegócios no Circuito das Colônias

O surgimento do Turismo Rural como negócio é creditado a Lages, Santa Catarina e região.

Por necessidades, interesses ou sonhos, empreendedores abriram historicamente as portas de suas propriedades rurais e deram importante contribuição para os serviços não-agrícolas.

Posteriormente tivemos a ocorrência de uma verdadeira estação pré-turismo rural em diferentes pontos do território brasileiro.

Se a atividade como negócio já acontecia na França, Portugal, Espanha e Itália, etc..., nós agregamos um diferencial: a brasilidade.

Nas palavras do casal Carminha e Renato Bravo- Empreendedores do Trem da Serra-Sobradinho-DF, ganhadores do "Oscar Espanhol" do turismo rural, fica claro as diferenças: "Aqui reunimos as raízes rurais, a cordialidade e a inventividade produtiva onde apresentamos não apenas um endereço, mas sim verdadeiros projetos de vida".

Em Paranaguá, com a iniciativa da Emater e Prefeitura, com apoio aos empreendedores, através de cursos, caravanas técnicas com visitas práticas, desenvolveu-se o Circuito das Colônias, com diversidade e produtos de qualidade prontos para atender aos turistas que terão no litoral outras opções de lazer.

O Sítio Rio das Pedras, é um dos locais para visitação onde podemos além de conhecer a propriedade pitoresca onde a paisagem é fantástica, saborear um delicioso café colonial e comprar produtos produzidos pela proprietária Maria José (Foto ao lado).

As balas de banana e gengibre são irresistíveis são o carro chefe dos quitutes.

Sr. Rocha e Maria José perfeitos anfitriões permitiram a publica-



ção da receita da bala de gengibre, inclusive com os pequenos "segredos".

Agende sua visita na próxima ida à Paranaguá no Circuito das Colônias, suas férias terão agora também um gostinho rural.

Serviços: Informações para visitas pelo fone: (41) 420-2930 (Secretaria da Agricultura, Pesca e Abastecimento)

RECEITA DA BALA DE GENGIBRE

INGREDIENTES

- 100 g de gengibre ralado
- 2 copos grandes de açúcar
- 1 copo de água
- 1 colher de suco de limão
- ½ colher de sobremesa de manteiga
- 1 colher de sopa bem cheia de glucose de milho

Modo de preparo:

Retire o suco do gengibre espremendo-o em um pano de prato bem limpo. Coloque todos os ingredientes em uma panela e leve ao fogo baixo até que todos se dissolvam.

Levar ao fogo, apurando até ponto de bala. Colocar em superfície de mármore ou inox untado com manteiga, fazer bolinha ou rolinho, cortando com tesoura rapidamente.

Rendimento: ½ kg de bala.

- Dica importante: não mexer enquanto estiver no fogo.

Fonte: Jornal Turismo é aqui!, outubro/2003, ano 03, nº 30

Anexo B: Entrevista da historiadora Patrícia M. Freitas



03

Entrevista
Refazendo o Turismo Rural

A entrevista desta edição do jornal **TURISMO É AQUI!** é com a historiadora e instrutora de turismo do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), Patrícia Mazon Freitas, de 37 anos. Ela administra a Pousada da Vinícola Mazon (Urussanga/SC) junto com o marido Antônio Carlos Freitas, de 40 anos, que é formado em administração de empresas e especialista em marketing, além de prestar consultoria ao Sebrae. Como empreendedores, foram premiados por idealizarem dois dos melhores projetos de desenvolvimento econômico através do turismo: "Navegar das Mercadões (1999)", em Florianópolis (SC), implantando Turismo de Aldeia e Roteiro dos Vinhos e Vinhedos, além do projeto "Pousada-Escola", o primeiro plano de formação em Turismo Rural. Em 1994, o empreendimento deles foi enquadrado pelo Icomos/Unesco como equipamento pertencente ao Patrimônio Histórico e Cultural, qualificando o local de Pousada Três Estrelas da Embatur. A pousada tornou-se a 24ª Pousada Histórica e a única no meio rural em todo o território nacional. A experiência e os desafios no empreendedorismo do turismo rural você confere nesta entrevista:



TURÉAQUI: Por que decidiram investir no turismo e como evoluiu até as atividades do novo negócio?

Patrícia Mazon: Em 1991, começamos apenas como empresa de cultivo de frutas e hoje somos detentores das terras que também abrigam a Vinícola Mazon, seus parreirais, áreas de reflorestamento e uma bela paisagem rural. Seis anos depois, sentimos dificuldade de comercializar sozinho e destino Urussanga... foi quando começamos a organizar o nosso bairro, depois a cidade e região. Participamos da criação da Associação de Moradores do Bairro São

Pedro, onde está instalada a pousada, depois do Conselho Municipal de Turismo de Urussanga e de Pedras Grandes. Agora, atuamos como consultores e instrutores. Já ministramos mais de 70 cursos em oito estados brasileiros e no planejamento do desenvolvimento turístico de mais de 20 cidades. Também já fomos professores e coordenadores do curso de Gestão do Turismo da Unisol em Iguara (SC). Com essa bagagem foi possível atuar em parceria com a comunidade e a micro-região do entorno. A integração propiciou o crescimento do negócio e os resultados estão sendo sentidos com a valorização dos atrativos turísticos e seus produtos, além de recursos humanos.

Qual a essência do projeto que ajudou a construir para que o Senar passe a ser referência no Turismo Rural?

PMF: O Plano de Formação em Turismo Rural foi idealizado por meu marido e sócio e redigido por nós dois. Trata-se de um grande manual de apoio nas áreas de gestão e operacional para quem atua ou vai atuar no ramo. Essa estratégia metodológica regional resultou no projeto "Pousada-Escola", que reúne parâmetros de atividade e valores da região para resgatar os hábitos e comercializar os produtos locais: no chamado Turismo de Aldeia. O curso já foi comprado pelo Paraná e se divide em módulos. O primeiro é de identificação e seleção de oportunidades. O passo seguinte é o planejamento da propriedade. Depois o curso ensina os segredos da boa culinária rural. O projeto termina com a implantação de pontos de venda dos produtos típicos e de artesanato e de roteiros de práticas turísticas. Tudo isso para qualificar e profissionalizar a família na prestação de serviço e na acolhida dos turistas.

Como a senhora analisa as possibilidades do turismo rural do Paraná? Os empreendedores do setor podem observar aprendizagens de Santa Catarina ou de outros locais?

PMF: O Paraná é um dos únicos estados no país que apresenta um meio rural bem delineado e diversificado, com agricultores fortes e paisagem moldada pelos processos produtivos agropecuários. Possui um grande mercado interno a explorar, junto às grandes cidades. O que falta é o retorno as origens, ou seja, tornar os empreendimentos com uma identidade regional, resgatando as origens das colonizações e demonstrando sua cultura através dos objetos de decoração, dos roteiros turísticos, da gastronomia, enfim, o Estado do Paraná não precisa copiar nenhum outro. Basta rememorar as suas origens para identificar sua diferencial frente aos outros e buscar a qualidade na prestação de serviços de turismo no meio rural.

Hoje a gastronomia virou atração turística, o que a senhora recomenda para quem está iniciando a atividade?

PMF: Buscar unir a sabedoria dos antigos com as técnicas dos grandes chefs, adaptando assim os receitas tradicionais com métodos seguros e saudáveis de cozimento, além da boa apresentação dos pratos. Tivemos uma experiência na nossa pousada, priorizando o serviço de alimentação em eventos programados e, já tivemos retorno. Hoje, temos uma agenda definida até o fim do ano. Com isso, conseguimos reduzir o preço das refeições, aumentar o fluxo e manter o faturamento. Outra postura adotada é a integração do roteiro, com hospedagem, alimentação e lazer, além de visitas ao centro de produção dos vinhos, shopping rural e museu vivo. Também fizemos convênios com a Unisol para cursos de extensão e com o Senar para cursos nas áreas de turismo, gastronomia e hotelaria. A nossa recomendação para quem pretende começar a atividade é ter consistência para fazer crescer uma região em conjunto, além de manter a qualidade nos serviços.

A pousada passou por alguma transformação para atender melhor os turistas?

PMF: Adotamos um programa chamado REFATER, depois de uma viagem nossa em 1988 à Europa. Consiste em Resgate do patrimônio histórico e cultural, Empreendedorismo, Fixação da família no meio rural, Aproveitamento e preservação dos recursos naturais, Zelo pela satisfação do visitante, Empreendedorismo e Renda. Esse programa gerou o projeto Roteiros do Turismo de Aldeia, a implantação da Associação Sul Catarinense de Empreendedores de Turismo Rural (Ascetur) e no esboço da Pousada Escola.

O que é o projeto Pousada-Escola?

PMF: O projeto visa à inovação na oferta de produtos e implantação de ações para atender o mercado. O diferencial está na excelência dos serviços. Depois de uma reforma, através de financiamento bancário, implantamos cursos de qualificação profissional para o setor turístico da região. Aproveitamos a sazonalidade para, nos dias de semana, capacitar empreendedores e planejadores do turismo no espaço rural. Hoje a nossa prioridade não é mais só com a hospedagem. O nosso foco é a gastronomia. Tudo agora passou a girar em torno das atividades do restaurante. Até os funcionários estão integrados ao programa, agora, fazem e recebem de láos fora do expediente de trabalho.

Saiba mais sobre o projeto: www.pousadaescola.com.br
 Visite: Pousada da Vinícola Mazon, Estrada Geral de São Pedro, Urussanga (SC)

Cesumar, há 13 anos contribuindo

Cursos Superiores de Graduação
 • Administração • Letras - Inglês

Fonte: Jornal Turismo é aqui!, agosto/2003, ano 03, nº 28

Anexo C: Divulgação do Hotel Fazenda Ubatuba no Jornal Turismo é Aqui!

10



Hotel Fazenda Ubatuba

Perfeito para seu descanso, sua convenção ou evento.

(44) 3031-0900
(43) 440-1212

www.hotelfazendaubatuba.com.br
Apucarana - PR

**NAS SUAS FÉRIAS
LUA DE MEL
FERIADOS
OU TREINAMENTOS
EMPRESARIAIS CONHEÇA
NOSSAS POUSADAS RURAIS.**



Turismo Regional
CENTRAL DE RESERVAS

www.turismoregional.tur.br • turismoregional@wnet.com.br

(44) 3026 8955 • 224 9955

MARPA
MARCAS E PATENTES
44 - 9101-6459

ueta
Maringá - Paranavai - Umuarama

VMM
CÂMBIO E TURISMO
Maistrovicz Câmbio e Turismo Ltda.
Praça Rui Barbosa, 54 - Tel. (43) 422-3005
Fax (43) 423-1557 - Apucarana - PR
E-mail: vmmtur@uol.com.br - www.vmmtur.com.br

Câmbio de moedas
estrangeiras
Passagens aéreas
nacionais
e internacionais
37-3-1027-2

E

O Escotismo é um movimento fundado por Powell em 1907 na Inglaterra. De início com a participação de pazes, espalhando-se rapidamente por todo o mundo.

Tendo como objetivo incutir na juventude e princípios morais e o escotismo busca desenvolver nos jovens a capacidade de viver em uma comunidade ideal de boa vontade.

No Brasil foi introduzido por pioneiros e oficiais da FIEP. Atualmente conta com cerca de 100 mil membros.

Em Maringá existe o Grupo Escoteiro, que conta com cerca de 100 membros, dentre eles voluntários e profissionais. Nossas atividades são realizadas em um grupo escoteiro, situado na Rua do Comércio, 100. Contatos pelo telefone (43) 324-1111.

Ana Leticia Fernan

O C
Fiação
Av. Getúlio Vargas, 100
(continuação da av.)

REOM
COMPONENTES ELÉTRICOS
Av. Colégio, 100
Fone: (43) 324-1111

EA
Esp



Fonte: Jornal Turismo é aqui!, agosto/2003, ano 03, nº 28

Anexo D: Matéria publicada na Revista Veja

ECONOMIA

MP por um fio

istá perigando a medida provisória que deu status de ministro ao presidente do Banco Central, Henrique Meireles. A consultoria Arko Advice fez uma sondagem com 4 deputados influentes, incluindo líderes partidários, governistas e de oposição e residentes de partido. O resultado mostra que a votação da MP será no mínimo complicada: o governo terá de se empenhar muito para evitar uma derrota. A data-limite para a aprovação da MP é 13 de dezembro.

Fraudes a rodo

Todo cuidado é pouco: nada menos que 70% das 1 000 maiores empresas brasileiras sofreram algum tipo de golpe nos dois últimos anos. A revelação é de um levantamento inédito que a KPMG divulga nos próximos dias. Os tipos de fraude que resultaram nas maiores perdas são o roubo de ativos e a falsificação de cheques, documentos e recibos de despesas.

Maranhenses na lona

O senador José Sarney escapou por um triz, sacando na véspera, mas os maranhenses têm razões de sobra para ficar com a cabeça inchada depois da interven-

O spa ecológico do Ratinho

Ratinho, que já é dono e sócio de dezenas de negócios, que vão desde a fabricação de extrato de tomate e tinta até a criação de gado, está entrando em mais um setor. Acabou de comprar uma fazenda em Apucarana, no Paraná, por 12 milhões de reais. Ele vai montar um spa ecológico em terras cuja área equivale à de 51 estádios do Maracanã. Ecológica-mente correto, preservará intocados os 50% de mata virgem que fazem parte daquele pequeno paraíso.

Ratinho:
ecologicamente
correto



ção no Banco Santos. Tanto a caixa de previdência dos funcionários do Banco do Maranhão (que perdeu 5 milhões de reais) quanto o fundo de previdência dos servidores do Maranhão (que ficou sem 18 milhões de reais) estão a ver navios.

ARTE

Monsieur Edemar

Não são apenas o governo federal e os

correntistas que estão preocupados com os efeitos da quebra do Banco Santos. Em Paris, os vendedores de fotografias e documentos históricos brasileiros do século XIX se encontram apreensivos. Não faz muito tempo, o sem-banco Edemar Cid Ferreira circulava como grande colecionador pela cidade, um dos maiores mercados dessas preciosidades no mundo.

Resultado: jogou os preços nas alturas. Coisa de quebrar a banca. Todos só queriam vender ao ex-banqueiro — as fotos e os documentos, então, sumiram da praça. E, agora, Edemar também.

TELEVISÃO

Audiência assanhada

O canal de TV a cabo Sexy Hot, da Net, veio cheio de homens sedentos de imagens quentes, mudou de lado. Sua especialidade agora é satisfazer o público feminino. A troca se deu com a entrada no ar do novo cardápio, que inclui casas de suíngue e chás sexuais. A troca foi bom negócio. As mulheres, que no início do ano representavam 33% dos espectadores, hoje somam 54% do total. E a audiência feminina continua subindo.

Colaborou Ronaldo França

e-mail: ljardim@abril.com.br



SOBE

MIGUEL NICOLELIS

▲ O neurocientista paulista foi eleito um dos cinquenta líderes da ciência mundial pela *Scientific American*, a revista de divulgação científica mais importante do mundo.

LESBIANISMO

▲ A cena de *Senhora do Destino* em que duas lésbicas aparecem dormindo seminuas na mesma cama registrou uma média de 48 pontos no Ibope na quinta-feira passada.

ANTONIO PALOCCI

▲ Lula reafirmou diante dos ministros petistas que a política econômica não muda.

SEGURANÇA PÚBLICA

▼ Os traficantes conseguiram aterrorizar duas capitais do Sudeste na semana passada — Rio de Janeiro e Vitória.

DÓLAR

▼ Bateu 2,74 reais e chegou ao nível mais baixo desde junho de 2002.

PT

▼ O presidente Luiz Inácio Lula da Silva decidiu diminuir o número de petistas no ministério.

Anexo E: Matéria publicada no Jornal Tribuna do Norte

TRIBUNA DO NORTE

www.tribunadonorte.com

DIÁRIO DO PARANÁ

30 de 2004

Diretor: Baltazar Eustáquio de Oliveira

Ígio sobe à meia-noite de

PIO CHEGA A 16%; EMPRESAS DIVULGAM TABELA MESMO SEM A HOMOLOGAÇÃO

TURISMO RATINHO COMPRA A FAZENDA UBATUBA



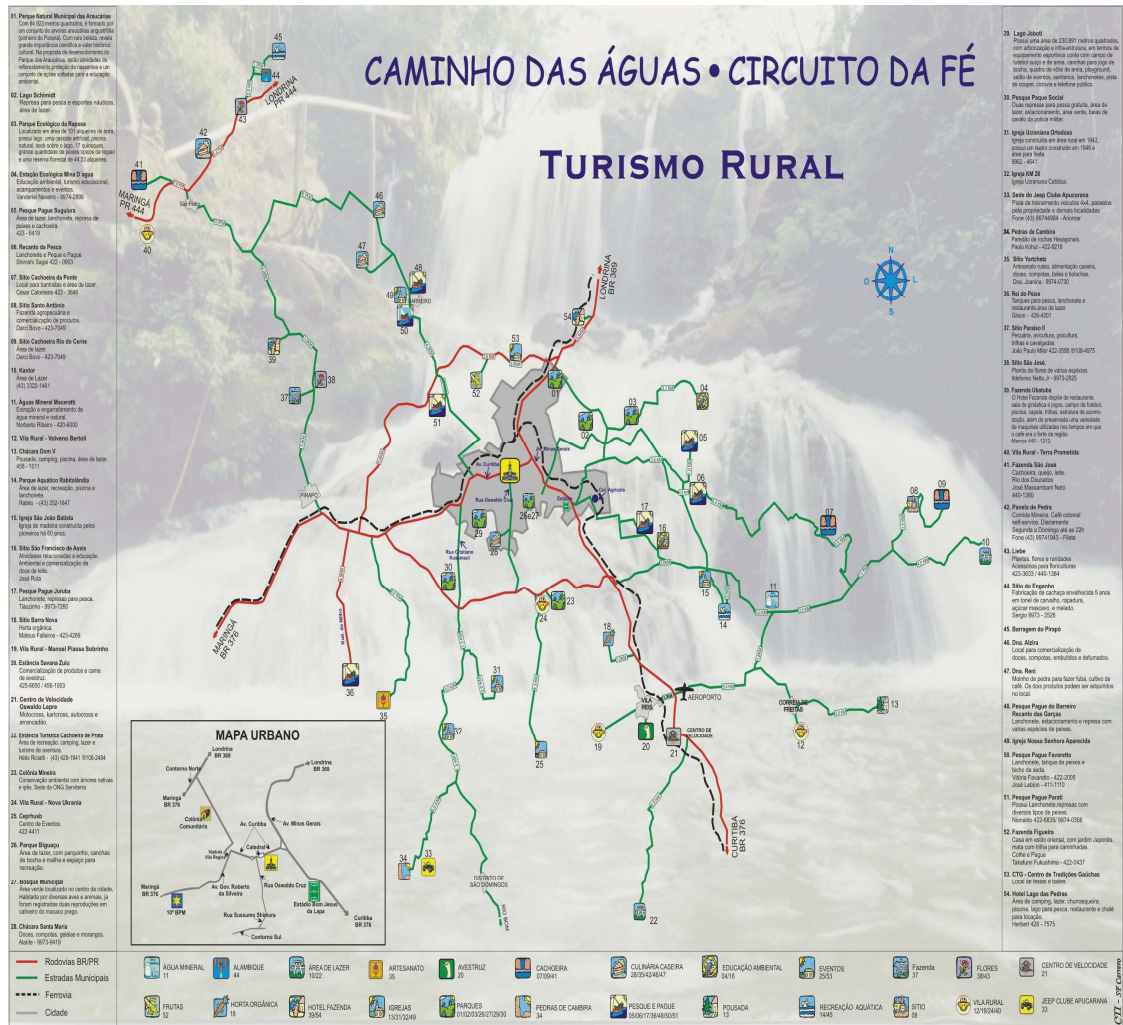
A assessoria do apresentador Carlos Roberto Massa, o "Ratinho", confirmou ontem à *Tribuna* a compra da Fazenda Ubatuba (foto), em Apucarana, pelo grupo do qual ele é sócio majoritário, o Massa&Massa. A meta é investir ali em um spa ecológico, com preservação da área de mata. Segundo a revista 'Veja', Ratinho teria pago R\$ 12 milhões pela propriedade, mas a Agropecuária Ubatuba assegura que negócio envolve, até o momento, R\$ 6,7 milhões e abrange 250 alqueires. **Cidades PG-07**

13º libera R\$ 10 milhões em Apuc

Fonte: Jornal Tribuna do Norte, ano XIV, nº 4139, 30 de novembro/2004.

A maioria dos trabalhadores com

Anexo F: Folder do roteiro Caminho das Águas – circuito da fé: turismo rural



Fonte: www.apucarana.pr.gov.br/turismo

Anexo G: Matéria publicada no jornal Tribuna do Norte

Ratinho confirma compra da Fazenda Ubatuba

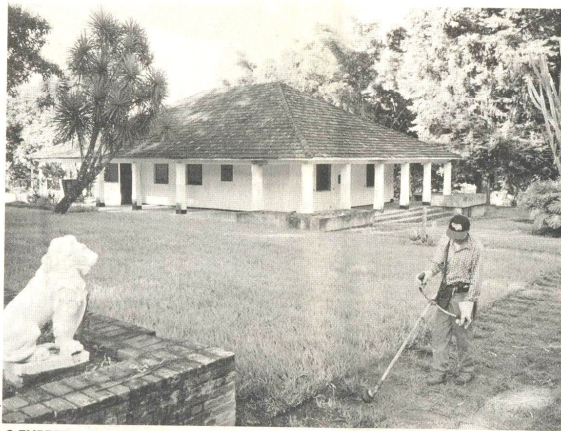
Apresentador de televisão anuncia investimento na implantação de um Spa Ecológico em Apucarana

MAURÍCIO BORGES
DA REPORTAGEM LOCAL

A assessoria do apresentador de televisão Carlos Roberto Massa, o "Ratinho", confirmou ontem a compra da Fazenda Ubatuba, no município de Apucarana, pelo Grupo Massa&Massa. No local, o grupo que tem como sócio majoritário o próprio Ratinho, planeja adaptar as instalações e investir na implantação de um Spa Ecológico.

De acordo com nota publicada na edição desta semana da Revista Veja, Ratinho teria pago R\$ 12 milhões pela fazenda. O negócio deve ter repercussão altamente positiva para o município, que irá receber constantemente personalidades do mundo artístico e cultural, além de renomados empresários de todo o País. O investimento de Ratinho em Apucarana também deve servir para consolidar o perfil de turismo ecológico, que o prefeito Valter Peçorer vem trabalhando e incentivando há quatro anos.

Em contato telefônico ontem com Arlindo Camini Júnior, o "Bia",



O EMPREENDIMENTO na Ubatuba deverá atrair personalidades do mundo artístico e cultural, além de empresários

assessor direto do apresentador, a reportagem da Tribuna foi informada de que ele não poderia atender a ligação porque estava em reunião com Silvio Santos.

Porém, Bia confirmou o teor da nota publicada na Veja. Ele anunciou ainda que no mês de dezembro Ratinho fará o lançamento oficial do empreendimento em Apucarana, e que pretende preservar toda área de mata.

Há alguns dias, quando passou rapidamente por Apucarana e Jandaia do Sul, o apresentador

concedeu entrevista exclusiva à Tribuna, no Aeroporto Capitão João Busse. Na ocasião, ele se negou a falar sobre o grave acidente que sofreu numa viagem de São Paulo a Curitiba, na Rodovia Régis Bittencourt. Ao mesmo tempo, Ratinho revelou já que estava praticamente concluída a negociação para compra da Fazenda Ubatuba, mas pediu sigilo sobre a transação.

NEGÓCIO

Além do valor de R\$ 12 mi-

lhões da transação, divulgado pela Revista Veja, outra versão sobre o negócio dá conta que o apresentador Ratinho teria adquirido os 400 alqueires da propriedade, por R\$ 8,7 milhões. Estariam incluídas no negócio a sede da fazenda, onde funciona há pouco mais de um ano o Hotel Fazenda Ubatuba; uma área de cerca de 200 alqueires de mata nativa; e outras áreas de pastagens e culturas brancas.

Já a administração da Agropecuária Ubatuba assegura que

Da cafeicultura ao ecoturismo

Há pouco mais de 65 anos, depois da abertura das primeiras picadas em meio a uma densa mata nativa, iniciava-se a história da mais tradicional fazenda do município de Apucarana. Trata-se da Ubatuba, que no final da década de 1930 tinha quase 5 mil alqueires de área. A sede da fazenda foi formada junto ao conjunto de minas descobertas pelo pioneiro Erwin Schindler.

Acompanhado de um topógrafo e um agrimensor, Schindler se lançou numa verdadeira saga mata adentro. E, após muitos dias de árduas caminhadas, abertura de picadas e enfrentamento de animais perigosos como onças, eles finalmente chegaram ao planalto da futura Apucarana, onde descobriram as "minas de água da futura Fazenda Ubatuba".

Na década de 60, no auge da cafeicultura, a Fazenda Ubatuba foi referência nacional em produtividade e tecnologia. Na

propriedade havia armazém, posto de saúde e farmácia. Nesta época, a fazenda contava com nada menos do que 400 famílias de trabalhadores para tocar a lavoura.

Mas o ano de 1975, mais precisamente o dia 18 de julho, foi devastador para a cafeicultura que foi dizimada pela "geada negra". Foi necessário erradicar praticamente 75% dos cafeeiros e tentar recomendar. Mas depois de sucessivas geadas, a nova geração da família Schindler decidiu diversificar a propriedade.

A última transformação foi a implantação do Hotel Fazenda Ubatuba. A partir de julho de 2003, a sede da propriedade foi adaptada para o turismo rural e agora, cederá espaço para um Spa Ecológico, um empreendimento moderno, mas que preservará e terá como atrativo, o vigor e a beleza da exuberante natureza da Ubatuba. (MB)

até o momento foi concretizada apenas a venda de parte da fazenda, totalizando 250 alqueires, por R\$ 6,7 milhões. "Uma outra área de 150 alqueires da fazenda, que é de propriedade de um sócio da empresa, resi-

dente na Alemanha, continua em negociação com o Grupo Massa&Massa, que deseja fechar a compra integral dos 400 alqueires da Ubatuba", revelou a fonte, que preferiu não se identificar.

Fonte: Jornal Tribuna do Norte, ano XIV, nº 4139, 30 de novembro/2004, pág. 07.

Anexo H: Matéria publicada no jornal Apucarana é exemplo – ed. abril/2005

POUCARANA **E** exemplo

RAÇÃO DE EMPREGOS Empresários acreditam na cidade

Desde o início do ano, novas empresas se instalaram em Apucarana e outras já anunciaram investimentos ou ampliaram suas instalações, gerando cerca de 1.000 novos empregos

Tropical Shop



O Tropical Shop concentra as principais tendências da moda confeccionadas em diversas regiões do País, inclusive de Apucarana e região, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Possui 66 lojas, dentre elas confecções masculinas, femininas e infantis, acessórios, além de lingerie. O empreendimento oferece pousada

com suítes, praça de alimentação com restaurante e lanchonete, centro de treinamento, central de guias, capela ecumênica, estacionamento, acesso facilitado com rampas, entre outros atrativos. A previsão é de receber cerca de 20 mil compradores por mês e que sejam gerados cerca de 500 empregos diretos.

Universidade do Café



O apresentador Carlos Massa Ratinho, do SBT, afirmou que vai implantar em Apucarana, mais precisamente na Fazenda Ubatuba, a Universidade do Café. Trata-se de um projeto complexo e audacioso. Ratinho disse que "Apucarana será o Município que mais vai crescer no Paraná nos próximos anos."

Casas Bahia



Fundada há mais de 50 anos por Samuel Klein, a maior rede varejista do Brasil está chegando a Apucarana para se instalar em amplo prédio na Praça Rui Barbosa. A rede Casas Bahia tem hoje perto de 400 unidades em todo o Brasil. Em Apucarana, a estimativa é que o empreendimento gere 60 empregos diretos.

Fonte: Jornal Apucarana é exemplo, abril/2005